

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CMG LUIZ CLAUDIO PEIXOTO DE AZEVEDO

IRAQUE, 2003: ENCONTRO DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA
COM A GEOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA.

Rio de Janeiro

2007

CMG LUIZ CLAUDIO PEIXOTO DE AZEVEDO

IRAQUE, 2003: ENCONTRO DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA
COM A GEOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA.

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Política e Estratégia Marítimas.

Orientador: CMG (RM1) Francisco Eduardo Alves de Almeida.

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval

2007

RESUMO

O fundamento clássico das teorias sobre as relações internacionais reside no papel central desempenhado pelo Estado. O sistema internacional é o cenário no qual se desenrola a política externa. Esse modelo, contudo, foi questionado, a partir de posições divergentes, no momento em que se dissolvia o sistema internacional da Guerra Fria. Assim, existe o consenso de que vivemos um período de transição, em um mundo cada vez mais complexo. Diante do período de mudanças da ordem internacional, quando uma nova estabilidade sistêmica ainda não se consolidou, o valor da geopolítica e de suas contribuições para a análise das relações internacionais passou a ser contestado. Nesta monografia, apresentamos e analisamos a influência da geopolítica com as relações internacionais no século XXI, a partir das origens da geopolítica como disciplina e considerando que a Guerra do Iraque compõe o processo histórico que assinala o início desta era. Apresentamos, também, as principais teorias geopolíticas, as quais são analisadas no contexto do conflito no Golfo Pérsico, iniciado em 2003. Por fim, são apresentados comentários sobre a validade das teorias geopolíticas, clássicas e contemporâneas, no mundo hodierno, bem como, uma perspectiva de utilização de seus conceitos.

Palavras-chave: Geopolítica. Relações internacionais. Guerra do Iraque.

ABSTRACT

The international system is the arena in which external politics takes place. The classical model in international relations theories attributes the State a central role. However, this model came to question when the international system started to dissolve in view of the Cold War. There is now overall consensus that we are living at a restless time, when the international system is becoming ever more complex. In this current state of international affairs, with international stability yet to be achieved, the value of geopolitics and its contributions to international relations must be reevaluated. This monograph studies the influence of geopolitics on international relations in the 21st Century. From the origins of geopolitics as a discipline, and considering the Iraq War as the critical historical event that sparked the beginning of a new age, this work presents the main geopolitical theories that emerged from 2003 and analyzes them in the context of the Persian Gulf conflicts. The validity of various, classical and contemporary, geopolitical theories is analyzed in the context of the current state of international affairs.

Key words: Geopolitics. International relations. Iraq War.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do Iraque	77
Figura 2 - Mapa do Iraque	78
Figura 3 - Mapa: povos do Oriente Médio	79
Figura 4 - Mapa: principais oleodutos do Iraque	80
Figura 5 - Mapa: choque de civilizações, pós-1990	81
Figura 6 - Mapa: o tabuleiro de xadrez de Brzezinski	82
Figura 7 - Mapa: teoria do poder terrestre	83
Figura 8 - Mapa: teoria das pan-regiões	84
Figura 9 - Mapa: teoria das fimbrias	85
Figura 10 - Mapa: teoria do poder aéreo	86
Figura 11 - Mapa do Iraque, oleodutos	ANEXO B
Figura 12 - Mapa do Iraque, oleodutos	ANEXO B
Figura 13 - Fotografia de Ratzel	ANEXO B
Figura 14 - Fotografia de Mackinder	ANEXO B
Figura 15 - Fotografia de Mackinder	ANEXO B
Figura 16 - Mapa: teoria do poder terrestre	ANEXO B
Figura 17 - Mapa: teoria do poder terrestre	ANEXO B
Figura 18 - Fotografia de Mahan	ANEXO B
Figura 19 - Imagem de Kjellen	ANEXO B
Figura 20 - Fotografia de Haushofer	ANEXO B
Figura 21 - De Mackinder a Spyman, ilustração	ANEXO B
Figura 22 - Mapa: teoria das fimbrias	ANEXO B
Figura 23 - Fotografia de Douhet	ANEXO B
Figura 24 - Fotografia de Seversky	ANEXO B
Figura 25 - Mapa: teoria do poder aéreo	ANEXO B
Figura 26 - Fotografia de Fukuyama	ANEXO B
Figura 27 - Fotografia de Huntington	ANEXO B

Figura 28 - Mapa: choque de civilizações, pós-1990 ANEXO B

Figura 29 - Fotografia de Brzezinski ANEXO B

- As figuras 1 a 10 também são apresentadas, digitalizadas, no ANEXO B.

- Além de apresentar figuras complementares, o ANEXO B foi preparado de modo a facilitar a visualização das figuras e a localização das principais cidades mencionadas no texto.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A GEOPOLÍTICA E AS GEOPOLÍTICAS	11
2.1	A geopolítica	13
2.2	As teorias geopolíticas	15
2.3	Classificação das teorias geopolíticas	16
2.4	Considerações parciais	17
3	A GUERRA DO IRAQUE	18
3.1	O início da guerra e as suas conseqüências	19
3.2	As possíveis causas e objetivos	21
3.3	O final da guerra que não acabou	25
3.4	Considerações parciais	27
4	A ATUALIDADE DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA	28
4.1	As teorias clássicas	29
4.2	As geopolíticas clássicas e a Guerra do Iraque	30
4.2.1	A geopolítica do petróleo	30
4.2.2	Conseqüências da guerra baseadas na geopolítica clássica	34
4.2.3	Douhet e Mahan presentes na Guerra do Iraque	36
4.3	Considerações parciais	38

5	NOVAS GEOPOLÍTICAS EM QUESTÃO	40
5.1	As geopolíticas contemporâneas e a Guerra do Iraque	41
5.1.1	O fim da história de Francis Fukuyama	41
5.1.2	O choque das civilizações de Samuel Huntington	43
5.1.3	O tabuleiro de Zbigniew Brzezinski	48
5.2	Considerações parciais	52
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	56
	APÊNDICE	67
	ANEXOS	77

1 INTRODUÇÃO

O fim da Guerra Fria não se limitou a modificar a **distribuição** do poder mas, essencialmente, alterou a própria **natureza** do poder geopolítico. Durante as décadas da Guerra Fria, armas e poder tornaram-se quase sinônimos. O sistema internacional que se desenhou após a queda do Muro de Berlim tende a diluir essa identidade, desvinculando - ao menos parcialmente - o poder geopolítico dos arsenais militares. Outras dimensões de poder, quase esquecidas, reaparecem no centro da cena.¹

Manhã do dia 19 de março de 2003. “*L'ONU pourrait sortir renforcée de la crise irakienne*”,² com esta manchete, o *Le Monde*, de Paris, chegava às bancas, comentando a iminente Guerra do Iraque. Para o jornal francês, o início do conflito armado seria um duro golpe para a Organização das Nações Unidas (ONU), mas não um golpe fatal. Embora com um epílogo frustrante, destacou-se a batalha diplomática travada pela organização para evitar a guerra. As Nações Unidas não cederam às pressões norte-americanas.³

Noite do dia 19 de março de 2003. Lançados por caças F-117, quarenta mísseis *Tomahawk* e dezenas de bombas atingiram alvos selecionados da capital do Iraque. Era o início da Guerra do Iraque.

Semanas antes, os Estados Unidos tentaram ratificar no Conselho de Segurança da ONU uma resolução aprovando a guerra. Esbarraram na oposição da França, Rússia e China. Semanas depois, mesmo sem o aval da ONU, Bagdá seria tomada por tropas norte-americanas, e o governo de Saddam Hussein chegaria ao fim.⁴

Importante destacar que o fundamento clássico das teorias sobre as relações internacionais reside no papel central desempenhado pelo Estado. O sistema internacional é o cenário no qual se desenrola a política externa. Esse modelo, contudo, foi questionado, a partir de posições divergentes, no momento em que se dissolvia o sistema internacional da

¹ MAGNOLI, 2004a, p. 174, grifo do autor.

² A ONU poderia sair reforçada da crise iraquiana, tradução nossa.

³ TRÉAN, 2003.

⁴ MAGNOLI, 2004b, p. vii.

Guerra Fria. Assim, existe o consenso de que vivemos em uma época agitada, em um mundo cada vez mais complexo.

A decisão americana⁵ de ir à guerra sobrepondo-se à decisão do Conselho de Segurança demonstrou que, no dealbar do século XXI, os Estados podem se comportar como no século XVII, quando Thomas Hobbes elaborou o conceito de que o sistema internacional é essencialmente anárquico.⁶ “A anarquia é a regra; a ordem, a justiça e a moralidade são exceções”, resumiu o professor de Relações Internacionais, Robert Gilpin.⁷

Há mais de um século, o geógrafo Halford John Mackinder proferiu, na Real Sociedade Geográfica de Londres, a famosa conferência *The Geografic Pivot of History*, quando apresentou a sua teoria geopolítica e estratégica do poder terrestre. Foi ele quem provavelmente mais contribuiu para a popularidade da geopolítica.⁸

Diante do atual período de mudanças da ordem internacional, quando uma nova estabilidade sistêmica ainda não se consolidou, o valor da geopolítica e de suas contribuições para a análise das relações internacionais passou a ser questionado.

Neste inusitado cenário, nem mesmo os Estados Unidos concluíram inteiramente a revisão de seu papel no mundo. Esta situação torna ainda mais difícil o trabalho análogo pelos outros Estados, para os quais a postura americana é essencial para suas próprias revisões estratégicas. As conseqüências das profundas mudanças, já ocorridas ou em andamento, não podem ser desprezadas pelos Estados, que deveriam buscar, tão logo quanto possível, entender seu real significado.

Vale ressaltar que a compreensão dos paradigmas atuais se reveste de grande importância, especialmente para o caso do Brasil, que tem uma fisionomia geopolítica notável na América do Sul. A percepção do contexto hodierno, ajudará a engendrar uma conduta político-estratégica, no intuito de efetuar uma inserção mundial, baseada em uma *rationale* geopolítica verdadeiramente nacional.⁹

Com relação ao conflito no Golfo Pérsico, foi possível vislumbrar, na prática, conceitos geopolíticos, clássicos e contemporâneos, identificando-se os principais atores, a correlação de forças e as inúmeras facetas das relações de poder mundial ou regional.

⁵ O termo ‘americano’, neste trabalho, é utilizado como forma reduzida de norte-americano (FERREIRA, 1975, p. 84).

⁶ MAGNOLI, 2004b, p. vii.

⁷ GILPIN, 1984 *apud* HORTON, 2002, tradução nossa.

⁸ MELLO, 1999, p. 11.

⁹ REGO, 2004, p. 151.

Muitas são as obras que estudam as relações internacionais a partir de aspectos geopolíticos.¹⁰ Acredita-se que estes estudos são beneficiados, de modo relevante, pela geopolítica, na medida em que a disciplina é entendida como uma ferramenta, técnica e neutra, que garante conclusões objetivas, obtidas da análise das relações entre os Estados.

Foi neste rumo, portanto, analisando-se, sobretudo, o relacionamento das teorias geopolíticas com a Guerra do Iraque, iniciada em 2003, que a presente monografia tem como objetivo apresentar e analisar a influência da geopolítica nas relações internacionais após a Guerra Fria.

Neste estudo, foram tecidos, também, algumas considerações sobre a validade da geopolítica na determinação de cenários prospectivos ou visões de futuro.

Nos capítulos dois e três, de forma sucinta, são apresentados os fundamentos geopolíticos e a Guerra do Iraque, de modo a proporcionar um embasamento teórico e histórico ao trabalho.

No quarto capítulo, destaca-se os conceitos da geopolítica clássica que, considerados válidos, podem ser observados na Guerra do Iraque.

As novas concepções geopolíticas e os elementos para uma geopolítica do século XXI, bem como suas possíveis aplicações no desenvolvimento do conflito no Golfo Pérsico, são apresentados no capítulo cinco.

No último capítulo, relata-se os comentários finais sobre a geopolítica nos dias atuais e apresenta-se uma perspectiva de utilização das teorias geopolíticas.

Cabe lembrar que o APÊNDICE A e os ANEXOS complementam o texto, expondo um resumo das principais teorias geopolíticas clássicas e uma coletânea de figuras, respectivamente.

¹⁰ Como exemplos, temos: NISSANKA, H. S. S. *International relations and geopolitics*. New Delhi: Vikas, 1997; WILENSKY, Alfredo Héctor; COSTA DIOGO, Luís Manuel Gomes da; JANUÁRIO, Rui Justino. *Geopolítica e relações internacionais*. Lisboa: Quid Júris, 2005 e CARVALHO, Leonardo Arquimimo de (Coord.). *Geopolítica e relações internacionais*. Curitiba: Juruá, 2006.

2 A GEOPOLÍTICA E AS GEOPOLÍTICAS

Do ponto de vista clássico, o conhecimento científico é aquele capaz de explicar os fatos pelas suas causas determinantes e constitutivas. Sua principal característica é a capacidade de exprimir conclusões em enunciados gerais que traduzem uma relação constante entre causa e efeito.¹ Sob este enfoque, dificilmente se poderia classificar a geopolítica como uma ciência.

Entretanto, desde o final do século XIX, muitos pensadores, entre os quais se destaca Max Weber, passaram a sustentar que o rigor científico das ciências sociais não depende de se copiar ou adaptar os métodos das ciências naturais. Em lugar de formular explicações na forma de leis naturais ou de trabalhar numericamente, o cientista social deveria proceder de modo mais subjetivo e intuitivo, e compreender a realidade humana com que se defronta. Em vez de lidar com situações de laboratório, deveria interpretar os fenômenos humanos tal como se dão, com suas incoerências e complexidade, e resgatar o sentido que têm para os grupos estudados.² A geopolítica, portanto, pode ser entendida como uma ciência.

A metodologia científica, contudo, não evita a elaboração e a convivência de teorias discordantes sobre o mesmo tema. A existência de teorias conflitantes não extingue o caráter científico das ciências sociais, mas mostra o grande risco de serem influenciadas por ideologias.³

O surgimento da geopolítica, como ciência, ocorreu na Alemanha, com a obra de Friedrich Ratzel, e teve relação direta com seu momento histórico. No fim do século XIX, o país emergia como potência, mas seu território se encontrava fragmentado em vários Estados autônomos. Dessa forma, a unificação territorial, ocorrida em 1871, sob a liderança de Bismarck, foi a estratégia para a consolidação do Estado alemão.⁴

Posteriormente, já no século XX, o inglês Halford Mackinder foi quem provavelmente mais contribuiu para a popularidade da geopolítica, lançando algumas das idéias que a escola alemã depois retomou, a serviço do imperialismo.⁵ Sua teoria se expressava em três assertivas que se apresentavam como indiscutíveis leis científicas: quem

¹ RUIZ, 1977, p. 123–124.

² NOGUEIRA, 1999.

³ MAGNOLI, 2004a, p. 15.

⁴ COHEN, 2003, p.13.

⁵ Neste trabalho, o termo 'imperialismo' será utilizado com o significado de política de expansão e domínio territorial e/ou econômico de um Estado sobre outros (FERREIRA, 1975. p. 751).

domina a Europa oriental domina o “*heartland*”,⁶ quem domina o “*heartland*” domina a ilha mundial;⁷ quem domina a ilha mundial domina o mundo. Essas afirmativas foram propagadas e tiveram grande aceitação. Por intermédio dos geopolíticos alemães, Hitler as conheceu. Assim, a Alemanha nazista justificou suas pretensões expansionistas em direção às estepes férteis ucranianas e ao Cáucaso, rico em petróleo, com a premissa de que o Estado precisava de espaço para sobreviver.⁸

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a geopolítica entrou em crise. Ao ser transformada em uma ideologia, justificadora de conquistas, perdeu sua expressão científica e passou a ser considerada como sofisma de imperialistas. Por essa razão, durante três décadas, até o uso do vocábulo foi praticamente abolido.⁹

A esse respeito, o professor Leonardo Arquimimo de Carvalho é bastante explícito: “As circunstâncias particulares em que a geopolítica foi gestada (*sic*) e a forma como foi utilizada acabaram confundindo o conhecimento com a práxis”.¹⁰ Sua utilização foi distorcida e seus conhecimentos foram considerados superados e sectários.

A partir de meados da década de 70, principalmente pelos trabalhos de Yves Lacoste, a geopolítica retornou aos glossários acadêmicos e políticos, em resultado da seguinte conjuntura: distanciamento temporal da Segunda Guerra Mundial (e do nazismo de Hitler), a guerra nuclear como um novo fator a ser considerado nas relações internacionais e início de conflitos que não eram explicados pela lógica da confrontação ideológica.¹¹ Com os novos questionamentos decorrentes, foi mister que a geopolítica fizesse novas reflexões e renunciasse a parte dos seus conceitos clássicos.¹²

Porém, se por um lado, a retomada do interesse pelo saber geopolítico retirou o vocábulo do “exílio”, por outro, a sua utilização passou a ser feita de modo indiscriminado. A presença de um sentido ingênuo nos estudos relacionados à geopolítica acarretou a utilização do termo com diversas acepções e em variados contextos. Desse modo, paradoxalmente, à medida que mais se usava o conceito, mais impreciso ele se tornava. Quando passou a denotar quase tudo, tornou-se genérico. E genérico, tornou-se vago, perdendo o seu significado.¹³

⁶ Região que compreende a Europa Oriental desde a bacia do Volga até a Ásia Central e a Sibéria.

⁷ Região que compreende a Europa, a Ásia e a África.

⁸ ARON, 1979, p. 206.

⁹ FERNANDES, 2002, p. 12.

¹⁰ CARVALHO, 2006, p. 17.

¹¹ A guerra entre o Vietnã e o Camboja é um exemplo de conflito entre dois Estados com semelhante ideologia socialista e comunista.

¹² VESENTINI, 2004, p. 31.

¹³ FERNANDES, 2002, p. 25.

Por esses motivos, a geopolítica teve a sua validade, muitas vezes, questionada. Criticada por alguns, defendida entusiasticamente por outros, constitui, na atualidade, um tema tanto interessante, quanto polêmico.

2.1 A GEOPOLÍTICA

Observaram-se concepções geopolíticas ao longo de toda a história da humanidade. Embora não-sistematizados, foram encontrados textos na Antiguidade e na Idade Média, sobre o assunto. Heródoto, Hipócrates, Tucídides, Platão, Aristóteles, Estrabão e Maquiavel são alguns de seus autores. Encontramos, em suas obras, reflexões sobre a influência do meio ambiente geográfico sobre o homem e suas organizações políticas. “Terras férteis homens indolentes, terras ásperas homens duros”, filosofou Heródoto.¹⁴

Desde os primórdios da civilização, portanto, a interpretação de aspectos e fenômenos dos espaços geográficos tem influenciado as decisões políticas. Antes mesmo do surgimento da geopolítica como ciência, ela já era praticada, de acordo com os objetivos específicos das nações ou dos Estados.¹⁵

Mas o neologismo surgiu somente em 1900, e o jurista sueco Rudolf Kjellen foi o seu mentor. No entanto, a definição do vocábulo só apareceu em 1916, quando Kjellen escreveu “*O Estado como forma de vida*”.¹⁶ Baseando-se nas obras de Ratzel e renunciando as de Haushofer, a geopolítica foi por ele definida como “a ciência que estuda o Estado como organismo geográfico, isto é, como fenômeno localizado em certo *reich*”.¹⁷

Reich é uma palavra de difícil tradução. Literalmente significa reino, império, mas também pode denotar *der Bereich*, o domínio, o terreno, o alcance.¹⁸ Contém, portanto, o sentido de *dominiu*, na acepção latina do vernáculo: dominação, autoridade, poder.¹⁹ Assim, a geopolítica considera o território e tudo o que nele se encerra.

O termo parece ter significado bastante amplo. No entanto, quando foi criado, era apenas um dos cinco ramos em que Kjellen dividiu a política: *ekonopolitk* (atividade econômica), *demopolitk* (relações políticas do povo e as raças, como nação), *sociopolitk* (a sociedade dentro da nação), *cratopolitk* (questões de governo e administração) e a *geopolitk* (o território como organização política).

¹⁴ HERÓDOTO *apud* MATTOS, 2007, p. 83

¹⁵ MAFRA, 2006, p. 35.

¹⁶ CHAUPRADE, 2003, p. 29.

¹⁷ RATZEL *apud* BONFIM, 2005, p. 22.

¹⁸ TOCHTROP, 1968, p. 421.

¹⁹ FERREIRA, 1975, p. 491.

Os ramos eram considerados como os cinco dedos da mão, cinco elementos da mesma força, trabalhando juntos na paz e lutando juntos na guerra. O dedo polegar foi o escolhido para representar a geopolítica, separado dos demais, os quais correspondem aos ramos da política ligados ao homem.²⁰

Posteriormente, o general alemão Karl Haushofer abandonou o significado original e passou a considerar como da geopolítica todos os demais ramos da política que Kjellen havia definido separadamente. “A parte passou a absorver o todo”, resumiu o Coronel Octávio Tosta.²¹ O termo realmente passou a ser abrangente e assim se consagrou.

Considera-se interessante destacar que dos radicais gregos têm dimanado quase todos os neologismos literários, técnicos e científicos.²² Na palavra geopolítica, o radical grego *geo* pode significar Terra (mundo) ou terra (solo, terreno). Assim, ao abranger todos os ramos da política definidos por Kjellen, a geopolítica deixou de considerar apenas a geografia de espaços específicos (terra), passando a tratar do mundo (Terra) na sua totalidade.

Atualmente, como já mencionado, o termo geopolítica é freqüentemente usado de forma inadequada. Há que se buscar, por conseguinte, definir a disciplina. A seguinte acepção, adaptada a partir da elaborada pelo geógrafo australiano Thomas Griffith Taylor, é considerada bastante atual: “geopolítica é o estudo dos mais relevantes aspectos da situação e dos recursos de um Estado ou região, com vistas à determinação de sua importância para a política mundial.”²³ No entanto, é proeminente também destacarmos a visão do historiador americano Geoffrey Parker de que “a geopolítica é o estudo das relações internacionais por uma perspectiva espacial ou geográfica”.²⁴

Enfim, como o conceito de geopolítica é essencial para a definição dos contornos do assunto a ser analisado, considerar-se-á a seguinte definição: “a geopolítica representa o alcance determinante do meio ambiente (formações físico-geográficas, elementos culturais e sociais, recursos ambientais, tais como minerais, hídricos e ecológicos) na política de uma determinada organização social conformada na idéia de Estado”.²⁵

As acepções de política de um Estado também são variadas. Por isso, considerar-se-á sua definição como a arte de conquistar, sustentar e exercer o governo, considerando,

²⁰ BINIMELIS, 2006, p. 14.

²¹ TOSTA, 1984, p. 24.

²² CUNHA, 1975, p. 126.

²³ BONFIM, 2005, p. 24.

²⁴ PARKER, 1998 *apud* COHEN, 2003, p. 11.

²⁵ CARVALHO, 2006, p. 18–19.

igualmente, as ações e manobras para a conquista do poder. Logo, poder e política são conexos, já que a política é a disputa pelo poder.²⁶

Considera-se, ainda, relevante, o cotejo entre geopolítica e geografia política, em virtude da freqüente imprecisão no uso desses conceitos. Até mesmo os dicionários da língua portuguesa encontram-se desatualizados em relação ao vocábulo. Ou não apresentam o termo ou o definem de forma equivocada, como uma contração de geografia política, ramo da geografia que trata do Estado em suas íntimas relações com o meio.

Uma distinção didática foi estabelecida por Therezinha de Castro: “geografia política é como a fotografia, portanto, estática; enquanto a geopolítica é como o filme, tem movimento, é dinâmica.”²⁷ A geografia política, tal como a geografia social, econômica ou a cultural, trabalha com observações estáticas dos fatores geográficos. A geopolítica não se contenta com uma mera descrição física (como a fotografia) desses fatores. Ela se preocupa com a evolução desses elementos e com o seu emprego na elaboração de uma política, com objetivos estratégicos. Possui, desse modo, um caráter basicamente dinâmico (como o filme) e é nesse ponto que ela mais se diferencia da geografia política.

“A geopolítica não se identifica com um campo limitado de estudos e absorve uma incontável quantidade de conhecimentos.”²⁸

2.2 AS TEORIAS GEOPOLÍTICAS

Chama-se de teoria ao conjunto de conhecimentos não-ingênuos, que apresentam graus diversos de sistematização e de credibilidade, e que se propõe a explicar, elucidar, interpretar ou unificar um dado domínio de fenômenos ou de acontecimentos que se oferecem à atividade prática.

Já as teorias **científicas** são conjuntos de idéias, conceitos e hipóteses, que explicam um conjunto de fenômenos que pode ser testado por meio de experiências.²⁹ Elas envolvem conhecimento especulativo, opiniões sistematizadas, bem como, suposições e hipóteses.³⁰

Desta forma, é possível identificar a validade das teorias geopolíticas, pois elas procuram explicar, elucidar, interpretar ou unificar fatos, visando a uma atividade prática: a

²⁶ ALMEIDA, 2003, p. 2-3.

²⁷ CASTRO, 1999, p.23.

²⁸ CARVALHO, 2006, p.19.

²⁹ MESQUITA FILHO, 2000.

³⁰ MAFRA, 2006, p. 101.

política do Estado inspirada pela situação dos espaços geográficos.³¹ As teorias geopolíticas também podem ser vislumbradas como possíveis cenários prospectivos, que poderão ser concretizados, de acordo com as políticas desempenhadas pelos Estados.

Vale elucidar que um cenário não é uma predição do futuro, mas uma descrição coerente de um destino possível, com o esclarecimento dos eventos que acarretariam a sua efetivação.³² Sob esse enfoque, as teorias geopolíticas também podem ser consideradas como visões prospectivas.

Michel Godet, professor de Planejamento Estratégico, ensina que “a prospectiva se propõe a iluminar as escolhas do presente com a luz dos futuros possíveis. Uma boa prospectiva não é, necessariamente, aquela que se realiza, mas a que conduz a uma ação, evita os perigos do futuro e atinge o objetivo desejado.”³³ Essa definição facilita o entendimento de como funcionam e para que servem as teorias geopolíticas.

2.3 CLASSIFICAÇÃO DAS TEORIAS GEOPOLÍTICAS

Por quase três décadas, o Muro de Berlim materializou a linha de separação entre blocos geopolíticos antagônicos. Na Alemanha dividida, o muro representava o centro nervoso de uma guerra não-declarada entre os Estados Unidos e a União Soviética. Portanto, a sua queda, em 1989, foi considerada como símbolo do término da Guerra Fria.

A reunificação alemã, concluída no ano seguinte, foi um dos efeitos diretos da queda do Muro. As fronteiras desenhadas em Yalta e Potsdam também perderam o seu valor e a fragmentação da União Soviética, um ano depois, foi o posfácio do período bipolar.³⁴ Ou até mesmo, parafraseando Eric Hobsbawn, o marco de encerramento do “breve século XX”.³⁵

Os geopolíticos passaram, então, a elaborar novas teorias que explicassem o cenário decorrente. O elo — território, população e poder — tornou-se mais complexo. O fim da Guerra Fria apresentou novas questões e revelou antigos problemas que estavam escondidos dentro da conjuntura bipolar ideológica.³⁶

Assim, em virtude das grandes mudanças na organização mundial, as teorias geopolíticas passaram a ser classificadas em geopolíticas clássicas (ou tradicionais, elaboradas

³¹ BONFIM, 2005, p. 55.

³² MARCIAL; GRUMBACH, 2006, p. 17–58 *passim*

³³ GODET; ROUBELAT, 1996 *apud* MARCIAL; GRUMBACH, 2006, p. 34.

³⁴ MAGNOLI, 2004a, p. 168.

³⁵ HOBBSBAWN, 1995, p. 15.

³⁶ SILVA, 2004, p. 375–376.

entre o início do século XX e o fim da Guerra Fria) e geopolíticas contemporâneas (ou novas geopolíticas, elaboradas após a queda do Muro de Berlim).³⁷

Nota-se que a geopolítica, quando surgiu (geopolítica clássica), estudava as correlações de força, **com enfoque militar**, no domínio territorial, enfatizando o espaço mundial. Hoje (geopolítica contemporânea), considera **também** informações econômicas, tecnológicas, culturais, sociais e ambientais, as quais, é notável observar, já faziam parte dos ramos em que Kjellen dividiu a política, no nascimento da disciplina. No entanto, somente após a Guerra Fria, esses “novos fatores” ganhariam mais espaço nos estudos geopolíticos.³⁸

2.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Os fatores que enfraqueceram a geopolítica como ciência podem ser encontrados em suas origens, ligadas a ideologias de caráter expansionista e à pretensão de usar fundamentos das ciências naturais para o estudo das ciências políticas. Posteriormente, o uso do conceito de forma indiscriminada, também contribuiu para o seu desgaste.

O período pós-Guerra Fria tem como um de seus traços marcantes a emergência das potências derrotadas na Segunda Guerra Mundial. Pergunta-se quem governa o mundo e verificam-se novos atores nas relações internacionais: mídia, organizações não-governamentais e empresas transnacionais, entre outros. Não apenas a distribuição do poder tem sido alterada, mas a própria natureza do poder geopolítico. Um novo sistema é configurado, uma nova ordem mundial. A identidade entre armamento e poder começa a ser dissolvida. Outras dimensões de poder, praticamente esquecidas, adentram no cenário mundial. O poder militar é desafiado, principalmente, pelo poder econômico.

A geopolítica é colocada em cheque, mas os conceitos clássicos são reformulados e novas reflexões são apresentadas. Ou seja, o mundo “após o Muro de Berlim” tem apresentado novas potências, novas questões e novas geopolíticas.

Não obstante o seu significado haver-se, muitas vezes, associado a diversas controvérsias, acredita-se que a geopolítica continua a ser um importante instrumento a ser utilizado por governos e instituições, interessados na aplicação dos conhecimentos das ciências sociais aos problemas concretos. Pelo seu estudo é possível entender como as relações de poder desenham fronteiras (reais ou imaginárias) e concebem as mais variadas parcelas do espaço geográfico.

³⁷ MAFRA, 2006, p. 103; BONFIM, 2005, p.55 e VESENTINI, 2004, p. 11.

³⁸ VESENTINI, 2004, p.31 e 53 *passim*

3 A GUERRA DO IRAQUE

As condições básicas para um Estado distinguir-se como potência na ordem mundial ainda são imprecisas. As ameaças físicas e as ideologias hostis, convicções características da Guerra Fria, pareciam ter desaparecido. Na era da globalização, vive-se em um mundo dinâmico, onde os fatos se desdobram rapidamente no âmbito temporal e espacial. Os Estados são interligados por um conglomerado de redes: de conhecimento, financeiras, de imagens e informações. Os conflitos, mísseis e terroristas não conhecem mais fronteiras. Novos princípios e novas questões foram apresentados.¹

O Vice-Almirante Ferraz Sacchetti, da Marinha Portuguesa, considera que “a transição no mundo dos valores é talvez a mais complexa, e como sempre, não consegue acompanhar o ritmo da evolução tecnológica nem a transformação das idéias e comportamentos políticos. [...] A sociedade sem valores nunca deverá ter existido. A surgir agora, ela será nova, diferente, ainda não caracterizável, talvez com uma vida muito difícil e precisando de um longo período de formação”.²

É possível verificar, por exemplo, a degradação da importância da ONU na virada do século: exaltada como símbolo da legitimidade nas relações internacionais, por ocasião da Guerra do Golfo (1991), foi colocada em segundo plano, por diversos Estados, na deflagração da Guerra do Iraque (2003).

Se a queda do Muro de Berlim encerrou o século XX, a queda das Torres Gêmeas, em 2001, pode ser considerada o marco do nascimento do século XXI. A decorrente invasão do Afeganistão e a Guerra do Iraque compõem o processo histórico que assinala esse *début de siècle*. Sustidos por sua onerosa e sofisticada panóplia militar de alta tecnologia, os Estados Unidos buscam o exercício pleno da hegemonia no mundo. “Desde a Roma antiga, nenhuma nação se elevou tão acima das outras”, resume Joseph Nye.³

Destarte, com o intuito de reafirmar a influência da geopolítica nas relações internacionais no mundo hodierno, um conflito atual — a Guerra do Iraque — foi escolhido como âmbito geográfico e cronológico deste estudo.⁴

¹ KISSINGER, 1996, p. 731.

² SACCHETTI *apud* WILENSKY; JANUÁRIO; DIOGO, 2005, p. 21.

³ NYE, 2002, p. 25.

⁴ ECO, 2005, p. 27.

Destacar-se-ão, no decorrer desta monografia, as teorias geopolíticas aplicáveis ao referido conflito do Golfo Pérsico. Considera-se oportuna, portanto, a apresentação de sinopse histórica e analítica da guerra, destacando-se aspectos que serão úteis na sua conexão com a geopolítica. As FIG. 1 e 2 apresentam mapas do Iraque, a fim de permitir a visualização da região considerada.

3.1 O INÍCIO DA GUERRA E AS SUAS CONSEQÜÊNCIAS

A preparação para o conflito não ocorreu somente na esfera militar, pois a diplomacia também foi considerada. O ataque começou a ser planejado por Washington, logo após o Onze de Setembro. Ato contínuo, pessoal e material foram conduzidos para pontos estratégicos próximos ao Iraque, no Kuwait, no Qatar e, sobretudo, no golfo Pérsico, a bordo de porta-aviões.

A decisão de atacar o Iraque já tinha sido tomada. No entanto, em paralelo ao planejamento militar, a diplomacia americana tentava obter o consenso internacional. As pesquisas mostravam que a opinião pública estadunidense concordaria com a guerra, caso ela fosse aprovada pela ONU. Após a invasão ao Afeganistão, o apoio do povo para retaliações aos ataques terroristas vinha perdendo a intensidade.

Obter o consentimento do Conselho de Segurança da ONU seria uma tarefa impossível. Poucos países colocaram-se ao lado dos Estados Unidos, entre os quais a Grã-Bretanha, a Itália e a Espanha. O processo chegou ao seu ápice com a decisão conjunta de George Bush e Tony Blair de transmitir um ultimato, de curto prazo, para que o Iraque provasse a inexistência das armas de destruição em massa, as quais era acusado de possuir. A Alemanha, França e Rússia, os dois últimos, componentes do Conselho de Segurança, com direito de veto, posicionaram-se contra.⁵

Desse modo, esgotou-se a tentativa de obter-se a legitimidade. Em 20 de março de 2003, o Iraque foi invadido, desencadeando reações em todo o mundo. Uma das principais razões para que a discussão tivesse sido tão intensa foi porque a opinião internacional estava dividida entre condenar a guerra de Bush ou condenar a ditadura de Saddam, e as premissas de ambos os argumentos eram idênticas: a ordem democrática e os direitos do cidadão.⁶

Ao iniciar a guerra, sem o aval da ONU, os Estados Unidos abriram uma fenda profunda na unidade do Ocidente, principalmente na Europa, a qual, ao não alinhar-se em

⁵ ARRUDA, 2005, p. 279.

⁶ HENRIQUES, 2003.

conjunto com os americanos, teve a sua unidade abalada. Ocorreu, em diversos Estados, um rompimento entre a opinião pública e a política governamental.⁷ Foi possível distinguir uma Europa mais conservadora ao leste e uma contrária ao poder americano no oeste, sendo esta última, liderada pela França e pela Alemanha, chamada por Donald Rumsfeld, então Secretário de Defesa dos Estados Unidos, de “Velha Europa”.⁸ As relações entre os americanos e os europeus passaram a viver momentos de significativas mudanças, cujas conseqüências são de difícil previsão.

A Doutrina Bush⁹ e, em particular, o anunciado direito à guerra preventiva¹⁰ evidenciaram uma nova visão americana do sistema internacional. Ou seja, os Estados Unidos buscavam a condição de supremacia absoluta e não admitiriam o surgimento de potências regionais que pudessem representar uma ameaça a essa supremacia.¹¹ Conseqüentemente, poderia ocorrer um forte isolamento americano, mesmo de aliados históricos, como a França.

Com relação à guerra preventiva, é interessante considerar que se o princípio de atacar primeiro, para suprimir ameaças potenciais, for aplicado de forma generalizada, os frágeis pilares que sustentam a ordem internacional poderão ser derrubados. Basta imaginarmos o princípio sendo aplicado pela Índia contra o Paquistão. Além disso, a seguinte contradição foi criada: “se a legítima defesa preventiva fosse uma justa razão para se iniciar uma guerra, o governo iraquiano poderia usar o mesmo pretexto para justificar um ataque aos Estados Unidos.”¹²

Ao invadir o Iraque, os Estados Unidos conseguiram ainda exacerbar o sentimento antiamericano em lugares onde ele estava adormecido ou nem ocorria. Existe, portanto, a possibilidade do crescimento de atentados contra alvos estadunidenses em qualquer parte do mundo, bem como do boicote a seus produtos por parte de grupos contrários à ação bélica realizada.¹³

Com relação ao Oriente Médio, Washington conturbou o já complexo cenário da região: a eliminação de Saddam Hussein pode causar o renascimento do nacionalismo entre os

⁷ KEEGAN, 2005, p. 135–136.

⁸ BBC BRASIL, 2006.

⁹ Doutrina Bush – orientação de política externa definida pelo presidente americano George W. Bush, em 2002, cuja finalidade consiste em promover a “guerra ao terror”. A “guerra ao terror” tem amplo espectro e abrange o combate a Estados hostis que desenvolvem armas de destruição em massa (MAGNOLI, 2004b, p. 204).

¹⁰ Guerra preventiva - princípio que está no núcleo da Doutrina Bush, segundo o qual os Estados Unidos podem legitimamente promover a guerra contra Estados que de forma direta ou indireta, ameacem a segurança nacional americana (MAGNOLI, 2004b, p. 204).

¹¹ IKENBERRY, 2002, p. 44.

¹² SOLOMON, 2005, p. 99.

¹³ FOLHA DE SÃO PAULO, 2003.

povos curdos do Iraque e da Turquia, possibilitando, por conseguinte, uma cisão territorial nos dois países (FIG. 3).¹⁴

Outras possíveis conseqüências decorrentes da ocupação americana do Iraque, sem o apoio da ONU, podem ser vislumbradas. Uma delas é a modificação do papel da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em virtude da oposição de franceses e alemães à supressão militar do regime de Saddam Hussein e pela inexistência de um inimigo claro como existia na época da Guerra Fria. A alta dos preços do petróleo, o aumento do poder da indústria bélica nos Estados Unidos e a possibilidade de substituição do dólar pelo euro em vários países, do mesmo modo, são possibilidades cogitadas.¹⁵

Vale lembrar, nesse momento, a divisão da ONU e até uma possível perda de suas expectativas, como ocorreu com a Liga das Nações, entre 1920 e 1945, período em que Hitler a desrespeitou, dando início ao processo que culminou com a Segunda Guerra Mundial.

Dessa forma, ao iniciar a invasão ao Iraque, Bush revelou o seu desprezo pelas instituições internacionais. A ONU passou a ser considerada, pelos estadunidenses, apenas como uma organização assistencialista. Foi observado um retrocesso jurídico: a rejeição aos mecanismos multilaterais de solução das questões internacionais,¹⁶ descumprindo o artigo 33 da Carta das Nações Unidas.¹⁷ A fim de evitar a proliferação do uso unilateral e ilegal da força, constatou-se a necessidade de reformar-se as Nações Unidas, renovando suas políticas e instituições, no intuito de tornar a organização mundial mais crível e eficaz.¹⁸ O debate sobre a reforma, que já vinha sendo realizado, indicou a urgência de sua renovação, como um instrumento para estabelecer uma ordem multipolar, em vez da predominância de apenas uma potência no concerto internacional.¹⁹

3.2 AS POSSÍVEIS CAUSAS E OBJETIVOS

Ao buscar-se as causas da invasão americana, há que se observar as mudanças ocorridas nas políticas e nas relações internacionais no período entre a Guerra do Golfo e o início da Guerra do Iraque.

¹⁴ MAGNOLI, 2004b, p. 310.

¹⁵ CARVALHO, 2005.

¹⁶ PEREIRA, 2006, p. 8.

¹⁷ Artigo 33 da Carta da ONU: 1. As partes em uma controvérsia, que possa vir a constituir uma ameaça à paz e à segurança internacionais, procurarão, antes de tudo, chegar a uma solução por negociação, inquérito, mediação, conciliação, arbitragem, solução judicial, recurso a entidades ou acordos regionais, ou a qualquer outro meio pacífico à sua escolha. 2. O Conselho de Segurança convidará, quando julgar necessário, as referidas partes a resolver, por tais meios, suas controvérsias (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1945).

¹⁸ AMORIM, 2004.

¹⁹ VIZENTINI, 2004.

Em primeiro lugar, as principais potências mundiais já vinham reduzindo seus grandes orçamentos destinados às forças armadas, a fim de aumentar os investimentos em outros setores, tais como os sociais e ambientais, até então prejudicados pela tensão causada pela bipolaridade da Guerra Fria. São os chamados “dividendos da paz”, que acarretaram, por exemplo, o fim da parceria do Iraque com o seu principal fornecedor de armas, a extinta União Soviética.

Os inspetores da ONU, antes aceitos e depois expulsos do Iraque, foram peças de uma estratégia protelatória do ditador iraquiano. Ainda assim, eles conseguiram descobrir e extinguir programas para obtenção de armas de destruição em massa, nos quais o Iraque tinha o apoio de empresas ocidentais.²⁰

Em virtude dos levantes xiitas e curdos, depois da derrota na Guerra do Golfo, Saddam foi também obrigado a aceitar zonas de exclusão de vôo em seu território: uma no norte e outra no sul. Com isso, os curdos, por ocuparem a área setentrional do país, passaram a ter autonomia e viriam a constituir elementos fundamentais no planejamento da invasão ao Iraque, em 2003.²¹

Do mesmo modo, desde o fim da Guerra do Golfo, as Nações Unidas estabeleceram um severo regime de sanções contra o Iraque. Além da imposição de programas para inspeção de sua indústria bélica, o país passou a ser boicotado: os bens iraquianos no exterior foram congelados e o comércio exterior restringido. Foi criado o programa “petróleo por comida”, apenas sendo consentida a importação de remédios e alimentos.

Somente na virada do século, em virtude do retorno ao tradicional e violento antagonismo entre Israel e Palestina (que tinha sido amenizado com o Acordo de Paz de Oslo),²² Saddam conseguiu restabelecer-se politicamente. Sua promessa de honrar as dívidas com seus fornecedores de armas também contribuiu para retirá-lo do isolamento internacional.

A derrubada de Saddam, portanto, era um objetivo concebível, porém inimaginável a curto prazo. Outrossim, nada indicava que a política americana no Oriente Médio fosse ser modificada de forma tão radical. No entanto, a igualmente inesperada hecatombe das Torres Gêmeas, em setembro de 2001, ocorreu. Desde a Guerra de

²⁰ MAGNOLI, 2006a, p. 465.

²¹ ABREU, 2004, p. 61.

²² O Acordo de Paz de Oslo, em 1993, foi composto por uma série de entendimentos entre o governo de Israel e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), mediados por Bill Clinton, então presidente dos Estados Unidos. Isaac Rabin e Yasser Arafat se comprometeram a unir esforços para a realização da paz entre os dois povos, buscando o término dos conflitos e abrindo negociações sobre os seguintes assuntos: territórios ocupados, retirada de Israel do sul do Líbano e a questão de Jerusalém. A oportunidade para esse acordo surgiu com a Guerra do Golfo, pois com a participação de países árabes - Egito, Síria e Arábia Saudita - na coalizão antiiraquiana, os Estados Unidos conseguiram colocar Israel na mesa de negociações. A *intifada* (movimento de resistência da população palestina contra os israelenses ocupantes), deflagrada em 2000, interrompeu o processo em busca da paz (MAGNOLI, 2004a, p. 268).

Independência, os Estados Unidos jamais tinham sido atingidos em seu próprio território, mas a dimensão do acontecimento parece que não foi compreendida por Bagdá.²³

Como reação aos atentados, os Estados Unidos apresentaram novas diretivas para a sua política externa. No entanto, cabe lembrar que desde a queda do Muro de Berlim nenhuma diretiva havia sido apresentada. As tragédias induziram os americanos a pensar que as motivações do terrorismo teriam de ser eliminadas pela alteração da maneira de pensar dos outros. É o início da chamada “guerra ao terror”, considerada, por alguns historiadores, como José Jobson Arruda, “a eclosão da Terceira Guerra Mundial, que teve data para começar, mas não para terminar”.²⁴

Então, no combate ao terrorismo, constata-se que não apenas interesses econômicos e políticos influem nas decisões dos Estados, pois visões de mundo, cultura, religião, traumas coletivos e interpretação da realidade internacional são também considerados.

A identificação dos atentados como atos de guerra impôs medidas sustentadas na tese da existência de um sistema terrorista internacional. Essa teoria acredita que as organizações terroristas constituem um complexo mundial, cujos alicerces estão nos Estados adversos ao Ocidente, os quais forneceriam suporte financeiro e logístico, bem como planejariam e coordenariam os atos terroristas.²⁵

A primeira ação baseada no novo discurso foi tomada logo em seguida: a invasão do Afeganistão, por uma coalizão internacional liderada pelos Estados Unidos. O regime fundamentalista do *Taleban*, que abrigaria a *Al-Qaeda*, acabou derrubado. A rede terrorista foi praticamente destruída, mas os líderes do *Taleban* e da *Al-Qaeda* não foram aprisionados. Iniciou-se, então, pelos americanos, a segunda fase da "guerra ao terror" contra o Iraque, o Irã e a Coreia do Norte, tríade cunhada por Washington como o "eixo do mal".²⁶

Os três países foram acusados de desenvolver programas de produção de armas de destruição em massa, representando, segundo a tese de Bush, uma ameaça à segurança nacional estadunidense, já que as armas poderiam ser repassadas para organizações terroristas. Dentro do “eixo”, em virtude de suas provocações, Saddam Hussein começou a se destacar como o principal objetivo.

A política americana no Afeganistão e no Iraque passou a colocar uma suposição como premissa: a retirada dos tiranos é suficiente para que a população e suas organizações

²³ MAGNOLI, 2006a, p. 466-467.

²⁴ ARRUDA, 2005, p. 271.

²⁵ MAGNOLI, 2004a, p. 171.

²⁶ MAGNOLI, 2002.

estabeleçam a democracia e liberdade. Assim sendo, uma nova campanha militar foi iniciada, a fim de eliminar o regime de Saddam Hussein.²⁷

Sem a autorização da ONU, George Bush usou sua eloquência para conquistar a opinião pública americana: declarou-se “instrumento de Deus”, colocando a sua nova doutrina em consonância com a devoção religiosa de sua nação. A liberdade, “a maior graça que os povos do Oriente Médio poderiam receber”, estaria sendo levada pelos americanos. No entanto, as declarações do presidente conseguiram angariar também o ódio de vários grupos ao sistema ocidental.²⁸

Outras argumentações, apresentadas pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha para justificar a invasão de 2003, não suportaram a veracidade dos fatos: o Iraque não tinha ligações com o terrorismo internacional, não possuía armas de destruição em massa e tampouco condições de atacar países próximos.²⁹

Os motivos alegados por Washington para a invasão foram baseados em meias verdades, omissão de informações e em adulteração grosseira de dados mal analisados ou até mesmo buscados de forma pueril, pelos principais serviços de inteligência britânicos e estadunidenses.³⁰

A ação militar pretendia, ainda, ser uma demonstração de que as operações ofensivas convencionais podiam ser executadas com efetivos reduzidos, bem menores dos que os empregados em conflitos anteriores. A “síndrome do Vietnã” deveria ser superada, porque o confronto ocasionaria pequeno número de baixas e os objetivos políticos seriam alcançados.

Surgiu então a oportunidade para os Estados Unidos testar o conceito de “choque e pavor”, uma nova versão altamente tecnológica da *blitzkrieg*,³¹ arquitetada na Segunda Guerra Mundial, baseada em um violento ataque aos centros de poder do inimigo, com o uso da aviação e de mísseis.³²

Outra razão cogitada para a guerra foi a pretensão americana de aproveitar as reservas iraquianas de petróleo para, além de beneficiar a indústria petrolífera estadunidense, estabelecer uma base de poder avançada em uma região estratégica.³³ Outros interesses, da mesma forma, estariam sendo atendidos, tais como os das empresas de reconstrução e obras

²⁷ EBRAICO, 2005, p. 110.

²⁸ MAGNOLI, 2006a, p. 468.

²⁹ HENRIQUES, 2003.

³⁰ MAGNOLI, 2006a, p. 468.

³¹ *Blitzkrieg* (termo alemão para *guerra-relâmpago*) – tática militar usada pela Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Consistia em realizar ataques rápidos, sem possibilidade de reação, com a finalidade de causar um choque psicológico e, conseqüentemente, desorganizar as forças inimigas. Seus três elementos essenciais eram a surpresa, a velocidade, e a superioridade de poder de fogo (BLITZKRIEG, 2007).

³² CAMPOS JUNIOR, 2005.

³³ SILVA, 2005a.

públicas, os dos fabricantes de armas e até mesmo do presidente Bush e seus assessores, que buscavam a reeleição.³⁴

A forma como Bagdá foi tomada — protegendo-se o Ministério do Petróleo, em detrimento de museus e bibliotecas — corroborou com o provável interesse americano na região mais rica em recursos fósseis do planeta: o Golfo Pérsico.

Finalmente, a partir do Iraque deveria formar-se um foco de propagação, pelo Oriente Médio e Ásia Central, de um pensamento liberal, moderno e laico nas sociedades tradicionais islâmicas.³⁵ Houve, assim, um retorno à Teoria do Dominó, desenvolvida na Guerra Fria, que pregava que se um Estado se tornasse comunista, poderia influenciar os demais Estados de sua região, como uma fileira de dominós caindo em progressão.³⁶

Porém, o erro histórico do Vietnã foi repetido. Os americanos, arrebatados pelo seu próprio fundamentalismo cristão e liberal, não perceberam as diferenças culturais e a austeridade do islamismo, achando que o povo iraquiano iria recebê-los como heróis libertadores.³⁷ Bush insistiu nos benefícios da guerra para toda a região, porque, em paralelo, serviria ao interesse de Washington e mostraria à opinião pública internacional que os Estados Unidos jamais consentiriam um regime hostil.

A democracia teve origem no reconhecimento da liberdade. Na Guerra Fria, a União Soviética usava sempre o argumento que defendia a liberdade dos povos oprimidos. No pós-Guerra Fria, é a vez de os Estados Unidos imporem o regime que consideram o melhor para todos. Com seu poder militar ímpar, George W. Bush visa estabelecer um mundo unipolar, que seu pai havia batizado de “Nova Ordem Mundial”.³⁸

3.3 O FINAL DA GUERRA QUE NÃO ACABOU

Menos de um mês após o início da guerra, o presidente **Bush, a bordo do porta-aviões “Abraham Lincoln”, afirmou, em discurso histórico, que as principais ações de combate no Iraque tinham sido concluídas. Porém, em virtude do difícil e frustrante processo de estabilização do país, para o qual as forças armadas invasoras não estavam devidamente preparadas,** a guerra já dura mais de quatro anos. Apenas a primeira etapa havia terminado, no entanto, a resistência contra a ocupação estava apenas começando.

³⁴ HENRIQUES, 2003.

³⁵ SILVA, 2005a.

³⁶ SILVA, 2004, p. 889.

³⁷ SILVA, 2005a.

³⁸ MAGNOLI, 2004a, p. 170.

“Muitas vezes, no bojo da vitória reside o fracasso, e no fracasso, a vitória. Fazer a guerra é fácil, construir a paz é difícil”, comentou, de forma pertinente, sobre o falso final da guerra, o Coronel Luiz Paulo Macedo de Carvalho, ao apresentar o livro “A Guerra do Iraque”, de John Keegan.³⁹

À controvérsia sobre a legitimidade e a pertinência do início da guerra, juntou-se, então, a polêmica a respeito da capacidade dos Estados Unidos de conseguir estabelecer no Iraque um governo democrático estável.

Se a guerra foi uma decisão correta, o tempo mostrará. Entretanto, os que a contestaram podem encontrar, diariamente, notícias de seqüestros, bombas e mortes que justificam sua posição.⁴⁰ O que se pode vislumbrar, hoje, é que a guerra veio a prejudicar o combate ao terror, por incentivar atentados em represália e enfraquecer o combate no Afeganistão, considerado o verdadeiro âmago do terrorismo.

A síndrome do Vietnã ainda não foi superada. Mais de três mil soldados já foram mortos.⁴¹ A cada morte, aumentam os protestos contra a guerra, principalmente nos Estados Unidos. A disciplina das tropas vem sendo prejudicada, os atos de insubordinação tornam-se mais freqüentes. É interessante notar que os soldados são recrutados nas camadas sociais mais carentes, normalmente imigrantes, atraídos pelas ofertas de bolsas de estudo e até de cidadania. Assim, diversos Estados estão indiretamente representados nas tropas invasoras, “um verdadeiro exército da era da globalização”, com mais de cem mil latino-americanos.⁴²

Assim como o islamismo passou a ocupar posição de destaque após o Onze de Setembro, a Guerra do Iraque colocou o Oriente Médio em evidência. A região passou a ser o epicentro das ações de política externa de Washington. É a oportunidade de os Estados Unidos estabelecerem o futuro da hegemonia que pretendem exercer: ou com uma democracia libertadora ou com uma experiência dramática.⁴³

De qualquer forma, acabou ocorrendo o que anos antes era apenas uma possibilidade: os Estados Unidos assumiram o controle de uma região estratégica. A rápida derrocada de Saddam Hussein deixou de sobreaviso todos os Estados da região, em sua grande maioria, governos de regime autoritário.⁴⁴

Na Guerra Fria, a Cortina de Ferro era a fronteira geopolítica, estabelecendo os aliados e os adversários. O inimigo tinha “nome e endereço”. Hoje, os inimigos são

³⁹ KEEGAN, 2005, p.7.

⁴⁰ BBC BRASIL, 2007a.

⁴¹ CORREIO DA MANHÃ, 2007.

⁴² SCHUBERT; KRAUS, 1998, p. 297.

⁴³ RODRIGUES, 2004, p. 173.

⁴⁴ ARRUDA, 2005, p. 290.

onipresentes, podem estar nos países marginalizados ou até mesmo infiltrados entre os simpatizantes. A metáfora da “Nova Roma” parece apropriada para representar os Estados Unidos. Não apenas pela sua força militar e hegemonia estratégica, mas ainda por sentirem-se cercados por turbas de bárbaros e por acharem-se no direito de atacar preventivamente.⁴⁵ Porém, uma grande diferença existe entre os dois impérios. “A Nova Roma não dispõe de *limes*”.⁴⁶

3.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A Guerra do Iraque evidenciou diversas transformações decorrentes do encerramento da Guerra Fria. As querelas que antecederam e acompanham o conflito revelam motivos os mais diversos, tornando complexa a sua análise. Por outro lado, suas características já podem ser observadas, permitindo uma primeira apreciação.

O conflito no Golfo Pérsico, além de alterar a relação dos Estados Unidos com o Oriente Médio, prejudicou o seu vínculo com a União Européia, antevendo o fim de alianças existentes desde o término da Segunda Guerra Mundial. Apesar de contar com algum apoio, a ação contra Bagdá foi vetada pela ONU, destacando-se nesse mister dois países europeus: França e Alemanha.

A doutrina americana de “choque e pavor” funcionou: forças bem equipadas, de alta mobilidade, superaram os tradicionais contingentes militares iraquianos. Mas será que esse teste da *blitzkrieg* moderna pode ser considerado válido?

Apesar da falta de perspectivas, os problemas decorrentes da ocupação do Iraque continuam na ordem do dia, porque carregam consigo a dúvida de como o poder mundial será compartilhado no início de mais uma centúria. Desta forma, pode-se ver a importância da análise da Guerra do Iraque sob diferentes enfoques geopolíticos.

Após a apresentação de uma retrospectiva histórica da Guerra do Iraque e, no capítulo anterior, do arcabouço conceitual julgado necessário, pode-se questionar: quais as teorias que podem ter influenciado a invasão americana e as reações decorrentes? De que forma a geopolítica evoluiu até os dias de hoje? As teorias clássicas ainda influenciam as relações internacionais?

⁴⁵ ALMEIDA, 2003, p.24.

⁴⁶ MAGNOLI, 2006b, p. 42.

4 A ATUALIDADE DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA

Até o termo geopolítica ser cunhado por Kjellen, reflexões sobre o assunto, além de terem aparecido na Antiguidade e na Idade Média, foram notadas também em obras de Bodin, Montesquieu, Kant e Hegel, bem como, já no século XIX, em pensamentos de Humboldt, Guyot, Buckle e Ritter. Entretanto, o arcabouço da geopolítica está nas idéias de Ratzel, Mackinder, Kjellen e Mahan.¹

Diversos acontecimentos contribuíram para o surgimento e consolidação da nova disciplina: o fortalecimento do sistema de Estados modernos com a unificação da Alemanha e da Itália, o aparecimento dos Estados Unidos e do Japão como novas potências, o acelerado crescimento populacional e a decorrente pressão sobre as riquezas naturais.²

A história mostrou que as idéias de Mackinder³ tiveram uma relevância maior que a dos demais pioneiros da disciplina. Ele é o instituidor de conceitos clássicos, como o de *heartland* e *world island*, rapidamente propagados nas reflexões geopolíticas em todos os continentes.

A continuidade do pensamento mackinderiano é verificada em Nicholas Spykman, Zbigniew Brzezinski, Samuel Huntington e outros geopolíticos, clássicos e contemporâneos. Acredita-se que a tese geopolítica de Mackinder permanece viva e apresentando relevantes contribuições para o estudo das relações internacionais e da política de poder no século XXI.⁴

A partir do arcabouço teórico e histórico expostos nos capítulos anteriores e sabendo-se que para a geopolítica interessa compreender os objetivos definidos pela política e as estratégias⁵ adotadas pelos Estados, são apresentadas, neste capítulo, as teorias geopolíticas tradicionais percebidas na Guerra do Iraque.

Assim, ao testar-se o valor explicativo dos conceitos e cenários prospectivos da geopolítica clássica, verificando paralelismos e convergências entre a teoria e fatos ocorridos durante o conflito no Iraque, a obsolescência ou atualidade dos pensamentos que deram origem à ciência também estarão em questão.

¹ COHEN, 2003, p. 12.

² EBRAICO, 2005, p. 21.

³ A teoria do poder terrestre, elaborada por Mackinder, é apresentada na p. 68.

⁴ FONSECA; VLACH, 2003, p. 8.

⁵ Neste trabalho, o termo estratégia é utilizado como a arte de preparar e aplicar o poder para conquistar e preservar objetivos. (MAFRA, 2006, p. 8).

4.1 AS TEORIAS CLÁSSICAS

A geopolítica surgiu da aproximação entre a geografia e o Estado. Na Suécia, Kjellen, expandindo os conceitos baseados na interação entre as forças físicas e políticas, determinou os fundamentos para a terminologia “geopolítica”. Em seus trabalhos, buscou ainda enfatizar as diferenças entre a nova disciplina e geografia política, a qual havia sido sistematizada por Ratzel.

Nos Estados Unidos, no século XIX, o almirante americano Alfred Thayer Mahan foi o pioneiro em considerar os oceanos como meio de expansão do poder do Estado. Com o intuito de estabelecer a hegemonia americana nos oceanos Atlântico e Pacífico, propôs a criação de duas fortes armadas, uma para cada oceano. Os Estados Unidos, para Mahan, formavam uma ilha-continente, com extensas saídas para os oceanos e sem ameaças continentais. Essa extraordinária situação geográfica sugeria o desenvolvimento do poder marítimo.⁶

Em contraposição às idéias de Mahan, o professor britânico Mackinder desenvolveu a teoria do poder terrestre, na qual, analisando a influência dos fatores geográficos nos acontecimentos históricos e políticos, defendeu a relação entre os dados geográficos e a força de um Estado. Na ocasião, como costuma ocorrer com os pensamentos geopolíticos, sua teoria foi utilizada como base da política externa britânica.⁷

No entanto, foi na Alemanha nazista que a geopolítica transformou-se em uma doutrina de Estado. Haushofer, um dos principais assessores de Adolf Hitler, fundou o Instituto de Geopolítica de Munique. Baseado no trabalho de Kjellen, o pensamento geopolítico de Haushofer estabelecia o espaço vital como o direito de um Estado aumentar o seu território, a fim de responder às necessidades de sua população e cultura. A geopolítica deveria ser a consciência geográfica do Estado.⁸

As metáforas do Urso (a potência continental) e da Baleia (a potência marítima), utilizadas na análise dinâmica dos mais diversos sistemas de Estados, refletem a influência das teorias de Mackinder e Mahan nas relações internacionais.⁹ Em Atenas, Tucídides já resumia as duas teorias ao se referir a Esparta e Atenas como as “supremas” em terra e no mar, respectivamente.¹⁰

⁶ MAGNOLI, 2004a, p. 46.

⁷ TOSTA, 1984, p. 49.

⁸ CARVALHO, 2006, p. 24.

⁹ As Guerras Napoleônicas constituíram uma típica confrontação entre o Urso e a Baleia. O conflito desenvolveu-se sobre a base do sistema continental de Napoleão e da reação britânica, posta em prática pelo bloqueio marítimo. A metáfora também foi bastante usada no período da Guerra Fria para representar os Estados Unidos e a União Soviética. (MAGNOLI, 2004a, p.48).

¹⁰ MAGNOLI, 2004a, p. 47.

A tríade “mar, terra e ar” ficou completa com a teoria do poder aéreo. Desenvolvida pelo general italiano Giulio Douhet, destacou a importância da ofensiva aérea e da realização de bombardeios em pontos vitais, com o objetivo de abalar o ânimo do oponente, retirando, assim, das populações inimigas, a vontade de continuar em guerra.¹¹

Posteriormente, durante a Guerra Fria, a teoria das fímbrias, do professor Nicholas Spykman, influenciou intensamente a política externa dos Estados Unidos. Rebatendo a noção de que os mares separam e protegem, Spykman viu nos oceanos a possibilidade de aproximação e conexão. O grande objetivo de Washington passou a ser a contenção e o isolamento da União Soviética. Assim, suas idéias deram origem ao desenvolvimento da poderosa força naval americana, com bases autônomas no Atlântico, Pacífico, Índico e Mediterrâneo.¹²

Esses são os principais autores das teorias clássicas, as quais compõem o arcabouço da geopolítica. Mais informações sobre cada uma delas são apresentadas no APÊNDICE A e no ANEXO B.

4.2 AS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS E A GUERRA DO IRAQUE

4.2.1 A GEOPOLÍTICA DO PETRÓLEO

O conceito “espaço vital”,¹³ de Ratzel, estabelece a área que um Estado considera necessária para obter sua auto-suficiência. Os conceitos primordiais da geopolítica surgem naturalmente quando consideramos a região mais rica em recursos fósseis do planeta: o Oriente Médio, em especial o Golfo Pérsico.

O esgotamento do petróleo existente na Terra ainda é uma perspectiva distante. Tão importante quanto a sua disponibilidade é o preço de extração. Os campos do Oriente Médio são pouco profundos, assegurando baixos custos de produção. No resto do mundo, as reservas próximas à superfície já são escassas e devem se esgotar em poucas décadas, o que, quando acontecer, tornará evidente a dependência mundial em relação à capacidade de *crude* dessa região. O seu valor, portanto, não se restringe pela grande quantidade do recurso (mais de 60% das reservas internacionais), mas também pela capacidade de responder rapidamente a possíveis aumentos de demanda.¹⁴

¹¹ SILVA, 2004, p. 360.

¹² MAGNOLI, 2004a, p. 48.

¹³ O conceito de “espaço vital” é apresentado na p. 67.

¹⁴ LARSON, 2004.

A geopolítica tradicional estuda as relações internacionais por uma perspectiva espacial, enfatizando a influência da geografia na política de um Estado. Desta forma, a disputa pelo controle de regiões petrolíferas, chamada geopolítica do petróleo, faz do Oriente Médio um novo *heartland*. O conceito de “coração continental”, um dos principais legados de Mackinder, foi adaptado como “coração energético mundial”, o qual influi de forma determinante nas relações entre o Oriente Médio e os outros Estados do Sistema Internacional.¹⁵

Considerando-se que, além da disponibilidade de petróleo, trata-se de uma região extremamente instável, há que se avaliar as relações do Ocidente com o *Mashrek*.¹⁶ A farta quantidade de campos de extração petrolífera promoveu uma elevada participação das principais potências mundiais na história da região. Desde que o ouro negro se tornou a principal fonte de abastecimento energético da moderna sociedade industrial, os Estados dependentes de petróleo importado têm desenvolvido estratégias específicas no relacionamento com os países da região.¹⁷

Nada reflete melhor a volubilidade desta importante região da Ásia do que o impacto das políticas e das guerras sobre as utilizações do seu sistema de oleodutos e gasodutos. O primeiro grande oleoduto do Iraque ligava Kirkuk, no norte do país, a Haifa, em Israel. Construído em 1934, foi utilizado por 14 anos, sendo fechado durante a guerra árabe-israelense e nunca mais aberto. Uma linha secundária foi construída, então, de Haditha até Trípoli, no Líbano, passando pela Síria (FIG. 4).

Ramificação ainda maior, posteriormente estabelecida entre Kirkuk e o porto sírio de Baniyas, foi fechada por Damasco em virtude de tensões com o Iraque, durante a Guerra Irã-Iraque. Essa linha para a Síria só foi reaberta em 2001, por pressão das Nações Unidas, dentro do programa do "petróleo por comida".¹⁸

Se os processos históricos são influenciados por fatos geográficos, como apregoou Mackinder, o envolvimento das grandes potências na formação dos Estados do Oriente Médio é explicado pelos profusos mananciais de petróleo naquela área. Cabe, pois, concluir que a importância geopolítica do Golfo Pérsico (e conseqüentemente do Iraque) encontra-se precisamente na sua grande reserva de petróleo.¹⁹

¹⁵ KEARNS, 2006, p. 93.

¹⁶ *Mashrek* significa Oriente Médio, em árabe.

¹⁷ EBRAICO, 2005, p. 13.

¹⁸ COHEN, 2003, p. 352.

¹⁹ EBRAICO, 2005, p. 16

No decorrer da história, podemos observar que muitos recursos naturais já foram necessários para sustentar as sociedades e suas indústrias. O petróleo, entretanto, foi o único visto pelas potências mundiais como um assunto de segurança nacional.

Precisamos assegurar fornecimentos confiáveis de energia a preços razoáveis para fomentar a prosperidade e o crescimento econômico e garantir que o petróleo não seja usado como uma arma. Precisamos enfrentar alguns fatos difíceis referentes ao mercado internacional de petróleo. Dois terços das reservas de petróleo conhecidas do mundo estão no Oriente Médio. A Europa e o Japão, como os Estados Unidos, dependem das importações para atender as necessidades crescentes de petróleo. As reações provenientes de interrupções no abastecimento global de petróleo abalarão a economia global. Por fim, Estados problemáticos controlam quantidades significativas de petróleo.²⁰

O acesso aos campos petrolíferos e a segurança dos países do Golfo Pérsico ligados aos Estados Unidos já eram, desde 1999, tratados como vitais para a segurança nacional dos Estados Unidos. A presença de fontes de petróleo têm sido basilar nas decisões geopolíticas americanas para o Golfo. Para garantir seus interesses, podemos observar que, nas recentes guerras da história do Iraque — a Guerra Irã-Iraque, a Guerra do Golfo e a Guerra do Iraque —, os norte-americanos impediram a ascensão de qualquer hegemonia na região.²¹

No pós-Guerra Fria, portanto, o Iraque — detentor da segunda maior reserva petrolífera do mundo²² — assume um importante papel geopolítico. Ressalta-se, no entanto, que o interesse americano com relação ao petróleo não consiste na intenção desta nação conquistar as regiões produtoras do valioso produto, mas de garantir a prioridade no acesso aos campos petrolíferos. Esse procedimento é considerado fundamental na geopolítica do petróleo.

A idéia de “espaço vital” tem sido recorrente. Hoje, os grandes consumidores de petróleo vêem o conceito de Ratzel sob um novo ângulo. Não existe mais a aspiração de conquistar territórios detentores de recursos naturais, mas sim garantir o acesso privilegiado a eles. A questão não é os Estados Unidos — ou um outro Estado — apossarem-se de uma área de extração, mas assegurar a obtenção do produto, na área em que é fornecido. O professor norte-americano Michael Klare acredita que a disputa política e militar pela utilização das reservas disponíveis de petróleo já começou. Para ele, o objetivo capital das disputas são as almeçadas reservas da Ásia Central e da região do Mar Cáspio.²³

²⁰ ESTRATÉGIA DE SEGURANÇA NACIONAL DOS EUA: UMA NOVA ERA, 2002, p. 19.

²¹ BOIO, 2003, p. 6.

²² FARAH, 2002.

²³ MATTOS, 2006, p. 64.

Apesar de receber dos poços iraquianos somente um quinto do petróleo que adquire do Golfo Pérsico, Washington pretende estabilizar a produção da energia iraquiana porque quanto maior o volume de petróleo exportado, menor será o preço do barril no mercado, o que acarreta grandes benefícios para a economia estadunidense. O cuidado com o Ministério do Petróleo na tomada de Bagdá foi notável. O petróleo iraquiano pode não ser o único fator que explica a invasão americana no Iraque, mas tudo indica que teve um grande peso na decisão.²⁴

A presença de Saddam no poder era considerada como um empecilho para o equilíbrio da região. A hostilidade do governo iraquiano com os Estados Unidos, além de sua situação geopolítica — fraca em comparação ao Irã, mas forte com relação aos demais Estados fronteiriços — fez do ditador um óbice a ser derrubado pelos americanos. A combinação do valor dos recursos fósseis com a instabilidade da região não ofereceu outra escolha aos Estados Unidos senão a invasão, analisou Zbigniew Brzezinski.²⁵

O novo protagonismo da Ásia Central e o potencial da sua riqueza petrolífera é um sinal para uma grande transformação da estratégia estadunidense. Durante a Guerra Fria, as áreas de maior interesse para os estrategistas militares eram aquelas de confronto entre os norte-americanos e os soviéticos: centro e sudeste da Europa e Extremo Oriente. Desde o fim da Guerra Fria, entretanto, estas áreas perderam valor na estratégia de Washington (exceto, talvez, a zona desmilitarizada entre as Coreias), quando outras regiões — o Golfo Pérsico, o Mar Cáspio e o sul do Mar da China — passaram a receber muita atenção do pentágono.²⁶

Atualizando Mackinder, “quem dominar o coração energético, dominará a economia global e quem dominar a economia global dominará o mundo.”

É possível aplicar-se, ainda, no contexto atual, outro conceito do geógrafo britânico, também utilizado por Spykman durante a Guerra Fria: o mundo como um “sistema fechado”,²⁷ ou seja, a interdependência de todos os povos e países da superfície terrestre. Se a instabilidade do Oriente Médio vier a ocasionar à economia estadunidense alguma consequência negativa, esta se refletirá em todo o mundo. Assim, em virtude da interação entre os Estados, considera-se a possibilidade de uma cooperação internacional na resolução dos grandes problemas da presente época.²⁸

Outro aspecto a ser considerado é que o Iraque, apesar de suas planícies desérticas, é atravessado por extensos rios e possui terrenos bastante férteis. Assim, se bem

²⁴ BOIO, 2003, p. 6–7.

²⁵ BREZEZINSKI, 2003/2004, p. 6.

²⁶ KLARE, 2001, tradução nossa.

²⁷ O conceito de “sistema fechado”, de Mackinder, é apresentado na p. 69.

²⁸ DODDS; SIDAWAY, 2004.

administrada, sua bacia hidrográfica poderá adequar suas disponibilidades às necessidades presentes e futuras, principalmente às decorrentes do elevado crescimento demográfico.²⁹

A água que, no porvir, supostamente será tão valiosa quanto o petróleo, pode ser considerada como mais um recurso estratégico da região. A decorrente facilidade no desenvolvimento da agricultura também pode ter sido avaliada como uma ação facilitadora da reconstrução do país, acarretando menos gastos em ajuda humanitária.³⁰

A escassez de água, principalmente no Oriente Médio, tem motivado a disputa pelo controle e utilização de seus mananciais. A maioria das reservas e cursos de água — não só na região, como também em todo globo terrestre — atravessam fronteiras, fato que tem causado um aumento crescente nas tensões sobre o assunto.³¹

Há muito tempo que o Iraque, a Síria e a Turquia vêm tendo sérias desavenças quanto à utilização das águas dos rios Tigre e Eufrates. As nascentes estão em território turco, enquanto o Iraque tem sob seu controle partes do médio e baixo vale hídrico. Já se especula que os eventuais conflitos no Oriente Médio, ao longo do século XXI, serão causados pela escassez de água.³² A geopolítica da água tomaria o importante lugar da geopolítica do petróleo no cenário mundial.

4.2.2 CONSEQÜÊNCIAS DA GUERRA BASEADAS NA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA

Antes do término da Segunda Guerra Mundial, Spykman³³ considerava que seria muito importante para os Estados Unidos impedir a unificação da região euro-asiática, sob um só comando, independente de sistemas políticos ou econômicos. Percebe-se a influência de Mahan³⁴ que, no século XIX, ao propor uma estratégia norte-americana, considerava que a Europa nunca poderia ser deixada sob o domínio de apenas uma potência do continente.³⁵

“A dominação por uma única potência, por qualquer das duas principais esferas — Europa ou Ásia —, é uma boa definição de perigo estratégico para a América, com Guerra Fria ou não”, escreve Henry Kissinger, diplomata estadunidense, já no período pós-Guerra Fria. E acrescenta, adaptando Mackinder: “[...] não é do interesse de nenhum país que Alemanha e Rússia se fixem uma na outra, quer como parceiro principal, quer como adversário principal. Se se (sic) tornarem demasiado

²⁹ OLIC, 1999, p.42

³⁰ GALAMAS, 2005.

³¹ OLIC, 2001.

³² COHEN, 2003, p.354.

³³ A teoria da fimbrias, elaborada por Spykman, é apresentada na p. 73.

³⁴ O pensamento geopolítico de Mahan é apresentado na p. 70.

³⁵ FIORI, 2002.

próximas, suscitarão o medo do seu condomínio; se brigarem, envolverão a Europa numa escalada de crises.”³⁶

Traduz-se, assim, a necessidade de impedir qualquer espécie de supremacia ou aliança entre Rússia e Alemanha, na Europa, e entre a Rússia e a China, no espaço asiático. Há que se recordar, então, que os Estados Unidos, em 1972, com o presidente Richard Nixon e o próprio Kissinger, tomaram a iniciativa de aproximar-se da China, provavelmente temendo uma hegemonia comunista na Ásia.³⁷

Na Guerra do Iraque, constatou-se a possibilidade de uma aproximação entre a Rússia e a Alemanha, primeiramente, pela consonância de opiniões, pois, junto com a França e a China, foram os principais Estados a se manifestarem contra a invasão americana. E, depois, porque os alemães são os principais investidores no processo de reconstrução econômica da Rússia. Assim, a guerra criou um ambiente favorável a ligações político-estratégicas entre os dois governos.³⁸

Cabe, portanto, uma ilação: a Guerra do Iraque pode originar uma forte coalizão entre a Alemanha e a Rússia. Precisamente o que nunca deveria ser permitido, de acordo com o que Mackinder pregou aos ingleses, em sua famosa conferência sobre “O Pivô Geográfico da História”, em 1904.

Foi possível observar, também, que a invasão americana criou uma crise na Organização do Tratado do Atlântico Norte. A confrontação do posicionamento franco-germânico com o anglo-americano, respectivamente contra e a favor da intervenção, congelou uma instituição que requer concordância em suas decisões.

As divergências mostraram um fato curioso: a maioria dos Estados do leste europeu alinhou-se com Washington, indicando que ao deixarem a conexão com Moscou, ainda não se sentiam seguros ao lado da Alemanha. O conflito no Golfo Pérsico causou mudanças inusitadas na balança europeia de poder.

Enfim, o Iraque — como todo o Oriente Médio — situa-se dentro do *Rimland*, composto ainda pelo mar Báltico, Europa Central, Ucrânia, Bielorrússia, Balcãs, Turquia, Ásia Central, Paquistão, Afeganistão, Irã e Palestina. Toda essa área — as fimbrias da Eurásia — tem sido controlada ou neutralizada pela política externa dos Estados Unidos. A influência das idéias de Spykman na doutrina americana parece definitiva.³⁹

³⁶ KISSINGER, 1996, p. 709–710, 718.

³⁷ BURR, 2004.

³⁸ FIORI, 2002.

³⁹ MATTOS, 2006, p. 21.

4.2.3 DOUHET E MAHAN PRESENTES NA GUERRA DO IRAQUE

A Segunda Guerra Mundial não comprovou, na prática, as idéias de Douhet⁴⁰ relacionadas aos ataques aéreos a centros vitais do inimigo. O ânimo dos povos não foi afetado de forma a impelir a rendição dos Estados agredidos. Na Alemanha, as conseqüências do bombardeio contínuo sobre suas áreas industriais foram importantes. No entanto, o bombardeio estratégico de maior valor para a vitória aliada foi de natureza tática: a destruição da força aérea alemã, que permitiu o desembarque na Normandia.⁴¹

Com o advento do armamento nuclear, a teoria de Douhet voltou a ser lembrada, já que as armas atômicas transformariam as questões formuladas pela geopolítica. As concepções de política de contenção tiveram que ser adaptadas à conjuntura em que a evolução do poder aéreo caminharia em paralelo com o desenvolvimento de armas não convencionais, que poderiam ser lançadas de terra, mar ou ar. As “armas feitas para não usar” realmente serviram apenas para dissuasão, uma vez que após Nagasaki nunca mais foram empregadas.⁴²

Na Guerra do Iraque, o ataque aéreo dos Estados Unidos teve o objetivo de minar a vontade de lutar das tropas de Saddam Hussein. As operações, utilizando mísseis de cruzeiro e pesados bombardeios de alta precisão, tiveram como seu principal destino a cidade de Bagdá, com o intuito de desestabilizar os militares iraquianos e forçar uma rendição.

Em paralelo, os americanos lançaram folhetos incentivando militares e civis a não defenderem Saddam Hussein, além de, por comunicação direta com alguns comandantes militares iraquianos, estimularem a rendição. Ou seja, além do caráter militar (destruir centros de comando e controle), a operação fez parte de uma campanha psicológica, buscando uma vitória rápida, dentro de uma nova doutrina, batizada de "choque e pavor".⁴³

Desenvolvida por Harlan Ullman, experiente estrategista militar, a nova sistemática recomenda o uso de ataques seletivos, visando a objetivos militares específicos, a fim de alcançar "níveis quase incompreensíveis de destruição em massa" em um "nível esmagador de choque e pavor a ponto de paralisar sua vontade de resistir". Desta forma, conseguir-se-ia uma vitória rápida e com poucas vítimas.⁴⁴

⁴⁰ A teoria do poder aéreo, elaborada por Douhet, é apresentada na p. 75.

⁴¹ MOURA, 2006, p. 71.

⁴² SILVA, 2004a, p. 369.

⁴³ COLLINS, 2003 e MATTOS, 2003.

⁴⁴ LES BLOUGH, 2007.

“Choque e pavor” são ações que produzem medo, perigo e destruição, incompreensíveis para a maior parte da população, setores e elementos específicos da sociedade ameaçada, ou para a sua liderança. A natureza na forma de tornados, furacões, [...] pode causar “choque e pavor”. A última aplicação militar de “choque e pavor” foi o uso de duas armas nucleares contra o Japão na Segunda Guerra Mundial. O “choque e pavor” resultante provocou um rápido encerramento da guerra com o Japão (com a rendição incondicional) [...] ⁴⁵

Ullman promove um retorno a Douhet, acreditando que o moral dos civis entraria em colapso com os primeiros bombardeios aéreos sobre cidades. No entanto, existe uma diferença na concepção, já que, com as bombas de precisão, somente alvos militares e industriais são selecionados, pois os civis são deixados de fora das linhas de tiro. Ullman argumenta que com as modernas armas de precisão, poderia ser criado um "equivalente não-nuclear" de Hiroshima. ⁴⁶

As novas armas, utilizando sofisticados sistemas de posicionamento e destruição, regulam as áreas a serem atingidas e proporcionam o estrago total do objetivo, sem causar danos colaterais que possam dificultar a tarefa de reconstrução no pós-guerra. Além disso, visando diminuir a exposição de militares ao fogo inimigo, quase não houve aeronaves táticas tripuladas nas missões de reconhecimento aéreo em profundidade. ⁴⁷

Tratou-se, portanto, de solucionar duas grandes apreensões estadunidenses: a reação da opinião pública perante a morte de soldados e os gastos financeiros com as forças armadas. Desde a Guerra do Vietnã que os Estados Unidos passaram a viver o trauma da grande quantidade de mortos em combate, denominada “Síndrome do Vietnã”. ⁴⁸

Constatar-se que a teoria do poder aéreo teve influência na doutrina de ataque aplicada na Guerra do Iraque não significa que ela tenha trazido resultados positivos.

No Iraque, os oficiais americanos acreditaram que, após os ataques aéreos, já não havia mais apoio generalizado ao regime de Saddam, e que tinham obtido vantagem psicológica em relação ao inimigo. Não foi o que aconteceu, as tropas não conseguiram o apoio da população.

Ressalta-se que, durante os 21 dias nos quais se confiou que a guerra teria sido concluída, os militares da coalizão enfrentaram um adversário extremamente inferior e que ofereceu pouca resistência. Na conquista do objetivo principal — Bagdá —, a única oposição foi um pequeno combate durante a tomada do aeroporto.

⁴⁵ ULLMAN; WADES, 1996, p. 160, tradução nossa.

⁴⁶ SCHIFFERES, 2003.

⁴⁷ GRAEFE, 2005, p. 43.

⁴⁸ SILVA, 2005c.

“O regime iraquiano já é história”, “o povo iraquiano é oprimido”, declarou Donald Rumsfeld, então Secretário de Defesa dos Estados Unidos, por ocasião da derrubada de Saddam.⁴⁹ O governo realmente foi deposto, mas a guerra não havia terminado. A audaciosa Guarda Republicana, reforçada por voluntários, passou a operar de modo furtivo. Utilizando esconderijos e *bunkers* subterrâneos, municiados com armas, munição, dinheiro e ainda dispendo de meios de comunicação, iniciaram uma guerra de resistência.⁵⁰

Com relação às operações navais, o pensamento de Mahan sobre o papel decisivo do controle de áreas marítimas, em todas as guerras, mostrou-se moderno. Os meios navais foram essenciais para a invasão americana, tanto no aspecto logístico, como operativo.

Com o fim da União Soviética e a decorrente divisão da frota do mar Negro entre russos e ucranianos, a hegemonia naval americana tornou-se global, sem nenhum rival à altura. Hoje, as Marinhas estão se adaptando à necessidade de participar, ainda que em coalizões, de comissões distantes de suas bases, considerando a projeção de poder sobre terra como uma de suas principais tarefas. É o poder militar funcionando como vetor da política externa.⁵¹

O argumento de Mahan, também defendido por Seversky,⁵² sobre a obtenção de bases militares estrategicamente posicionadas, igualmente se mostra apropriado.

O fim da Guerra Fria não teve como consequência – como se poderia ter esperado – a redução do número de bases. Parece, pelo contrário, ter conduzido a um aumento dessas bases em número e em localização. [...] Uma das vantagens previstas para um Iraque democrático era a de que poderia aceitar bases americanas em seu território. Não só o poder do exército americano não tem historicamente igual como também opera uma rede militar global em extensão, mais vasta e mais poderosa do que qualquer outra que anteriormente tenha existido.⁵³

Vale ressaltar que, no século XIX, para os Estados Unidos, os oceanos funcionaram como proteção para o seu desenvolvimento. No século XX, além de barreira protetora, funcionou para projetar o seu poderio. Hoje, século XXI, praticamente só é utilizado para projeção de poder.⁵⁴

4.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

⁴⁹ SCHIFFERES, 2003.

⁵⁰ SILVA, 2005a.

⁵¹ TILL, 2006, p. 18.

⁵² As idéias geopolíticas de Seversky são apresentadas na p. 75.

⁵³ COOPER, 2006, p. 179–180.

⁵⁴ FLORES, 2003, p. 12.

Ao verificarem-se teorias clássicas alcançando corpo prático, bem como a perspectiva de seus fundamentos explicarem diversos acontecimentos ocorridos em um conflito, ora em andamento, em pleno século XXI — a Guerra do Iraque — algumas conclusões podem ser vislumbradas.

Constatou-se a validade da aplicação da geopolítica tradicional no tempo presente, mesmo em face das rápidas modificações do ambiente geográfico, da revolução técnico-científica e seus efeitos no poderio dos Estados e, sobretudo, do fim da Guerra Fria.

No que diz respeito aos conceitos geopolíticos básicos, a questão euroasiática e a referência à importante região onde hoje se realiza a Guerra do Iraque são bastante claras. O combate ocorre no Crescente Interior de Mackinder e no *Rimland* de Spykman: áreas consideradas como plataformas para a hegemonia global, em ambas as teorias.⁵⁵

A projeção geopolítica de poder baseada no domínio dos mares e na ação das forças navais, fundada por Mahan, e a teoria do poder terrestre de Mackinder, antes apresentadas como paradigmas opostos, hoje estão relacionadas. As marinhas continuam relevantes, principalmente como instrumento da política externa. Para a projeção de poder sobre terra, o poder naval tornou-se fundamental.

A célebre máxima de Ratzel — “espaço é poder” — pode ser considerada uma definição concisa para o entendimento atual do âmbito da geopolítica. Porém, com uma diferença da sua acepção original: a expansão espacial não mais considera a ampliação de fronteiras, priorizando agora a influência política e o livre acesso aos Estados. Já a decisão americana de iniciar a guerra, sem o aval da ONU, pode ser interpretada com outra frase do professor alemão: “Quando se trata de sobrevivência, o Estado deve preferir a força aos princípios morais”.⁵⁶

As dimensões espacial e ideológica de poder que vigoraram, respectivamente, antes e durante a Guerra Fria, foram substituídas por um enfoque econômico e político. Assim, na geopolítica do petróleo, alguns estudiosos alteraram a posição do *Heartland* e atualizaram seu nome para coração energético mundial.

A importância do fator emocional, defendida por Douhet, o sistema fechado de Mackinder e a necessidade de bases de apoio ao longo das rotas oceânicas, levantada por Mahan e Seversky, são exemplos de conceitos da geopolítica clássica integralmente utilizados por Estados modernos, na formulação de políticas e estratégias.

⁵⁵ As teorias de Mackinder e Spykman são apresentadas nas p. 68 e 73, respectivamente.

⁵⁶ RATZEL *apud* MAFRA, 2006, p. 45.

Enfim, alguns conceitos geopolíticos clássicos podem ter entrado em crise, necessitando de novas abordagens, no entanto, não se esgotaram, já que ainda fundamentam o estudo das relações internacionais, com uma perspectiva espacial ou geográfica.

5 NOVAS GEOPOLÍTICAS EM QUESTÃO

Exato dois séculos após a Revolução Francesa, um novo episódio ocorrido na Europa causou grandes repercussões, no continente e no mundo: a queda do Muro de Berlim. O fim da Guerra Fria não apenas alterou a repartição do poder mundial, mas alterou também a natureza do poder geopolítico. A analogia entre armas e poder que vigorou durante décadas começou a ser dissolvida. Outras expressões de poder passaram a ser consideradas.¹

Para Pierre Lellouche, no início da década de 90, já era possível determinar os elementos de poder do século XXI, quais sejam: população, tecnologia, forças armadas, carisma de uma ideologia, poder econômico e financeiro. Assim, concebeu-se um período de confusão e mudanças, em que se presencia a coexistência ou o confronto de um conjunto heterogêneo de forças, constituído por: nações militarmente poderosas (Estados Unidos e Rússia, esta economicamente enfraquecida); gigantes econômicos emergentes, mas incertos do ponto de vista militar e político (Alemanha e Japão); grandes massas demográficas subdesenvolvidas (China, subcontinente indiano e África) e uma vasta zona de turbulências fortemente militarizada (o mundo árabe muçulmano), tentada pelo fundamentalismo e vital para o planeta pelos seus recursos petrolíferos.²

A queda do Muro foi o marco inicial de um processo, ainda em andamento, de rápidas modificações no cenário internacional. Após a união das Alemanhas, seguiu-se a crise do mundo socialista e o desmembramento da União Soviética. Na Europa, como um efeito dominó, os regimes comunistas dos países satélites de Moscou foram caindo um após o outro.

Na marcha dos acontecimentos, a Guerra do Golfo. Uma verdadeira coalizão expulsa as tropas de Saddam Hussein do Kuwait. O novo paradigma é construído sobre regulamentos e legitimidade, abrangendo todo o espaço mundial.³

Mas as conseqüências do Onze de Setembro e a invasão do Iraque sem o aval da ONU fazem recuar as idéias de um governo mundial e de uma proliferação de instituições multilaterais, como as Nações Unidas.⁴

¹ MAGNOLI, 2004b, p. 200.

² LELLOUCHE, 1992, p. 488.

³ HARDT; NEGRI, 2005, p. 31.

⁴ SILVA, 2005b.

A inesperada rapidez e a amplitude das mudanças criaram um clima de dúvidas que persiste até os dias de hoje. Os Estados se viram despreparados ante um mundo radicalmente diverso daquele em que se haviam desenvolvido e consolidado preceitos e visões geopolíticas, pelas quais se pautara a evolução do pensamento político universal.

Algumas pessoas chamam o novo mundo de multipolar. Outras evidenciam que o fim da Guerra Fria no mundo conservou apenas uma superpotência. Ambas as observações são verdadeiras. O mundo emergente talvez seja mais bem descrito como um mundo unimultipolar.⁵

A conexão entre território, população e as novas concepções de poder tornou-se mais complexa ao considerar fatores — direitos humanos e terrorismo, por exemplo — que passaram a ser abordados internacionalmente. Ignácio Ramonet prevê uma fase de grande caos, com a ocorrência dos mais variados fenômenos, tais como o reaparecimento dos nacionalismos.⁶ Por outro lado, da investigação geopolítica surgiram novas e até inusitadas formas de enxergar o mundo.

Neste capítulo, serão expostas três teorias geopolíticas contemporâneas, escolhidas não só pela importância universal que tiveram, mas também pelas suas relações com a Guerra do Iraque.

5.1 AS GEOPOLÍTICAS CONTEMPORÂNEAS E A GUERRA DO IRAQUE

5.1.1 O FIM DA HISTÓRIA DE FRANCIS FUKUYAMA

Cronologicamente, o primeiro modelo geopolítico sobre a nova ordem mundial foi elaborado em 1989 pelo cientista político americano, de origem japonesa, Francis Fukuyama, ao publicar o ensaio “O fim da História?” na revista *National Interest*.⁷

Anteriormente apresentada por Hegel e Marx, a questão sobre o fim da história é retomada em um contexto muito oportuno: a queda do Muro de Berlim. Fukuyama exaltou uma suposta vitória final da democracia do Ocidente e o natural término da rivalidade ideológica que, desde a Revolução Russa, condicionava a oposição entre as potências. Nesse enfoque, no pós-Guerra Fria restaria lugar somente para a competição econômica entre as empresas.⁸

⁵ HUNTINGTON, 1992, p. 19.

⁶ RAMONET, 1998, p. 7–8.

⁷ O ensaio “O fim da História?” encontra-se disponível, na língua inglesa, em www.marion.ohio-state.edu/fac/vsteffel/web597/Fukuyama_history.pdf. Pouco tempo depois, Fukuyama aprofundou sua exposição em “A Reply to My Critics”, publicada na mesma revista no inverno de 1989–1990 e disponibilizada em www.wesjones.com/coh_reply.htm. Anos mais tarde, desenvolveu suas idéias forma de livro.

⁸ MAGNOLI, 2004b, 183.

A democracia liberal substitui o desejo irracional de ser reconhecido como maior do que os outros pelo desejo racional de ser reconhecido como igual. Um mundo feito de democracias liberais, então, teria menor incentivo para guerras, uma vez que haveria o reconhecimento recíproco da legitimidade entre todas as nações.⁹

O final da história significaria o término dos conflitos sangrentos; o homem substituiria as guerras pelas disputas de mercados, sem mais ter que arriscar sua vida.¹⁰

Como aconteceu com Kjellen, o professor americano foi favorecido pela situação. Por ser funcionário do governo, em Washington, seu texto foi interpretado como o pensamento do governo americano. Assim, sua teoria e, principalmente, seu polêmico título, acarretaram intensos debates.¹¹

Para a geopolítica, no entanto, a discussão sobre se chegamos ao fim da história é secundária. O que importa é se os direitos humanos e a democracia, ao estarem se tornando mundiais, justificariam, em seu nome, intervenções militares, validando assim um novo fundamento nas relações internacionais.

Posteriormente, a Guerra do Golfo pareceu confirmar a nova estratégia das relações internacionais, pois os Estados Unidos e a ONU, ao rechaçar a invasão do Kuwait, apresentaram a defesa da paz e dos direitos humanos, como seus objetivos.

Na Guerra do Iraque, o objetivo seria utilizar o país como pivô da remodelação democrática e liberal do Oriente Médio. No entanto, inverso ao propósito divulgado, soldados americanos realizaram graves violações às convenções de Genebra, como torturas, execuções e a manutenção de prisioneiros em condições degradantes.¹²

Como corolário, a imagem dos Estados Unidos foi bastante prejudicada. A menos que a democracia se transforme em pedra angular na região, os esforços de Washington parecerão mais uma vez construídos sobre a ilegitimidade.

Nota-se que os pressupostos sobre a expansão da soberania popular pelo mundo e de que o Estado democrático tem uma política externa do mesmo modo democrática são questionáveis. “As intervenções no estrangeiro também escondem interesses econômicos e políticos que muitas vezes nada têm de democráticos”, ressalta o professor José William Vesentini.¹³

⁹ FUKUYAMA, 1992, p.21.

¹⁰ CARVAJAL, 2005, p. 24.

¹¹ VESENTINI, 2004, p. 67.

¹² HERSH, 2004, p. 41.

¹³ VESENTINI, 2004, p. 72-73.

O presidente Bush só apresentou o dever de impor a democracia e os direitos humanos no Iraque após não ter comprovadas suas razões políticas para a intervenção: a existência de armas de destruição em massa e a ligação de Saddam Hussein com o Talibã.¹⁴

E há que ser avaliada também a questão da autenticidade da democracia no governo eleito no Iraque. Talvez a única maneira de considerá-la legítima seria se os novos governantes tomassem decisões que afrontassem as posições americanas, como nos temas relacionados a Israel e à Palestina. Será que os democratas ocidentais aceitariam?¹⁵

Cabe, portanto, uma inferência: se tivéssemos uma ONU forte e reformulada, que deliberasse prioritariamente por negociações, acredita-se que as intervenções econômicas ou militares seriam aceitas como legítimas. No entanto, nas Nações Unidas prevalecem as propostas de expansão do Conselho de Segurança, ficando o processo de tomada de decisões em segundo plano. A expansão, sem qualquer revisão da metodologia de trabalho do Conselho, dificultará, ainda mais, o procedimento decisório, já que a maior variedade de membros trará consigo, inevitavelmente, uma maior disparidade de interesses e possibilidades de divergências. Assim, ainda vigora a lei do mais forte.¹⁶

Apesar de sua teoria poder explicar a postura americana, Fukuyama declarou que a mudança de regime pela força nunca foi a chave para a transição democrática. Para o professor, antes do estabelecimento de uma democracia liberal existe a necessidade de um Estado em funcionamento (algo que nunca desapareceu na Alemanha e no Japão após o término da Segunda Guerra Mundial). Para ele, em países como o Iraque, não se pode assegurar a construção de uma democracia.¹⁷

5.1.2 O CHOQUE DAS CIVILIZAÇÕES DE SAMUEL HUNTINGTON

Em 1993, Samuel Phillips Huntington, diretor do Instituto de Estudos Estratégicos de Harvard e professor de Relações Internacionais, abordando o tema de distribuição de poder, estabeleceu uma nova apreciação sobre a geopolítica. Seus postulados foram apresentados no artigo “Choque das civilizações?”, publicado na revista *Foreign Affairs*.¹⁸

¹⁴ SILVA, 2006.

¹⁵ CATHERWOOR, 2006, p. 264.

¹⁶ CRAVO, 2005. p. 23.

¹⁷ FUKUYAMA, 2007.

¹⁸ O texto “Choque das civilizações?” encontra-se disponível, na língua inglesa, em http://uniset.ca/terr/news/fgnaff_huntingtonclash.html.

Assim como Fukuyama, suas idéias foram logo vertidas para diversos idiomas, provocando discussões em todo mundo. Posteriormente, em 1996, publicou um livro, tentando melhorar a fundamentação de seus pensamentos.¹⁹

Em linhas gerais, a teoria de Huntington explica que os conflitos presenciados no mundo de hoje não são necessariamente ideológicos ou econômicos, mas sim de origem e de ordem cultural. O autor apresenta um componente de aproximação ou afastamento das nações — o cultural — que, tradicionalmente, não era considerado pelos analistas de relações internacionais. “No mundo pós-Guerra Fria, a cultura é, ao mesmo tempo, uma força unificadora e divisiva”, afirma.²⁰

O professor americano entende que os Estados continuarão desempenhando o papel principal nos acontecimentos globais, mas realça que os conflitos incluirão, cada vez mais, diferentes civilizações. As relações internacionais estariam entrando em uma nova fase, onde o alicerce será “a interação entre as civilizações ocidentais e as não ocidentais, e destas últimas entre si mesmas”. Dessa forma, “as linhas de fratura entre as civilizações” — suas diferenças culturais — “estão substituindo as fronteiras políticas da Guerra Fria como os principais pontos de crise e derramamento de sangue.”²¹ A fragmentação ocorrida na Iugoslávia, em 1991, ilustraria o processo.

As linhas que repartem as civilizações são de difícil demarcação. Para Huntington, as civilizações são dinâmicas: separam-se e juntam-se; têm nascimento e morte ao longo da história. Suas identidades tenderiam a ser cada vez mais consideradas no futuro, de modo que o mundo seria desenhado pelas interações entre sete ou oito grandes civilizações: ocidental, latino-americana, sínica, japonesa, hindu, islâmica, ortodoxa e, possivelmente, africana (FIG. 5).²² “Na era que está emergindo, os choques das civilizações são a maior ameaça à paz mundial, e uma ordem internacional baseada nas civilizações é a melhor salvaguarda contra a guerra mundial.”²³

O autor define civilização não por entidades políticas, mas culturais. Uma civilização seria o mais alto agrupamento cultural de pessoas e o mais amplo nível de identidade cultural que as pessoas têm aquém daquilo que distingue os seres humanos das demais espécies. A língua, história, religião, costumes e instituições, assim como a auto-identificação subjetiva dos povos, são enfatizados como elementos necessários comuns nas

¹⁹ VESENTINI, 2004, p. 53.

²⁰ HUNTINGTON, 1997, p. 20 e 28.

²¹ HUNTINGTON, 1993.

²² HUNTINGTON, 1997, p. 48 e 52.

²³ HUNTINGTON, 1997, p. 410.

civilizações.²⁴ Uma civilização poderia abranger diversos Estados, como ocorre com as civilizações ocidental e latino-americana, ou apenas um, na civilização japonesa.²⁵

Em sua tese, Huntington defende a idéia de que as diferenças entre as civilizações são reais e, por serem cada vez mais acentuadas, têm que ser consideradas nas relações entre os Estados. No seu cenário prospectivo, os conflitos entre civilizações irão suplantar os conflitos de natureza ideológica.

Com relação aos conflitos, suas razões seriam, entre outras, as peculiaridades e contrastes de natureza cultural. Estas, por serem menos mutáveis, serão mais difíceis de conciliar e resolver do que as diferenças de natureza política dos conflitos ideológicos da Guerra Fria, quando os Estados podiam mudar de posição. O conflito entre as civilizações envolve cultura, religião, tradições, ou seja, características de difícil alteração.²⁶

Em sua teoria, também sustenta que o Ocidente está usando as instituições internacionais, seu poder militar e seus recursos econômicos para dirigir o mundo de tal maneira que a predominância de sua cultura se mantenha, protegendo seus interesses e promovendo seus valores econômicos e políticos. Como ocidentais, ele considera os Estados Unidos, o Canadá e a Europa, com epígonos na Austrália e Nova Zelândia.²⁷

O século XXI seria o começo de uma era de religião e, nesse período, as duas grandes religiões missionárias — islamismo e cristianismo — tornar-se-iam muito expressivas e destinadas ao confronto. “Os militantes islâmicos, tanto religiosos quanto seculares, certamente vêem os Estados Unidos, seu povo, sua religião e sua civilização como inimigos do Islã.”²⁸

Assim, o fundamentalismo islâmico, bastante estudado pelo professor americano, foi considerado elemento *sui generis* na recomposição da atual ordem política mundial. Por trás do revigoramento do islamismo, o alto crescimento demográfico das populações islâmicas é apresentado como o fator mais ameaçador aos Estados ocidentais.²⁹

No fundo da percepção americana, havia um forte lastro do culturalismo de Samuel Huntington, defensor de um mundo em colossal conflito de civilizações. [...] imaginavam — lidando principalmente com meia dúzia de exilados ocidentalizados e subornados pela inteligência britânica e a *CIA* — que seriam recebidos como heróis no Iraque. [...] os Estados Unidos não conseguiam entender as diferenças culturais, a profunda austeridade do Islã e subestimavam a força do nacionalismo.³⁰

²⁴ HUNTINGTON, 1997, p. 45–51.

²⁵ Na FIG. 3, podemos ver que os povos curdos ocupam áreas de diversos Estados, tais como Iraque, Síria, Turquia e Irã.

²⁶ HELLENBROICH, 2003.

²⁷ ESTEBAN, 1997, p. 307–308

²⁸ HUNTINGTON, 2004 *apud* SCHWALBE, 2006.

²⁹ GRIECO, 1999, p. 75.

³⁰ SILVA, 2005b.

É possível vislumbrar que a política externa estadunidense foi influenciada por uma transformação ideológica ligada a valores religiosos. A expressão, tornada lugar-comum pelo presidente Bush, de que ele era um instrumento de Deus, com a tarefa de levar a liberdade ao Oriente Médio, demonstra bem a devoção americana. Como perigoso corolário, angariou o rancor de vários povos, especialmente junto ao mundo islâmico, não só contra os Estados Unidos, mas também aos seus principais valores — a democracia e a liberdade — que tanto queriam disseminar.³¹

Ou seja, a teoria do Choque de Civilizações forneceu subsídios aos estrategistas de Washington. O islamismo foi considerado a grande ameaça. Por outro lado, os Estados Unidos eram vistos como o “Grande Satã”. Os fatos correspondiam aos pensamentos de Huntington.³²

A invasão ao Iraque, muito bem planejada quanto à parte militar, não considerou as peculiaridades da cultura muçulmana. Ao se focarem exclusivamente na liberdade, os americanos deixaram de lado elementos culturais básicos do povo iraquiano, tais como afiliação, lealdade ao clã, honra e vergonha. As tropas dos Estados Unidos mostraram que não estavam preparadas para lidar com a população. Em virtude da violência com que trataram os iraquianos, os militares americanos tiveram que se isolar em seus quartéis, já que o trânsito pelas cidades passou a deixá-los vulneráveis quanto a represálias, como seqüestros e ataques suicidas.³³

É conveniente ressaltar que os soldados britânicos, responsáveis pela cidade de Basra, mesmo fustigados por rebeldes, adotaram procedimentos diferentes. Procurando logo passar as tarefas de controle da cidade para os próprios iraquianos e utilizando táticas simples,³⁴ conseguiram diminuir, de forma considerável, os ataques insurgentes.³⁵

Em consequência dos ataques terroristas em Washington e Nova York, em 2001, os Estados Unidos passaram a considerar que para implantar a democracia e a liberdade em uma região seria suficiente remover o ditador nela estabelecida. A Guerra do Iraque evidenciou o engano: tomar Bagdá e derrubar Saddam não foi tarefa difícil, mas tudo indica que a obtenção da paz, se alcançada, deverá levar muitos anos.³⁶

³¹ MAGNOLI, 2006a, p. 468.

³² ALI, 2001.

³³ MAGNOLI, 2006a, p. 467 e 475

³⁴ Por exemplo, substituíram os capacetes por boinas, diminuindo o aspecto agressivo de seus uniformes. Até o nome americano "choque e pavor" para a doutrina utilizada no ataque foi alterada no planejamento britânico para "guerra baseada em efeitos". O Reino Unido considerou que o conceito explícito não se acomodava à declarada ênfase na futura reconstrução do Iraque.

³⁵ GARDNER, 2005.

³⁶ BBC BRASIL, 2007b.

Quanto aos conflitos entre grupos de civilizações diferentes dentro de um mesmo Estado, previstos por Huntington, cabem algumas observações. O poder no Iraque, após as eleições de 2005, foi dividido entre três grupos: xiitas, sunitas e curdos. Os xiitas, vitoriosos, não obtiveram maioria no parlamento. O pleito foi realizado com diversos óbices, entre os quais, o medo de agressões que induziu candidatos a esconder os seus nomes e o boicote da maioria dos eleitores sunitas.

Ressalta-se ainda que, depois de décadas de tirania, a ausência de partidos bem estabelecidos estimulou os iraquianos a votar de acordo com as suas seitas ou religiões de origem. Vários líderes sunitas acusam os xiitas a incentivar a violência sectária e de não deliberar a favor do restabelecimento da segurança no país. Ou seja, o contexto mostra que o Iraque já se encontra ou está prestes a iniciar uma guerra civil.³⁷

O paradigma de Huntington pode ser interpretado como uma refutação ao apresentado por Fukuyama. Em virtude da tendência humana pela simplificação binária, o otimismo do fim da história e o pessimismo do choque de civilizações pareciam substituir a discussão capitalismo *versus* comunismo. No entanto, ambos os autores estabeleceram uma visão determinista, de que o destino do homem seria predeterminado, de forma cultural ou ideológica.³⁸

Os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 — bem como a inabilidade americana de criar uma democracia no Iraque — reforçaram a teoria do Choque de Civilizações. O anseio ocidental de universalizar os seus valores, as ações dos Estados ocidentais — percebidas como agressivas pelos árabes — e os resultados da globalização sobre modelos sociais tradicionais provocaram um profundo ressentimento nas populações islâmico-arábias.³⁹

O Ocidente conquistou o mundo não pela superioridade das suas idéias, valores ou religião (para a qual poucos membros das outras civilizações se converteram), mas sim por sua superioridade em aplicar a violência organizada. Os ocidentais freqüentemente se esquecem desse fato, mas os não-ocidentais nunca.⁴⁰

Assim, para Huntington, o eixo da política mundial do pós-Guerra Fria reside na interação entre o poder e a cultura, das civilizações ocidentais com as não-ocidentais.

³⁷ SANTOS, 2006.

³⁸ WHEEN, 2007, p. 90–95.

³⁹ NASR, 2007.

⁴⁰ HUNTINGTON, 1997, p. 59.

5.1.3 O TABULEIRO DE ZBIGNIEW BRZEZINSKI

Em seu livro “O grande tabuleiro de xadrez”, publicado em 1997, o polonês naturalizado americano, Zbigniew Kazimierz Brzezinski, cientista político e ex-assessor de Segurança Nacional dos Estados Unidos (no governo Jimmy Carter), apresentou suas concepções geopolíticas para o mundo pós-Guerra Fria.⁴¹

Segundo Brzezinski, a preponderância dos Estados Unidos no mundo, a curto prazo, não correria riscos. Os americanos continuariam na vanguarda das inovações tecnológicas, absolutos quanto ao poder militar e, além de exercerem uma grande influência cultural, seriam a força motriz da economia globalizada. Ou seja, teriam estabelecido quatro pólos irradiadores de poder: tecnológico, militar, cultural e econômico.⁴²

Para manter esse predomínio, o politólogo acredita que os Estados Unidos devam praticar uma política externa capaz de frustrar o aparecimento de possíveis adversários que estejam em condições de controlar os recursos necessários aos objetivos americanos. À luz desse conceito, explicou como possíveis distribuições de poder, em especial na Europa e na Ásia, poderão alterar a ordem internacional, ameaçando a hegemonia americana. Apresentou, ainda, políticas a serem desenvolvidas pelos americanos, a fim de evitar a concretização dessas ameaças.⁴³

O objetivo central dos Estados Unidos deveria ser o de manipular os principais atores geoestratégicos da Eurásia, fazendo com que a supremacia global americana tenha longevidade e estabilidade. A Eurásia é o mais importante tabuleiro de xadrez do mundo para o exercício do poder.⁴⁴

Assim, o espaço eurasiático é visto como uma mesa de jogo, onde se decidirá o rumo mundial neste século. A Eurásia, com sua população, recursos naturais e intensa atividade econômica, deveria ser o foco do poderio americano, no intuito de assegurar a sua primazia.⁴⁵

Nessa disputa, Brzezinski identificou jogadores e pivôs geopolíticos. Os jogadores são os Estados que, com possibilidade de exercer poder além de suas fronteiras, prejudicariam os interesses americanos. Os pivôs retratariam os Estados valorizados em virtude do seu posicionamento geográfico e cuja vulnerabilidade influi na conduta dos jogadores. No contexto atual, o autor reconhece cinco países como jogadores geopolíticos (Alemanha,

⁴¹ BRZEZINSKI, 1997c, p. 227.

⁴² BRZEZINSKI, 1997b, p. 24.

⁴³ BRZEZINSKI, 1997d, p. 3.

⁴⁴ BRZEZINSKI, 1997b, p. 194–195.

⁴⁵ SEMPA, 2002, p. 113.

França, China, Rússia e Índia) e cinco pivôs (Ucrânia, Azerbaijão, Coreia do Sul, Turquia e Irã).⁴⁶

Quanto às “regras do jogo”, os contendores reconhecem outros fatores, além dos territoriais, no dimensionamento de suas capacidades de poder. Para Brzezinski, os conceitos geográficos, priorizados por Mackinder, têm sido suplantados por elementos políticos, econômicos e tecnológicos. Dessa forma, é possível aos Estados Unidos, geograficamente de fora da Eurásia, exercer o seu poder sobre o continente eurasiático, demonstrando, assim, sua hegemonia internacional.⁴⁷

O tabuleiro — a Eurásia — foi dividido em quatro regiões e, para cada uma, estabelecida uma política específica a ser praticada pelos Estados Unidos. As regiões receberam os seguintes nomes: “Ponte Democrática”, “Buraco Negro”, “Âncora do Oriente” e “Balcãs da Eurásia” (FIG. 6).

A “Ponte Democrática”, nome dado à Europa, é analisada como uma aliada natural dos Estados Unidos. O continente é considerado como ponto de partida para que os interesses americanos sejam disseminados por toda a Eurásia. Assim, a Europa foi promovida como a região mais importante do seu cenário global. A Alemanha e a França, grandes potências, respectivamente, de ordem econômica e política, seriam os principais Estados nas relações com a Europa.⁴⁸

É interessante observar que, na Guerra do Iraque, a esperada coligação com a Europa não aconteceu, principalmente em virtude das posições da França e da Alemanha, justamente os países destacados por Brzezinski, os quais foram contrários à deflagração do conflito.

O “Buraco Negro” foi a denominação concedida à Rússia, centro da Eurásia. A queda da União Soviética, de acordo com a sua teoria, é preocupante no que tange à possibilidade de uma desordem política em uma região dotada de armas nucleares e com reservas naturais de grande valor. Os americanos deveriam buscar a recuperação econômica dos Estados daquela área, com o intuito de torná-los pólos democráticos.⁴⁹

Com relação à Ásia, Brzezinski acredita que os Estados Unidos devam manter uma relação próxima com o Japão e uma atitude cooperativa com a China. Por essa razão, a área foi por ele chamada de “Âncora do Oriente”. A possibilidade de a China se tornar uma

⁴⁶ BRZEZINSKI, 1997b, p. 41.

⁴⁷ BRZEZINSKI, 1997b, p. 39.

⁴⁸ BRZEZINSKI, 1997b, p. 59

⁴⁹ BRZEZINSKI, 1997d, p. 4.

potência na área é encarada positivamente, porque, no contexto eurasiático, contribuiria para o equilíbrio de poder.⁵⁰

Fazendo uma analogia com o instável e complexo cenário de conflitos e rivalidades dos Bálcãs, o sul da Ásia e o Oriente Médio foram chamados de “Bálcãs Eurasiáticos”. Entretanto, suas características peculiares foram consideradas: elevadas populações e vasta extensão territorial, com grandes reservas de gás, petróleo e outros recursos minerais.⁵¹

A diversidade do Oriente Médio como arena geopolítica e seus diversos nódulos de poder impedem o desenvolvimento de unidades geopolíticas estáveis, regionais ou sub-regionais. [...] Ao invés de um mosaico regional onde umas partes complementam outras, o Oriente Médio é formado por Estados competitivos e grupos de interesse. Nessa competição, os mais importantes focos de poder são a Arábia Saudita, Turquia, Egito, Irã, Iraque e Israel.⁵²

Em defesa dos interesses americanos na região, Brzezinski apresenta o pluralismo geopolítico, ou seja, os Estados Unidos deveriam usar de meios diplomáticos, econômicos e até militares para evitar que um Estado ou uma coalizão de Estados exercesse a hegemonia na região, sobretudo sobre as fontes de petróleo, não descartando a influência que outras potências, como a França e a Rússia, tenham no Iraque.⁵³

Assim, qualquer Estado que tentasse exercer a hegemonia nos Bálcãs da Eurásia deveria ser contido pelos Estados Unidos. Quando um Estado do Golfo se fortalecia e desequilibrava a balança de poder, os americanos rapidamente enviavam ajuda para os demais Estados da região por meio da venda de armamentos, transferência de tecnologia ou mesmo com o envio de tropas.

“Esta estratégia”, disse Brzezinski, referindo-se ao pluralismo geopolítico, “recompensará a manobra política e a manipulação diplomática, prevenindo a emergência de uma coalizão hostil que possa transformar a supremacia americana, não permitindo, nem mesmo, a remota possibilidade que algum Estado procure fazer isto”.⁵⁴

Pode-se conjecturar que essa estratégia americana vem sendo adotada desde os anos 1970. Inicialmente, os Estados Unidos intercederam junto ao Irã quando o Iraque parecia mais forte, depois, na Guerra Irã-Iraque, junto ao Iraque, quando o Irã parecia mais potente. E, em todo o período, protegeram o petróleo do Kuwait e da Arábia Saudita do domínio do Iraque ou do Irã. Com este enfoque, na década de 90, durante o governo Bill Clinton, foi

⁵⁰ Neste trabalho, a expressão ‘equilíbrio de poder’ significa que o poder é distribuído entre várias nações, com uma igualdade aproximada (MORGENTHAU, 2003, p. 321).

⁵¹ BRZEZINSKI, 1997b, p. 124.

⁵² COHEN, 2003, p. 354, tradução nossa.

⁵³ BRZEZINSKI, 1997b, p. 148.

⁵⁴ BRZEZINSKI, 1997a, tradução nossa.

desenvolvida a política americana de “dupla contenção”, que previa a utilização de sanções econômicas, comerciais e militares contra o Irã e o Iraque.⁵⁵

Ademais, durante a Guerra do Golfo e na invasão americana ao Iraque em 2003, foi possível verificar a presença do conceito de pluralismo geopolítico na estratégia americana. No entanto, a ocupação territorial de Estados da região não era prevista, principalmente sem a autorização do Conselho de Segurança da ONU, o que significaria um risco político indesejado.

Porém, os atentados em setembro de 2001 causaram mudanças na política externa americana. A ameaça terrorista passou a justificar uma atuação mais voltada para os próprios interesses nacionais americanos. O cotejo entre a extraordinária força multinacional da Guerra do Golfo e as tropas de coalizão da Guerra do Iraque, estas sem o apoio da ONU, evidenciou o enfraquecimento do interesse pela legitimidade. O governo de Washington passou a ampliar seus ideais de um mundo unipolar, onde, como única superpotência, teriam o direito de empregar medidas preventivas e unilaterais, para garantir a sua autodefesa.⁵⁶

Pode-se inferir, ainda, que a invasão americana tivesse pouca ou nenhuma relação direta com os ataques de 11 de Setembro, no entanto, constituíram um excelente pretexto para um ataque preventivo. Os ataques terroristas tinham relação com a ajuda americana à Arábia Saudita, e uma revolução em Riad significaria a perda de um importante aliado na região. Cabe lembrar que os sauditas detêm um quarto das reservas mundiais de petróleo.⁵⁷ Assim, a invasão americana ao Iraque e a instauração de um governo pró-americano na região evitariam o aparecimento de um líder regional que desafiaria a preponderância americana no Golfo.

Considera-se importante ressaltar que a Arábia Saudita, mesmo sendo um governo não-democrático, é aliada dos Estados Unidos. Ou seja, a Doutrina Bush não estava preocupada com a ditadura no Irã ou no Iraque, mas sim com a ameaça que representavam às suas aspirações de liderança no Golfo Pérsico.

Nos ataques de 11 de Setembro, pela primeira vez, a estratégia aplicada por Washington em uma determinada região acarretou mortos dentro das fronteiras americanas. O que poderia ter sido encarado como uma oportunidade de reformulação do pluralismo geopolítico, que tantas guerras fomentou no passado, foi tomado pelo governo americano como uma justificativa para a intensificação do uso da força no Golfo Pérsico.⁵⁸

⁵⁵ EBRAICO, 2005, p. 129.

⁵⁶ MAGNOLI, 2006a, p. 454 e 467.

⁵⁷ LE MONDE DIPLOMATIQUE, 2006.

⁵⁸ EBRAICO, 2005, p. 88, 110 e 123–124.

O próprio Zbigniew Brzezinski criticou a guerra no Iraque, advertindo que a atitude do presidente Bush fatalmente conduziria a uma guerra com o Irã, com resultados incalculáveis para os interesses americanos, tanto na região como internacionalmente. “A guerra está minando a legitimidade mundial da América. As mortes de civis e alguns abusos estão manchando as credenciais morais da América. Guiada por princípios maniqueístas e arrogância imperial, a guerra está intensificando a instabilidade na região”.⁵⁹ Para ele, a maior tarefa que os Estados Unidos enfrentarão para a promoção da segurança mundial será a pacificação e, depois, a criação de organizações de cooperação nas regiões do mundo onde existe grande concentração de injustiça política e alto potencial de violência. Importante destacar que essas áreas também são as maiores produtoras de petróleo e de gás natural.⁶⁰

Mas o pensamento de Brzezinski também foi criticado. São contestadas, por exemplo, as reais chances de realização de uma política externa de longo prazo, tão estruturada e ponderada. E a principal desaprovação é o cunho inquestionável e benevolente que ele atribui à dominação americana no mundo.⁶¹

5.2 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

As intensas transformações econômicas e políticas ocorridas no mundo, a partir de 1989, modificaram radicalmente os fatores que regiam as diretrizes estratégicas dos principais atores do cenário mundial. Em consequência, a reedição de conceitos clássicos não foi suficiente para fundamentar a geopolítica e a atuação internacional dos Estados. Desta forma, novos elementos surgiram e, redefinindo-se as avaliações geopolíticas, novas teorias foram apresentadas.

A tese de Fukuyama expôs uma visão otimista, considerando que a tendência da política internacional é a valorização da democracia e dos direitos humanos, o que, em longo prazo, proporcionaria um mundo mais equilibrado e pacífico, onde as decisões internacionais poderiam ser tomadas de forma harmônica e legítima.

Já a teoria de Huntington pode ser avaliada como uma concepção pessimista, porque as civilizações entrarão em conflito não apenas por motivos econômicos, mas principalmente por causas culturais e religiosas, fatores extremamente diversos e de difícil consenso.

⁵⁹ GREY, 2007.

⁶⁰ BREZEZINSKI, 2003/2004, p. 6.

⁶¹ BREZEZINSKI, 1997c, p. 232.

Na leitura geopolítica do “Choque de Civilizações”, observa-se que os cenários cogitados balizam, para os próximos anos, uma continuidade e expansão dos conflitos assimétricos, ou como consequência de medidas violentas de organizações terroristas internacionais ou como produto da estratégia expansionista dos Estados Unidos. De qualquer forma, sua análise é ponderada como importante.

Com relação ao pensamento de Brzezinski, vislumbra-se que a idéia de distribuição de poder na Eurásia, apresentada como elemento-chave para a primazia mundial dos Estados Unidos, encontra inspirações nas idéias de Spykman.⁶²

Na Guerra Irã-Iraque, a preocupação americana era a de evitar que qualquer um dos contendores assumisse o domínio da região. Já na Guerra do Iraque, entende-se que os Estados Unidos não temiam apenas a emergência de hegemonias dentre os países do Golfo. Parece claro que a guerra visava eliminar qualquer concorrência na obtenção do valioso óleo daquela região: o petróleo iraquiano, tema repetitivo nas teorias geopolíticas relacionadas à Guerra do Iraque.

Assim, avalia-se o tabuleiro de xadrez de Brzezinski como uma recuperação dos conceitos geopolíticos tradicionais no cenário contemporâneo.

Sobre as teorias de Fukuyama e Huntington, é interessante notar que quando Kjellen criou o termo geopolítica,⁶³ o mesmo era um dos ramos em que a política foi dividida e que, posteriormente, todas as divisões criadas foram tratadas como geopolíticas. Essa classificação considerava, além do território do Estado, a economia, as relações políticas das raças, a sociedade, as questões de governo e administração.

Avalia-se, então, que os fatores destacados por Fukuyama e Huntington, normalmente apresentados como novos elementos geopolíticos — na realidade, já faziam parte da raiz da disciplina — apenas não tinham sido utilizados para explicar as relações entre os Estados. Assim, foram recriados para explicar o mundo pós-Guerra Fria.

Mas o conceito de geopolítica ainda é controverso. Na Segunda Guerra Mundial, foi associado a objetivos expansionistas e hoje, como vimos nas diversas interpretações da política americana, está sujeito a ser apresentado como justificativa para encobrir propósitos econômicos.

Os atentados de 11 de setembro de 2001 mostraram que, no século XXI, as posturas dos Estados nas relações internacionais nascem não só de seus interesses declarados, políticos ou econômicos, mas sobretudo de seus valores, visões de mundo e compreensões da

⁶² Os conceitos formulados por Spykman são apresentados na p. 73.

⁶³ A criação do neologismo, por Kjellen, foi apresentada na página 13.

realidade internacional. O Ocidente cada vez mais se define pela oposição ao que é diferente das suas idéias de democracia, cultura ou religião. Talvez seja a hora de reformular o conceito de diferenças e buscar-se o intercâmbio de idéias e não a imposição das mesmas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi apresentada a evolução da geopolítica desde os seus conceitos clássicos até suas representações contemporâneas, decorrentes das radicais transformações ocorridas a partir de 1989: a crise do mundo socialista, o final da União Soviética e as redefinições do mapa-múndi.

Nota-se que a geopolítica, que serviu de fundamento para o clássico enfrentamento entre o Urso e a Baleia, ou seja, entre os principais atores do período da Guerra Fria, não foi mais capaz de atender a todas as questões das relações internacionais. Criada e desenvolvida em um período que os Estados eram os únicos atores da conjunção global, a geopolítica teve que adequar-se às novas demandas, sendo então atualizada.

Não obstante, muitas vezes, a sua concepção haver-se associado a propósitos imperialistas, foi possível perceber que a geopolítica permeia a política externa dos Estados, sendo utilizada por governos e instituições, interessados na aplicação dos conhecimentos das ciências sociais aos problemas concretos.

Estudar a validade de teorias geopolíticas, clássicas e contemporâneas, na Guerra do Iraque, permitiu concluir que algumas teorias revelam um grau de aproveitamento maior ou menor do que outras. Os conceitos requerem análises, de acordo com a circunstância em que se deseja aplicá-los. Afirmar que a essência da geopolítica clássica esgotou-se ou que uma nova teoria é absolutamente correta significa olhar o mundo sob apenas uma perspectiva.

O conflito no Golfo Pérsico mostrou que, no século XXI, a força sem legitimidade promove a desconfiança e que a legitimidade sem força não se sustenta. Vale recordar, portanto, o que disse o diplomata Sérgio Vieira de Mello, um dia antes de iniciar sua missão fatal no Iraque: “Se quisermos que o sistema internacional se baseie em algo mais do que a força ou o poder, os Estados terão de regressar à instituição que criaram: As Nações Unidas”.¹

A guerra, considerada na geopolítica clássica como um instrumento das políticas expansionistas, passou a ser, na geopolítica do mundo pós-Guerra Fria, tanto quanto possível, evitada. As teorias contemporâneas passaram a apresentar cenários prospectivos, embasando deliberações políticas e revelando serem ainda decisivas na estruturação das relações entre os Estados.

¹ MELLO *apud* PEREIRA, 2003–2004. p. 41.

Embora Brzezinski tenha apresentado uma visão bastante fundamentada nos conceitos clássicos; a geopolítica, com Fukuyama e Huntington, passou a considerar outros parâmetros, quais sejam, os direitos humanos como base das relações internacionais e a ineficácia da força para mudar valores culturais.

Os geopolíticos ainda tentam compreender o significado deste período pós-Guerra Fria, mas não existe consenso. Novas geopolíticas certamente surgirão. Seus conceitos devem ser sugestivos e não-definitivos.

Não se pode ficar preso a apenas uma teoria, há que se avaliar a reunião de todas essas representações geopolíticas, comparando-se idéias, no intuito de construir um pensamento próprio e adequado para cada contexto.

Aprende-se que uma teoria deve exercer uma função pedagógica, ou seja, não pode ser um conjunto fechado de normas incondicionais, verdades absolutas ou fórmulas matemáticas. Ela deve ser construída para educar a mente dos líderes, ou mais precisamente, para guiá-los em seu auto-aprendizado, assim como um sábio mestre conduz e estimula o desenvolvimento intelectual de seu aluno.

Como ensinou Carl von Clausewitz: “A teoria esclarece conceitos e idéias”.²

² CLAUSEWITZ, 1873, v. 2, cap. 1 e 2.

REFERÊNCIAS

ABREU, Guilherme Mattos de. Ainda a Guerra do Iraque. *O Anfíbio: Revista do Corpo de Fuzileiros Navais*, Rio de Janeiro, n. 23, 2004. Disponível em: <www.mar.mil.br/cgcfn/downloads/oanf2004anf.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2007.

ALI, Tarik. Em nome do choque de civilizações. *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro, 2001. Disponível em: <diplo.uol.com.br/2001-10,a74>. Acesso em: 12 abr. 2007.

ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. *A guerra como fenômeno sócio-político*. 2003. 68 p. Monografia (Curso de Política e Estratégia Marítimas) – Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <www.egn.mar.mil.br/cepe/trabCurriculares/guerraFenomeno.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2007.

AMORIM, Celso Luiz Nunes. *Atuais Desafios das Relações Exteriores*. Nova Delhi, 28 jan. 2004. Palestra. Disponível em: <www.mre.gov.br/portugues/politica_externa/discursos/discurso_detalhe.asp?ID_DISCURSO=2325> Acesso em: 01 maio 2007.

ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as Nações*. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Universidade de Brasília, 1979. 706 p. Título original: Paix et guerre entre les nations.

ARRUDA, José Jobson. *Nova história moderna e contemporânea: da descolonização da África e Oriente Médio à Guerra do Iraque*. Bauru, SP: Edusc, 2005. 302 p.

BBC BRASIL. *Atentado em hotel de Bagdá mata líderes sunitas*. Londres, 25 jun. 2007a. Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2007/06/070625_iraque_sunitasrg.shtml>. Acesso em: 25 jun. 2007.

BBC BRASIL. *Bush perde principal "falcão" da "guerra ao terror"*. Londres, 08 nov. 2006. Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/11/061108_perfilrumsfelddt.shtml>. Acesso em: 23 abr. 2007.

BBC BRASIL. *EUA devem lutar no Iraque por muitos anos, diz general*. Londres, 09 jul. 2007b. Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/07/070709_iraque_dg.shtml>. Acesso em: 09 jul. 2007.

BINIMELIS, Cecília Quintana. Em torno das origens da geopolítica alemã. *Revista Intellector*, Rio de Janeiro, Centro de Estudos em Geopolítica e Relações Internacionais, v. 1, n. 5, jul./dez, 2006. Disponível em: www.revistaintellector.cenegri.org/quintana.pdf. Acesso em: 25 abr. 2007.

BLITZKRIEG. In: *ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA*. Chicago: Encyclopædia Britannica, 2007.

BOIO, David. A Geopolítica da Administração W. Bush: O derrube do Regime Iraquiano em 2003. *Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais*, Lisboa, [2004?]. Disponível em: <www.ciari.org/investigacao/geopolitica_adm_w_bush.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2007.

BONFIM, Urcy Castro. *Geopolítica*. Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2005. 104 p. Disponível em: <www.eceme.ensino.eb.br/cpeaex/downloads/ead/geop_01_2006.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2007.

BRZEZINSKI, Zbigniew. A Geostrategy for Eurasia. *Foreign Affairs*, Washington, v. 76, n. 5, p. 50-64, set./out. 1997a. Disponível em: <www.foreignaffairs.org/19970901faessay3795/zbigniew-brzezinski/a-geostrategy-for-eurasia.html>.

BREZEZINSKI, Zbigniew. Hegemonic Quicksand. *The National Interest*, Washington, Winter 2003/2004, p. 6. Disponível em: <www.kas.de/upload/dokumente/brzezinski.pdf>. Acesso em: 01 maio 2007.

BRZEZINSKI, Zbigniew. *The grand chessboard: american primacy and its geostrategic imperatives*. New York: Basic Books, 1997b. 223 p.

BRZEZINSKI, Zbigniew. *The grand chessboard: american primacy and its geostrategic imperatives*. New York: Basic Books, 1997c. Resenha de: BERTONHA, João Fábio. *Contexto internacional*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 227-233, jan./jun. 2000.

BRZEZINSKI, Zbigniew. *The grand chessboard: american primacy and its geostrategic imperatives*. New York: Basic Books, 1997d. Resenha de: HENRIQUES, Alexander César. *Trabalho acadêmico do Curso de Estado Mayor de la Academia de Guerra Naval de Armada de Chile*, Valparaíso, Chile, ago. 2005.

BURR, William. New Documentary Reveals Secret U.S., Chinese Diplomacy Behind Nixon's Trip. *The National Security Archive: Electronic Briefing Book*, Washington, n. 145, 21 dez. 2004. Disponível em: <www.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB145/index.htm>. Acesso em: 01 abr. 2007.

CAMPOS JUNIOR, Celso de. Segunda Guerra Mundial: tanques indomáveis. *VEJA on-line*, São Paulo, abr. 2005. Disponível em: <veja.abril.com.br/especiais_online/segunda_guerra/edicao001/sub1.shtml>. Acesso em: 23 abr. 2007.

CARVAJAL, Raul Sanhueza. Revisitando a Francis Fukuyama y Samuel Huntington. Analisis critico de los paradigmas sobre el ordem de la postmodernidad. *Diplomacia*. Santiago, Chile, n. 104, p. 15-77, out./nov. 2005.

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso Xavier de. Geopolítica Mundial e as Perspectivas do Mundo Árabe. *Revista Espaço Acadêmico da Universidade Estadual de Maringá*, Maringá, n. 44, jan. 2005. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/044/44ccarvalho.htm>. Acesso em: 23 abr. 2007.

CARVALHO, Leonardo Arquimimo de (Coord.). *Geopolítica e relações internacionais*. Curitiba: Juruá, 2006. 300 p.

CASTRO, Therezinha de. *Geopolítica, princípios, meios e fins*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999. 392 p.

CATHERWOOR, Christopher. *A loucura de Churchill: os interesses britânicos e a criação do Iraque moderno*. Tradução de Clóvis Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. Título original: Churchill's folly. 305 p.

CHAUPRADE, Aymeric. *Géopolitique: constantes et changements dans l'histoire*. Paris: Ellipses, 2003. 960 p.

CLAUSEWITZ, Carl von. *On war*. Tradução de James John Graham. London: N. Trübner, 1873. Título original: Vom Kriege. Disponível em: <www.clausewitz.com/CWZHOME/VomKriege2/ONWARTOC2.HTML>. Acesso em: 30 jul. 2007.

COHEN, Saul Bernard. *Geopolitics of the world system*. Maryland: Rowman & Littlefield, 2003. 435 p.

COLLINS, Steven. As conseqüências do Iraque. *Notícias da OTAN*, Bruxelas, verão 2003. Disponível em: <www.nato.int/docu/review/2003/issue2/portuguese/art4_pr.html>. Acesso em: 01 maio 2007.

COOPER, Robert. *Ordem e caos no século XXI*. Tradução de Carlos Braga. Lisboa: Editorial Presença, 2006. 191 p. Título original: The breaking of nations.

CORREIO DA MANHÃ. *Soldados dos EUA mortos no Iraque*. Lisboa, 19 jul. 2007. Disponível em: <www.correiomanha.pt/noticia.asp?id=250659&idselect=21&idCanal=21&p=200> Acesso em: 19 jul. 2007.

CRAVO, Teresa de Almeida. *Entre a Centralidade e a Marginalização: a Reforma da ONU para o Século XXI*. Lisboa: Instituto Português de Relações Internacionais - Universidade Nova de Lisboa, 2005. Disponível em: <www.ipri.pt/publicacoes/working_paper/working_paper.php?idp=18>. Acesso em: 15 abr. 2007.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1975. 656 p.

DEFARGES, Philippe Moreau. *Introdução à Geopolítica*. Tradução de José Pedro Teixeira Fernandes. Lisboa: Gradiva, 2003. 189 p. Título original: Introduction à la géopolitique.

DODDS, Klaus; SIDAWAY, James D. Halford Mackinder and the “geographical pivot of history”: a centennial retrospective. *The Geographical Journal*, [S.l.], 2004. Disponível em: <www.mywire.com/pubs/TheGeographicalJournal/2004/12/01/1317732?page=1>. Acesso em: 01 maio 2007.

EBRAICO, Paula Bretanha Mendonça. *As opções de geopolítica americana: o caso do Golfo Pérsico*. 2005. 136 p. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Departamento de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG_0651.D2W/SHOW?Mat=&Sys=&Nr=&Fun=&CdLinPrg=pt&Cont=8064:pt>. Acesso em: 23 abr.

2007.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2005. 174 p. Título original: Come si fa una tesi di laurea.

ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT. *Mapa: principais oleodutos do Iraque*, Londres, [2003?]. Disponível em: <store.eiu.com/product/asset_images/CP_CPIQ_MAIN_20030701T000000_003.gif>. Acesso em: 05 ago. 2007.

ESTEBAN, Francisco Javier Peñas. *Occidentalización, fin de la Guerra Fria y relaciones internacionales*. Madrid: Alianza Editorial, 1997. 379 p.

ESTRATÉGIA DE SEGURANÇA NACIONAL DOS EUA: UMA NOVA ERA. Agenda da política externa dos EUA. *Revista eletrônica do Departamento de Estado dos Estados Unidos*, Washington, v. 7. n. 4. DEZ. 2002. Disponível em: <usinfo.state.gov/journals/itps/1202/ijpp/ijpp1202.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2007.

FARAH, Paulo Daniel. Petróleo é fator-chave na crise iraquiana. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2002. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/iraque/petroleo.shtml>. Acesso em: 01 maio 2007.

FERNANDES, José Pedro Teixeira. Da geopolítica clássica à geopolítica pós-moderna: entre a ruptura e a continuidade. *Política Internacional*, Lisboa, n. 26, Outono-Inverno, 2002. Disponível em: <www.jptfernandes.com/docs/art_acad_geopolitica.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 1.517 p.

FIORI, José Luís. Blowback. *Correio Braziliense*, Brasília, 15 set. 2002. Disponível em: <www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20020915/pri_opi_150902_166.htm>. Acesso em: 01 abr. 2007.

FLORES, Mário César. Defesa nacional na ordem do século XXI. *Dossiê do Centro Brasileiro de Relações Internacionais*, Rio de Janeiro, v. 1, 2003. Disponível em: <www.cebri.org.br/pdf/175_PDF.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Guerra Estúpida*. São Paulo, 21 mar. 2003. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/guerranoiraque/0072.shtml>. Acesso em: 22 abr. 2007.

FONSECA, Sandra Rodrigues Braga Machado da; VLACH, Vânia Rúbia Farias Vlach. Uma introdução à geopolítica clássica: de Ratzel a Haushofer. *II Simpósio regional de geografia "perspectivas para o cerrado no século XXI"*, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, 26 a 29 de Novembro de 2003. 15 p. Disponível em: <www.ig.ufu.br/2srg/4/4-81.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2007.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. 489 p. Título original: The end of history and the last man.

FUKUYAMA, Francis. The history at the end of history. *Guardian News and Media Limited*. Manchester, abr. 2007. Disponível em: <[commentisfree.guardian.co.uk/francis_fukuyama / 2007/04/the_history_at_the_end_of_hist.html](http://commentisfree.guardian.co.uk/francis_fukuyama/2007/04/the_history_at_the_end_of_hist.html)>. Acesso em: 22 abr. 2007.

GALAMAS, Francisco José da Silva. As razões do Iraque. *Interconexos*, [S.l.], Rede de cooperação acadêmica supra-universitária interdisciplinar, 26 jan. 2005. Disponível em: <interconexos.blogs.sapo.pt/arquivo/664943.html>. Acesso em: 12 abr. 2007.

GARDNER, Sophy. Operação Iraqui Freedom. *Air & Space Power Journal*, Maxwell AFB, Alabama, 2. trim. 2005. Disponível em: <www.airpower.maxwell.af.mil/apjinternational/apj-p/2005/2tri05/gardner.html>. Acesso em: 12 abr. 2007.

GILPIN, Robert G. The Richness of the Tradition of Political Realism. *International Organization*, Cambridge, v. 38, n. 2, Spring 1984 *apud* HORTON, Joshua B. Deep Ecology and International Relations Theory: Along the Normative Frontier. *University of Arizona - International Studies Association*, Tucson, 2002. Disponível em: <www.isanet.org/noarchive/horton.html>. Acesso em: 22 abr. 2007.

GODET, Michel; ROUBELAT, Fabrice. Creating the future: the use and misuse of scenarios. *Long Range Planning*, Londres, v. 29, n. 2, p.164-171, 1996 *apud* MARCIAL, Elaine Coutinho; GRUMBACH, Raul José dos Santos. *Cenários prospectivos: como construir um futuro melhor*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 148 p.

GRAEFE, Frank M. A Guerra Aérea de Amanhã. *Air & Space Power*, Maxwell AFB, Alabama, 3. trim. 2005. Disponível em: <www.fab.mil.br/revistas/pdf/aspj_3rd_qtr_05.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2007.

GREY, Barry. Uma bomba política de Zbigniew Brzezinski: Ex-conselheiro da segurança nacional afirma que Bush procura pretexto para atacar o Irã. *World Socialist Web Site*, [S.l.], 12 fev. 2007. Disponível em: <wsws.org/pt/2007/feb2007/port-f12.shtml>. Acesso em: 12 abr. 2007.

GRIECO, Francisco de Assis. “O choque das civilizações” a civilização universal e as novas civilizações. *Revista da Escola Superior de Guerra*, Rio de Janeiro, p. 71-79, n. 38, 1999.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Tradução de: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Recor, 2005. 501 p. Título original: Empire.

HELLENBROICH, Elisabeth. Samuel Huntington e o “choque de civilizações”. *Executive Intelligence Review em português*, [Washington], 2003. Disponível em: <portugues.larouche-pub.com/outrosartigos/2003/SHuntingtonChoqueCiv.html>. Acesso em: 12 abr. 2007.

HENRIQUES, Mendo Castro. *Em torno da Guerra do Iraque*. Curso de segurança e defesa para jornalistas, [Lisboa], 21 out. 2003. Disponível em: <pwp.netcabo.pt/netmendo/Artigo%20em_torno_da_guerra_do_iraque.htm>. Acesso em: 22 abr. 2007.

HERSH, Seymour M. *Cadeia de comando*. Tradução de Áurea Akemi Arata, Marina Petroff Garcia e Andréia Moroni. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 398 p. Título original: Chain of command.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. Tradução de James Murphy. Landsberg, 1924. Título original: *Mein Kampf*. Disponível em: <www.greatwar.nl/books/meinkampf/meinkampf.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2007.

HOBBSBAWN, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598 p. Título original: *Age of extremes: the short twentieth century: 1914-1991*.

HORTON, Joshua B. *Deep Ecology and International Relations Theory: Along the Normative Frontier*. *University of Arizona - International Studies Association*, Tucson, 2002. Disponível em: <www.isanet.org/noarchive/horton.html>. Acesso em: 22 abr. 2007.

HUNTINGTON, Samuel P. A mudança nos interesses estratégicos americanos. *Política Externa*, São Paulo, Editora Paz e Terra-Núcleo de Política Internacional e Comparada (USP), v. 1, n. 1, p. 16-30, jun. 1992.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Tradução de M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1997. 455 p. Título original: *The clash of civilizations and the remarking of world order*.

HUNTINGTON, Samuel P. The clash of civilizations? *Foreign Affairs*, New York, Summer, 1993. Disponível em: <uniset.ca/terr/news/fgnaff_huntingtonclash.html>. Acesso em: 22 abr. 2007.

HUNTINGTON, Samuel P. *Who Are We?* New York: Simon & Schuster, 2004. *apud* SCHWALBE, Stephen. Democracia no Iraque. *Air & Space Power Journal*, Maxwell AFB, Alabama, 1. trim. 2006. Disponível em: <www.airpower.maxwell.af.mil/apjinternational/apjp/2006/1tri06/schwalbe.html>. Acesso em: 12 abr. 2007.

IKENBERRY, G. John. America's Imperial Ambition. *Foreign Affairs*, New York, set./out. 2002. Disponível em: <www-rohan.sdsu.edu/~rgibson/Ikenberry.pdf>. Acesso em: 01 maio 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Mapa do Iraque*. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>. Acesso em: 04 ago. 2007.

KEARNS, Gerry. Naturalising Empire: Echoes of Mackinder for the Next American Century? *Geopolitics*, Cambridge, v. 11, n. 1, p. 74-98. Spring, 2006. Disponível em: <www.informaworld.com/smpp/content~content=a742102439~db=all~order=page>. Acesso em: 12 abr. 2007.

KEEGAN, John. *A Guerra do Iraque*. Tradução de Laís Andrade. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005. 285 p. Título original: *The Iraq War*.

KISSINGER, Henry A. *Diplomacia*. Tradução de Ana Cecília Simões *et al.* Lisboa: Gradiva, 1996. 793 p. Título original: *Diplomacy*.

KLARE, Michael T. *The New Geography of Conflict. Foreign Affairs*, New York, maio/jun. 2001. Disponível em: <www.foreignaffairs.org/20010501faessay4767/michael-t-klare/the-new-geography-of-conflict.html>. Acesso em: 12 abr. 2007.

KRÁLOVSTVI MAP. *Mapa do Iraque*. Olomouc, República Tcheca, [ca. 2000]. Disponível em: <www.kralovstvimap.cz/php/index.php?page=catalogue-list&country_id=35>. Acesso em: 04 ago. 2007.

LARSON, Alan. Geopolítica do petróleo e do gás natural. *Perspectivas Econômicas - Revista Eletrônica do Departamento de Estado dos EUA*, Washington, maio 2004. Disponível em: <usinfo.state.gov/journals/ites/0504/ijep/larson.htm>. Acesso em: 12 abr. 2007.

LELLOUCHE, Pierre. *Le nouveau monde: de l'ordre de Yalta au désordre des nations*. Paris: Bernard Grasset, 1992. 532 p.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. *Arábia Saudita, frágil solução*. Paris, abr. 2006. Disponível em: <diplo.uol.com.br/imprima1299>. Acesso em: 15 jun. 2007.

LES BLOUGH. Meet Dr. Harlan Kenneth Ullman and Madam Palfrey. *Axis of Logic*, [Massachusetts], maio 2007. Disponível em: <www.axisoflogic.com/artman/publish/printer_24476.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2007.

MACKINDER, Halford J. *Democratic ideals and reality: A study in the politics of reconstruction*. Washington: National Defense University Press, 1942. 213 p.

MAFRA, Roberto Machado de Oliveira. *Geopolítica: introdução ao estudo*. São Paulo: Sicurezza, 2006. 226 p.

MAGNOLI, Demétrio (Coord.). *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006a. 479 p.

MAGNOLI, Demétrio. “O eixo do mal”. *Revista Pangea*, 15 fev. 2002. Disponível em: <www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=121&ed=1>. Acesso em: 23 abr. 2007.

MAGNOLI, Demétrio. *O grande jogo: política, cultura e idéias em tempos de barbárie*. São Paulo: Ediouro, 2006b. 271 p.

MAGNOLI, Demétrio. *O mundo contemporâneo*. São Paulo: Atual, 2004a. 320 p.

MAGNOLI, Demétrio. *Relações internacionais: teoria e história*. São Paulo: Saraiva, 2004b. 370 p.

MAHAN, Alfred Thayer. *Stratégie Navale: rapprochements et differences avec les principes et l'application de ces principes a la guerre sur terre, conférences faites a l'École de la Marine Newport R. I. entre les années 1887 et 1911*. Paris: L. Fournier, 1923 *apud* TOSTA, Octávio. *Teorias geopolíticas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. 103 p.

MALTEZ, José Adelino. *Biografia do Pensamento Político*. Lisboa, [199-]. Disponível em: <maltez.info/biografia/kjellen.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2007.

MARCIAL, Elaine Coutinho; GRUMBACH, Raul José dos Santos. *Cenários prospectivos: como construir um futuro melhor*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 148 p.

MATTOS, Carlos de Meira. Crises e conflitos do século XXI. *Idéias em destaque*, Rio de Janeiro, Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, n. 21, maio ago. 2006. Disponível em: <www.incaer.aer.mil.br/Ideias_21.pdf>. Acesso em: 01 maio 2007.

MATTOS, Carlos de Meira. Fundamentos científicos da geopolítica e sua relação com a teoria de fronteiras. In: ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA. *O General Meira Mattos e a Escola Superior de Guerra*. Rio de Janeiro: ESG, 2007, p. 81-89. Disponível em: <www.esg.br/pdf/PUBLICACOES/Coletanea_MeiraMatos.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2007.

MATTOS, Laura. Outra frequência: rádio vira arma na guerra do Iraque. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 mar. 2003. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u31632.shtml>. Acesso em: 01 maio 2007.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. *Quem tem medo da geopolítica?* São Paulo: Hucitec; Edusp, 1999. 225 p.

MESQUITA FILHO, Alberto. *Teoria sobre o método científico*. São Paulo, 2000. Disponível em: <www.ecientificocultural.com/ECC2/artigos/metcienc2.htm>. Acesso em: 25 abr. 2007.

MORGETHAU, Hans J. *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. Tradução de Oswaldo Biato. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003. 1.152 p. Título original: *Politics among nations: the struggle for power and peace*.

MOURA, José Augusto Abreu de. A Evolução do Poder Aéreo entre as duas Guerras Mundiais. *Idéias em destaque*, Rio de Janeiro, Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, n. 20, jan./abr. 2006. Disponível em: <www.incaer.aer.mil.br/Ideias_20.pdf>. Acesso em: 01 maio 2007.

NASR, Vali. Who wins in Iraq? *Foreign Policy*, Washington, mar./abr, 2007. Disponível em: <www.foreignpolicy.com/story/cms.php?story_id=3704>. Acesso em: 15 jun. 2007.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. Considerações sobre a sociologia de Max Weber. *Caderno de Filosofia e Ciências Humanas do Centro Universitário Newton Paiva* -, Belo Horizonte, p. 12-20, 1999. Disponível em: <www.sociologia1.hpg.ig.com.br/textos/weber.htm>. Acesso em: 22 abr. 2007.

NYE, Joseph S. *O paradoxo do poder americano: por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada*. Tradução de Luiz Antonio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 293 p. Título original: *The paradox of American power*.

OLIC, Néelson Basic. *Conflitos do mundo: questões e visões geopolíticas*. São Paulo: Moderna, 1999. 72 p.

OLIC, Néelson Basic. A questão da água no mundo e no Brasil. *Revista Pangea*, [São Paulo], 2001. Disponível em: <www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=71&ed=4>. Acesso em: 01 maio 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Carta da ONU*. São Francisco, 26 jun. 1945. Disponível em: <www.onu-brasil.org.br/documentos_carta.php>. Acesso em: 01 maio 2007.

PAGINA PERSONALE DI GERMANO DOTTORI. *Mapa: teoria do poder terrestre*, Roma, [CA. 2000]. Disponível em: <it.geocities.com/gdottori2004/image007.jpg>. Acesso em: 05 ago. 2007.

PARKER, Geoffrey. *Geopolitics: past, present and future*. Londres: Pinter, 1998 *apud* COHEN, Saul Bernard. *Geopolitics of the world system*. Maryland: Rowman & Littlefield, 2003. 435 p.

PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes. *Mapa: teoria das fimbrias*. Palestra sobre geopolítica realizada na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2007. Arquivo do autor.

PEREIRA, Antônio Celso Alves. *A Reforma das Nações Unidas e o Sistema Internacional Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2006. 56 p. Disponível em meio magnético na rede interna da Escola de Guerra Naval.

PEREIRA, Antônio Celso Alves. Reformar a ONU para reconstruir o multilateralismo. *Revista da Faculdade de Direito de Campos*, Campos, a. 4/5, n. 4/5, 2003/2004. Disponível em: <www.fdc.br/Arquivos/Mestrado/Revistas/Revista04e05/Docente/05.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2007.

RAMONET, Ignácio. *Geopolítica do Caos*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1998. 155 p. Título original: Géopolitique du chaos.

REGO, Joaquim Arinê Bacelar. Uma geopolítica brasileira no alvorecer do século XXI. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 124, n. 07/09, p. 148-200, jul./set. 2004.

REVISTA PANGAEA MUNDO. *Mapa: povos do Oriente Médio*. Mensagem de pangea@uol.com.br recebida por claudio@azevedo.com em 31 maio 2007.

RODRIGUES, Alexandre Reis. *Defesa e relações internacionais*. Cruz Quebrada: Notícias Editorial, 2004. 229 p.

RUIZ, João Álvaro. *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1977. 168 p.

SANTOS, Eduardo Silvestre dos. O conceito de geopolítica: uma aproximação histórica e evolutiva. *Jornal Defesa e Relações Internacionais*, Lisboa, mar. 2007. Disponível em: <www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=431>. Acesso em: 27 mar. 2007.

SANTOS, Eduardo Silvestre dos. Um ensaio de futurismo geopolítico. *Jornal Defesa e Relações Internacionais*, Lisboa, set. 2006. Disponível em: <www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=363>. Acesso em: 27 mar. 2007.

SCHWALBE, Stephen. Democracia no Iraque. *Air & Space Power Journal*, Maxwell AFB, Alabama, 1. trim. 2006. Disponível em: <www.airpower.maxwell.af.mil/apj_international/apj-p/2006/1tri06/schwalbe.html>. Acesso em: 12 abr. 2007.

SCHIFFERES, Steve. Análise: Objetivo de ataque é “chocar e apavorar”. *BBC BRASIL*, Londres, 22 mar. 2003. Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/iraque/030321_guerratacamlashtml>. Acesso em: 01 abr. 2007.

SCHUBERT, Frank N.; KRAUS, Theresa L. *Tempestade do Deserto: operações da guerra do Golfo*. Tradução de Luis César Fonseca. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998. 405 p. Título original: *The Whirlwind War*.

SEMPA, Francis P. *Geopolitics*. New Jersey: Transaction Publishers, 2002. 124 p.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Como os EUA decidiram atacar o Iraque. *Leituras cotidianas*, n. 185, 2005a. Disponível em: <br.geocities.com/mcrost07/20050707a_a_guerra_do_iraque.htm>. Acesso em: 24 abr. 2007.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Depois do Iraque, um mundo imprevisível. *Agência Carta Maior*, Santiago, dez. 2005b. Disponível em: <www.galizacig.com/index.html>. Acesso em: 12 abr. 2007.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (Coord.). *Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 963 p.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Iraque urgente: o colapso. *Agência Carta Maior*, São Paulo, out. 2006. Disponível em: <www.agenciacartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=3365&boletim_id=148&componente_id=2704>. Acesso em: 12 abr. 2007.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Múltis dos EUA buscam na América Latina mercenários para atuar no Iraque. *Agência Carta Maior*, São Paulo, abr. 2005c. Disponível em: <www.voltairenet.org/article124524.html>. Acesso em: 12 abr. 2007.

SILVA, Roberto Pereira. Brasil - Geopolítica e Destino - Resenha e Comparação Histórica. *Revista Parcerias Estratégicas*, Brasília, Centro de Estudos Estratégicos, 1995. Disponível em: <ftp.mct.gov.br/CEE/revista/Parcerias2/rev31.htm>. Acesso em: 12 abr. 2007.

SOLOMON, Norman; ERLICH, Reese. *Alvo: Iraque, o que a imprensa não contou*. Tradução de Tatiana Carvalho de Azevedo e Maitê Carvalho Casacchi. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2005. 144 p. Título original: *Target Iraq: what mídia din't tell you*. Disponível em: <www.expressaopopular.com.br/pdfs/Alvo%20Iraque.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2007.

SPYKMAN, Nicholas John. *The geography of the peace*. New York: Harcourt Brace and Co., 1944. 66 p.

TILL, Geoffrey. Poder Marítimo: questões relevantes e desafios. *Revista da Escola de Guerra Naval*, Rio de Janeiro, jun. 2006. Disponível em: <www.egn.mar.mil.br/revistaEgn/junho2006/04-poderMaritimo.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2007.

TOCHTROP, Leonardo. *Dicionário Alemão-Português*. 4. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1968. 686 p.

TOSTA, Octávio. *Teorias geopolíticas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. 103 p.

TRÉAN, Claire. L'ONU pourrait sortir renforcée de la crise irakienne. *LeMonde.fr*, Paris, 19 mar. 2003. Disponível em: <www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=797046>. Acesso em: 01 maio 2007.

ULLMAN, Harlan; WADES, James P. *Shock and awe: achieving rapid dominance*. Washington: National Defense University, 1996. 199 p.

VESENTINI, José William. *Novas geopolíticas*. São Paulo: Contexto, 2004. 125 p.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. O Brasil no Conselho de Segurança da ONU. *Terra Educação*, 28 set. 2004. Disponível em: <educaterra.terra.com.br/vizentini/artigos/2004/09/28/000.htm>. Acesso em: 22 abr. 2007.

WHEEN, Francis. *Como a picaretagem conquistou o mundo*. 2. ed. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2007. 362 p. Título original: How mumbo-jumbo conquered the world.

WILENSKY, Alfredo Héctor; JANUÁRIO, Rui; DIOGO, Luís da Costa. *Geopolítica e Relações Internacionais*. Lisboa: Quid Juris, 2005. 382 p.

APÊNDICE A - PRINCIPAIS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS

1 RATZEL E A TEORIA DO ESPAÇO VITAL

Friedrich Ratzel (1844–1904), cientista alemão e professor de geografia política, foi o prógono da geopolítica. Ele foi o primeiro a considerar, de forma sistemática, o espaço e a posição em seu estudo comparativo dos Estados.¹

Pregou Ratzel: “Semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço, as lutas dos povos são quase sempre pelo mesmo objetivo. Na história moderna, a recompensa da vitória foi, sempre, um proveito territorial”.²

Os Estados eram considerados organismos biológicos dinâmicos, vinculados ao solo e ao homem. Como um organismo, o Estado iria se desenvolver, aumentando ou diminuindo o seu território. Ao relacionar o homem à terra, defendia que o tamanho e a posição do território influenciariam o destino político da cada nação. Assim, criou o conceito de “espaço vital”, compreendido como a área que um Estado considera necessário para obter sua auto-suficiência. Para Ratzel, “espaço é poder”.³

Sua teoria considerava que a necessidade de espaço de um Estado cresceria com a sua cultura. As idéias, a produção comercial e atividade missionária — consideradas sintomas de desenvolvimento — também refletiam a necessidade de crescimento. A expansão dos Estados se realizaria pela conquista de pequenos territórios, um após os outros.

A fronteira era considerada o órgão periférico do Estado, indício do crescimento da força e das modificações deste organismo. Em seu crescimento, os Estados tenderiam a absorver valiosos setores geográficos, tais como litorais e regiões ricas em recursos. E a tendência de agregar territórios cresceria à medida que fossem realizadas, aumentando o ânimo para renovados impulsos de conquista.⁴

Talvez motivado pelo aumento da tensão internacional que inflamou o nacionalismo na Alemanha e no restante da Europa, no início do século XX, os derradeiros trabalhos de Ratzel destacaram a defesa de posições expansionistas na relação Estado-

¹ COHEN, 2003, p. 13.

² MAFRA, 2006, p.36.

³ SILVA, 1995.

⁴ SILVA, 2004, p. 359.

território e o reconhecimento da violência e da guerra como elementos integrantes da história humana. Seus últimos trabalhos foram interpretados como prenúncio da geopolítica.⁵

2 MACKINDER E A TEORIA DO PODER TERRESTRE

Na configuração de cenários geopolíticos, Halford Mackinder (1861–1947), destacado geógrafo e estrategista britânico, foi o mais proeminente. Sua teoria política do pivô geográfico da história, mais conhecida como Teoria do Poder Terrestre, dividia o mundo em três grandes áreas: (1) a Ilha Mundial (Europa, Ásia e África), abrangendo a maior parte do poder da terra; (2) as Ilhas do Exterior (Américas e Austrália); e (3) a massa líquida (oceanos). O eminente mestre inglês identificou ainda mais três regiões: (1) uma área pivô, o *Heartland*, de grande valor estratégico, correspondendo à região eurásiana (abrigoando a Europa Oriental, Rússia, Cazaquistão, Irã e Paquistão, entre outros); (2) o Crescente Interior ou Marginal, compondo uma meia lua em torno da área pivô, compreendendo a Alemanha, a Áustria, a Turquia, Índia e a China; e, (3) o Crescente Exterior ou Insular, abrangendo Grã-Bretanha, sul da África, Austrália, EUA, Canadá e Japão (FIG. 7).⁶

“Enquanto os nossos estadistas estão em conversação com o inimigo derrotado”, alertou o governo britânico, durante a Conferência de Paz de Versalhes, sobre a ameaça desempenhada pela Alemanha, “algum querubim alado deveria sussurrar-lhes de tempos em tempos: Quem dominar a Europa Oriental, controlará o coração continental. Quem dominar o coração continental, controlará a ilha mundial. Quem controlar a ilha mundial, controlará o mundo.”⁷

O geógrafo britânico acreditava que a Europa Oriental era a base da política terrestre e que os dois Estados em melhores condições de subjugar a região seriam a Alemanha e a Rússia, mas não isoladamente. Portanto, uma aliança potencial entre os dois países (bem como o controle de um pelo o outro) deveria ser evitada.

Para isso, criar-se-ia um cordão de isolamento constituído *buffer-states* (Estados-tampões) na Europa Oriental, evitando que uma só potência dominasse o *Heartland*. A sua sugestão foi aceita ao término da Conferência de Versalhes, acarretando a criação da Polônia, Tcheco-Eslováquia, Hungria, Iugoslávia, Bulgária, Romênia e Grécia, a partir de territórios desmembrados dos impérios russo, alemão, austríaco e turco.⁸

Importante destacar que a teoria de Mackinder é considerada um marco importante do pensamento político realista. Além de defender o tradicional *balance of powers*

⁵ MAFRA, 2006, p. 42.

⁶ TOSTA, 1984, p. 49–50.

⁷ MACKINDER, 1942, p. 106.

⁸ FONSECA; VLASH, 2003, p. 6–7.

(equilíbrio de forças), sua teoria antecipou argumentos utilizados nas críticas ao idealismo materializado na Sociedade das Nações, na década de 1930.⁹

Ao término da Segunda Guerra Mundial, Mackinder repensou a conceituação de *Heartland* (pensou pela primeira vez em 1919), a qual foi reposicionada entre Missouri (Estados Unidos) e Jenissei (União Soviética), região de importantes recursos nativos, demográficos e de grandes defesas naturais (Oceano Ártico, as montanhas e as mesetas da Ásia Central), que batizou de Lenelândia.¹⁰

Mackinder, na ocasião, também estabeleceu mais uma nova área: o *Midland Ocean* (Atlântico Norte), considerando os mares a ele interligados e as bacias de seus rios. Seus principais elementos eram uma cabeça de praia na França, um aeródromo, protegido pelos mares e canais que o rodeiam, na Grã-Bretanha, e uma reserva geral de tropas adestradas e recursos materiais nos Estados Unidos e Canadá.¹¹

Complementando seu arquétipo geopolítico, adicionou três novas referências: (1) as regiões desérticas que contornam a unidade constituída pelo *Heartland* e o *Midland Ocean*, com amplas extensões de terras e poucos habitantes, e que seriam percorridas pelas novas rotas aéreas e terrestres que, suplantando os óbices geográficos, permitiriam o intercâmbio entre as principais comunidades humanas; (2) as selvas tropicais, existentes à margem do Atlântico Sul, na África e na América do Sul, teriam um imenso potencial agrícola a ser explorado; por último, (3) a região das monções asiáticas, da Índia e da China alcançaria prosperidade à medida que Japão e Alemanha fossem pacificados pela civilização. Assim, Mackinder visualizou nesse cenário, a possibilidade de um mundo em equilíbrio.¹²

Seu conceito sobre “sistema fechado” também merece destaque. Os acontecimentos isolados no planeta e de pequeno impacto nas relações internacionais seriam cada vez mais incomuns. Os conflitos ocorridos em qualquer continente passariam a repercutir na ordem internacional, pois o raio de ação seria todo o globo terrestre.¹³

A partir de agora, na era pós-colombiana, nos defrontaremos novamente com um sistema político fechado e, o que não tem menos importância, o seu raio de ação será o mundo todo. Todas as manifestações sociais que se produzam, em vez de se dissiparem num circuito circunvizinho de espaço desconhecido no qual dominam a ignorância e o caos, serão fielmente refletidas desde as mais distantes regiões do planeta e, conseqüentemente, os fracos elementos do organismo político e econômico do mundo serão eliminados.¹⁴

⁹ FERNANDES, 2002.

¹⁰ SILVA, 2004, p. 360.

¹¹ MACKINDER, 1942, p. 204.

¹² TOSTA, 1984, p. 56.

¹³ EBRAICO, 2005, p.30.

¹⁴ MACKINDER, 1942, p. 176.

A visão do mundo como um sistema político fechado permitiu a conexão entre generalizações geográficas e históricas. A partir destas correlações, Mackinder desenvolveu a idéia de causalidade geográfica na história universal. Já seria possível, em sua acepção, generalizar e comparar as características geográficas com a história mundial. O andamento da história seria determinado pela geografia, considerando o relevo, as dimensões, a localização, o clima e os recursos naturais. A geografia física seria considerada um fator imutável, mesmo com as inovações tecnológicas. Para Mackinder, a geografia permaneceria como o mais constante elemento de influência na história mundial.¹⁵

3 MAHAN E A TEORIA DO PODER MARÍTIMO

O almirante norte-americano Alfred Thayer Mahan (1849–1914), historiador naval e segundo diretor do United States Naval War College, apresentou seus conceitos na Teoria do Poder Marítimo. Analisando o progresso do poder marítimo de grandes potências e as batalhas da Inglaterra contra a França e Holanda, concluiu que o controle de áreas marítimas tinha papel decisivo em todas as guerras desde o século XVII.¹⁶

“A terra é quase sempre um obstáculo, o mar quase todo uma planície aberta. Uma nação capaz de controlar essa planície, por meio do poder naval, e que ao mesmo tempo consiga manter uma grande marinha mercante, pode explorar as riquezas do mundo.”¹⁷ Assim, Mahan declarou a precedência do poder marítimo sobre o poder terrestre, já que este se defrontaria com obstáculos geográficos que seriam ultrapassados pela unidade e a mobilidade dos mares. O poder marítimo recebeu em seu estudo duas acepções: (1) o controle dos mares por meio da superioridade bélica naval e (2) a conjugação de comércio marítimo, bases estrategicamente situadas, construção naval e fácil acesso aos oceanos. A primeira foi apresentada como poder naval, o qual, em conjunção com a segunda, resultou no chamado poder marítimo.

Os seguintes fatores fundamentariam o desenvolvimento do poder marítimo: posição geográfica, configuração física, extensão territorial, caráter nacional e instituições governamentais. Influenciado pela Inglaterra, Mahan, que no início de sua carreira era contrário a teses expansionistas, passou a defendê-las.¹⁸

¹⁵ EBRAICO, 2005, p.31.

¹⁶ SILVA, 2004, p.359–360.

¹⁷ MAHAN *apud* MAFRA, 2006, p. 106.

¹⁸ COHEN, 2003, p.19 e TOSTA, 1984, p. 39–42.

Os Estados Unidos não têm estabelecimentos coloniais ou militares no estrangeiro. Seus navios de combate serão, assim, em tempo de guerra, como pássaros de terra, incapazes de voar longe da orla marítima. A procura de bases para reparo e abastecimento será o primeiro dever de um governo desejoso de fazer crescer seu poderio marítimo.¹⁹

A teoria de Mahan e o cenário prospectivo dela derivado procuravam demonstrar o mote de Temístocles, que Mahan gostava de citar: “Aquele que comanda o mar, comanda todas as coisas”.²⁰

4 KJELLEN E A TEORIA ORGANICISTA DO ESTADO

Como já mencionado, foi Juan Rudolph Kjellen (1864–1922) que cunhou o termo geopolítica em 1899. Ao admitir a renovação da ciência política em seus trabalhos e inserir o nacionalismo como um de seus modos de manifestação, vislumbrou quatro elementos como elaboradores do Estado: território, economia, sociedade e governo. A geopolítica teria como objeto de estudo o vínculo entre território e organização política. Dividiu, portanto, a geopolítica em topolítica (política motivada pela situação geográfica), morfopolítica (política do espaço ocupado pelo Estado) e fisiopolítica (influência do que o território abrange pelas riquezas naturais).²¹

Para o estudo do território, quatro aspectos foram considerados: (1) posição, forma e tamanho; (2) situação em relação ao mar e aos outros Estados (centros de poder); (3) mudanças na conjuntura internacional, em virtude do aumento ou diminuição do poder de um ou vários Estados vizinhos; e (4) a história derivada do seu passado geográfico e seu objetivo na política externa.²²

Utilizando como base as potências de sua época (Grã-Bretanha, França, Alemanha, Áustria-Hungria, Rússia, Itália, Japão e Estados Unidos), realizou um estudo histórico e constatou que, a princípio, o Estado cumpria uma atribuição especificamente jurídica, mas que logo seria expandida para ingerências sociais e econômicas. E baseado nas idéias de Ratzel, elaborou a Teoria Organicista, percebendo o Estado como um fenômeno biológico que nasce, cresce, envelhece e morre. Utilizou diversas comparações com o corpo humano para refletir sobre a correlação entre suas partes.

¹⁹ MAHAN, 1923 *apud* TOSTA, 1984, p. 42.

²⁰ MAFRA, 2006, p. 108–109.

²¹ SILVA, 2004, p. 359.

²² TOSTA, 1984, p. 18.

Os Estados falam e trabalham, fazem uniões ou lutam nos campos de batalha, invejam-se, odeiam-se ou simpatizam entre si, atraem-se, repelem-se, ajudam-se ou combatem-se, da mesma maneira como os restantes seres de uma comunidade.²³

O território era o corpo, a capital e os centros administrativos eram o coração e os pulmões, os rios e as estradas eram as veias e as artérias, e as áreas produtivas eram os membros.²⁴

Acreditava que para um Estado ser respeitado como possuidor de grande influência real, teria que atender aos seguintes requisitos: grande espaço, liberdade de movimento e coesão interna. Para Kjellen, Estados fortes de território pequeno tinham o dever político de aumentá-lo, pela união ou conquista. Afirmava que quanto mais o mundo se organizava, mais os Estados grandes faziam sentir seu poder; e quanto maior fosse a sua expansão, menor o prestígio dos pequenos.²⁵ A sua teoria, portanto, caracteriza a guerra como algo natural para a necessária expansão dos Estados.²⁶

5 HAUSHOFER E A TEORIA DAS PAN-REGIÕES

A geopolítica alemã surgiu como uma reação ao Tratado de Versalhes, ou seja, à derrota alemã na Primeira Guerra Mundial. Além disso, a coesão social obtida pelo príncipe Otto von Bismarck tinha sido rompida. A então República de Weimar enfrentava a guerra de classes, bem como ameaças dos comunistas, da aristocracia conservadora e dos racistas nacionalistas. O desemprego era grande, e a inflação excessiva.²⁷

Nesse contexto, o general alemão Karl Ernst Nikolaus Haushofer (1869–1946) fundou a Associação de Estudo de Geopolítica, transformada, após a ascensão de Adolf Hitler, em Instituto de Geopolítica de Munique. Desmanchando Versalhes, restaurou os territórios perdidos e reconstruiu a Alemanha que se tornou uma potência mundial, apoiada em pretensas leis científicas e princípios geopolíticos que serviram ao nazismo alemão.²⁸

Tendo como cerne as idéias difundidas por Kjellen, o pensamento geopolítico de Haushofer foi baseado em cinco pontos: autarquia, espaço vital, pan-regiões, poder terrestre *versus* poder marítimo e fronteiras. Para obter a autarquia, entendida como auto-suficiência nacional no sentido econômico, o Estado teria que se encontrar em posicionamento geográfico oportuno, dispondo também de um grande espaço físico e variedade climática. O espaço vital

²³ KJELLEN *apud* MALTEZ, [199–].

²⁴ SILVA, 2004, p. 359.

²⁵ TOSTA, 1984, p. 18.

²⁶ SILVA, 2004, p. 359.

²⁷ DEFARGES, 2003, p. 82.

²⁸ TOSTA, 1984, p. 63.

era definido como o direito de um Estado aumentar o seu território, a fim de responder às necessidades de sua população e cultura. As pan-regiões seriam áreas que permitiriam a realização do ideal de autarquia. De acordo com o seu arquétipo, discriminou quatro pan-regiões: (1) a Pan-América, liderada pelos Estados Unidos, (2) a Pan-Euráfrica, liderada pela Alemanha, (3) a Pan-Rússia, liderada pela União Soviética e (4) a Pan-Ásia, liderada pelo Japão (FIG. 8).²⁹

Inspirando-se também nas teorias de Mackinder, considerou o conjugado Eurásia-África como a ilha-mundo, ao redor da qual se desenvolveriam os outros continentes, considerados ilhas menores. E, tal como Ratzel, Haushofer considerava as fronteiras como pausas na expansão territorial, que representariam a situação do poder político em um determinado instante. É interessante destacar que em sua tese empregou idéias de Kjellen, Mackinder e Ratzel.³⁰

Assim, com a sua política externa expansionista, o Führer nazista fez com que suas teorias ganhassem corpo prático. “A liberdade e independência de uma nação se fundamentam na sua extensão territorial, enquanto que os Estados de pequeno território constituem um convite à conquista.”³¹

6 SPYKMAN E A TEORIA DAS FÍMBRIAS

Em 1942, o professor holandês, naturalizado norte-americano, Nicholas John Spykman (1893–1943) apresentou sua teoria, considerando que a base geográfica de um Estado exercia relevante influência em sua política externa. Para ele, as seguintes características influiriam, de forma direta, no planejamento estratégico e político: a extensão territorial, a densidade populacional, a organização econômica, os recursos naturais, a localização geográfica (em relação aos centros de poder, às zonas de conflito e às principais rotas oceânicas) e a inter-relação com outros Estados.³²

Assim, influenciado por Mackinder, acreditava que os estudos geopolíticos deveriam ter caráter global, percebendo a Terra na sua totalidade. Os Estados que desejassem manter seu *status* de poder deveriam realizar seus planejamentos estratégicos e políticos em dimensão global.³³

²⁹ SILVA, 2004, p. 360.

³⁰ COHEN, 2003, p. 21.

³¹ HITLER, 1924, p. 120, tradução nossa.

³² COHEN, 2003, p. 22.

³³ SILVA, 2004, p. 369 e 853.

A guerra global, bem como a paz global, significa que todas as frentes e todas as áreas estão relacionadas. Não importa quão afastadas elas estejam umas das outras, o sucesso ou o fracasso em uma terá um efeito imediato e determinante em outras. É necessário, portanto, ver o mundo na sua totalidade e pesar as medidas tomadas para conseguir a vitória à luz das condições em todos os teatros.³⁴

Spykman contrapôs ao princípio mackinderiano de expansão do *Heartland*, o princípio da contenção do *Rimland* (região das fímbrias), o qual abrangia os mares marginais e mediterrâneos que afastava o continente euroasiático dos oceanos. Compunha, desta forma, o acesso marítimo que integrava a *Ilha Mundo* em termos de poder marítimo. Por apresentar uma frente marítima e outra continental, o *Rimland* teria a possibilidade de realizar ações tanto ofensivas, como defensivas, por terra ou pelo mar. A política de segurança na Eurásia deveria adotar, portanto, o seguinte dogma: “Quem controlar os espaços periféricos (*Rimland*), dominará a Eurásia; quem dominar a Eurásia, controlará os destinos do mundo”³⁵ (FIG. 9).

A teoria das fímbrias possibilitou a construção de um cenário prospectivo, mostrando-se como o precedente teórico da geopolítica de contenção e da política de blocos da Guerra Fria. Mas com o acréscimo de um fator, de grande relevância, a ser considerado: a disputa pelo poder nuclear.

Assim, Spykman acreditava que o poder marítimo (Estados Unidos) teria condições de preparar os Estados do *Rimland*, para bloquear o poder e a influência da potência continental (União Soviética), na busca de sua conquista e posterior controle do mundo.³⁶

Durante a Guerra Fria, a política externa americana procurou conter e isolar a União Soviética. As idéias geopolíticas de Spykman influenciaram profundamente a estratégia de Washington. Daí a metáfora geopolítica da disputa entre “o Urso e a Baleia”, descrevendo o conflito entre as superpotências na Guerra Fria. Os focos de conflito na Alemanha, Oriente Médio, Indochina, Taiwan e Coréia desenhavam a linha de contato entre os dois grandes poderes.³⁷

É importante lembrar que suas idéias foram elaboradas antes da Segunda Guerra Mundial e, em boa parte, como uma crítica à teoria do poder terrestre, que teria enfatizado desproporcionalmente o valor do poder continental. Em sua argumentação, ressaltava a importância estratégica dos oceanos, combinando com o de seu compatriota Mahan.

³⁴ SPYKMAN, 1944, p. 45, tradução nossa.

³⁵ SANTOS, 2007.

³⁶ MAFRA, 2006, p. 144–146.

³⁷ MAGNOLI, 2004b, p. 129.

Questionando a idéia de que os oceanos separam e protegem, explicava que, na realidade, os mares aproximam e conectam. De acordo com o seu modelo, o poder continental, explícito no controle sobre o *Heartland*, podia ser replicado pelo anel marítimo que o envolvia. Assim, sua teoria nos estimula a pensar sobre a importância dos estreitos e pontos estratégicos das principais rotas marítimas.³⁸

7 DOUHET E A TEORIA DO PODER AÉREO

Utilizando como argumento o fator emocional em suas avaliações geopolíticas, o general italiano Giulio Douhet (1869–1930) apresentou o bombardeio intenso dos centros vitais do inimigo e a ofensiva aérea como ações relevantes para abaixar o moral da população inimiga e, conseqüentemente, sua vontade de prosseguir lutando. Defendia que apenas a arma aérea poderia decidir a guerra no futuro.³⁹ “A arma aérea, a arma suprema, podia ela só irromper sobre os inimigos e obter a decisão, atacando em massa os centros vitais do adversário”.⁴⁰

Para Douhet, o Exército e a Marinha não deveriam considerar a Aeronáutica somente como um meio auxiliar, mas verdadeiramente como uma terceira força armada. Com a sua teoria, surgiu o conceito de domínio do espaço aéreo, no qual a conquista do domínio do ar é um requisito indispensável para realizar, com vantagem, as operações de guerra no terreno e no mar.⁴¹

A persistência com que Douhet disseminou suas idéias proporcionou uma grande mudança na visão geopolítica de poder do Estado, bem como mudanças na percepção estratégica da guerra. Seu pensamento influenciou também, de forma decisiva, o desenvolvimento do poder aéreo de vários países, entre os quais a Inglaterra e os Estados Unidos.⁴²

Posteriormente, Alexander Seversky (1894–1974), piloto naval russo, naturalizado norte-americano, deu continuidade aos estudos de Douhet e arquitetou uma força aérea independente das forças terrestres e navais, com aviões de grande raio de ação e bases de apoio nas costas próximas às principais rotas oceânicas.⁴³

³⁸ MAGNOLI, 2004a, p. 48–49.

³⁹ SILVA, 2004, p. 360.

⁴⁰ DOUHET *apud* BONFIM, 2005, p. 67.

⁴¹ CASTRO, 1999, p. 133.

⁴² MAFRA, 2006, p. 138.

⁴³ SILVA, 2004, p. 360.

Sobre uma carta geográfica, de projeção azimutal eqüidistante e centrada no Pólo Norte, Seversky dividiu o globo terrestre em duas grandes áreas de domínio aéreo: uma dos Estados Unidos e outra da União Soviética. A área de sobreposição dos dois domínios, que envolvia quase todo o hemisfério norte, foi denominada “área de decisão”. Segundo Seversky, para sua segurança, os Estados Unidos deveriam manter o predomínio nessa área (FIG. 10).⁴⁴

Retomando as idéias de Douhet, sugeriu uma força aérea independente, dotada de aeronaves com grande raio de ação, ressaltando, ainda, a importância da existência de bases de apoio nos litorais, próximas das principais rotas oceânicas.⁴⁵

⁴⁴ MAFRA, 2006, p. 136–137.

⁴⁵ SILVA, 2004, p. 360.

ANEXO A - FIGURAS



FIGURA 1 – Mapa do Iraque

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2007.



FIGURA 2 – Mapa do Iraque

Fonte: KRÁLOVSTVI MAP, [ca. 2000].



FIGURA 3 – Povos do Oriente Médio

Fonte: REVISTA PANGAEA MUNDO, 2007.



FIGURA 4 – Principais oleodutos do Iraque

Fonte: ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT, [2003?].

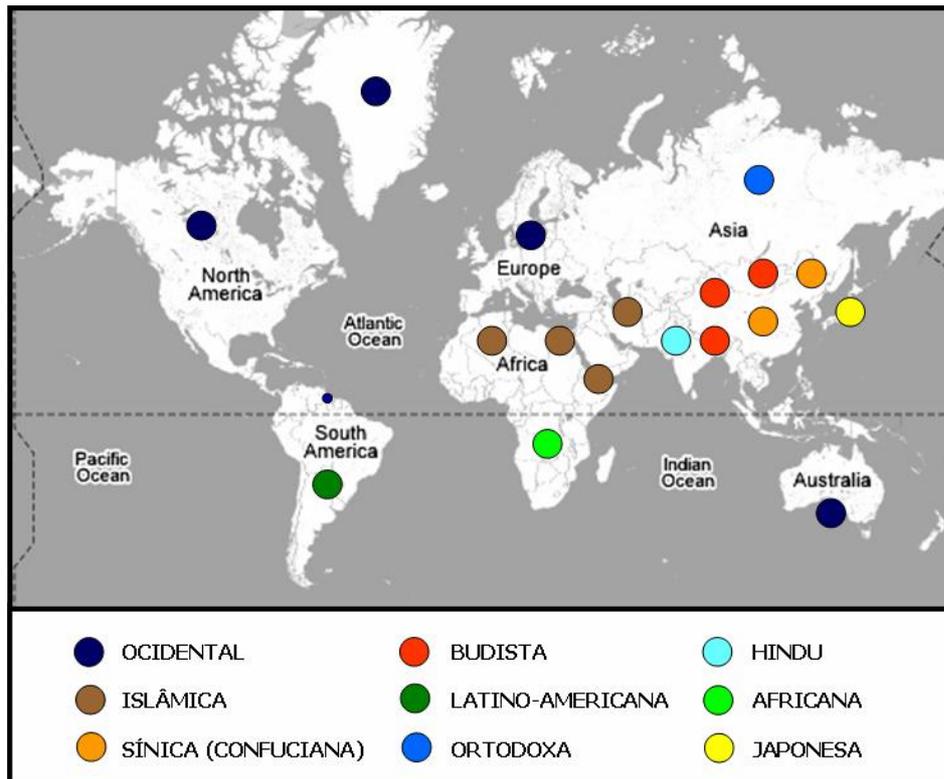


FIGURA 5 – Mapa: choque de civilizações, pós-1990

Fonte: MAFRA, 2006, p. 185, adaptação nossa.

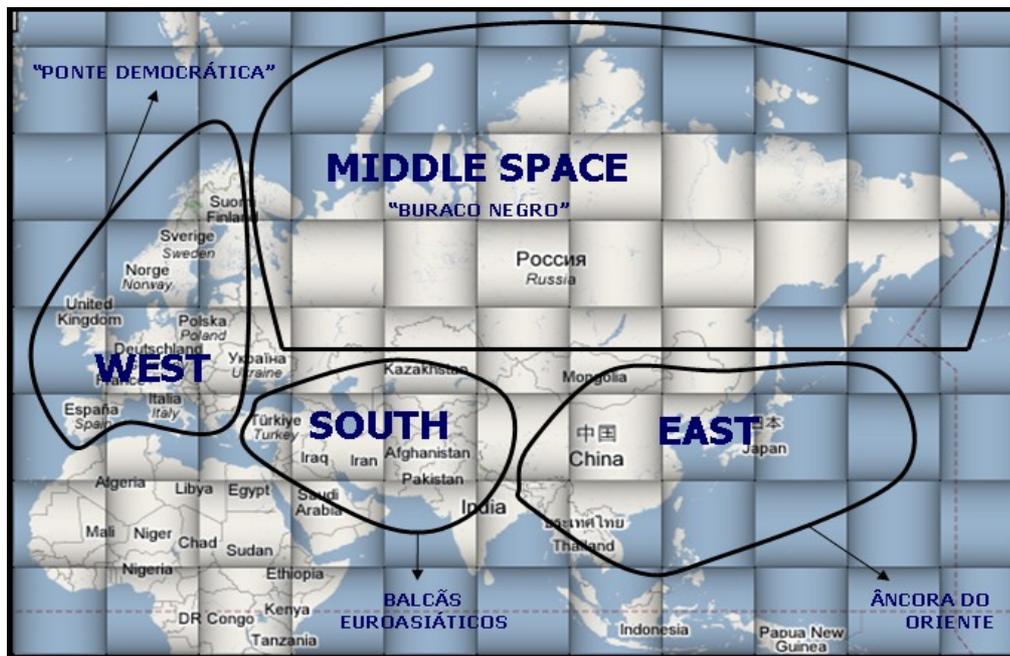


FIGURA 6 – O tabuleiro de xadrez de Brzezinski

Fonte: BRZEZINSKI, 1997a, p. 34, adaptação nossa.

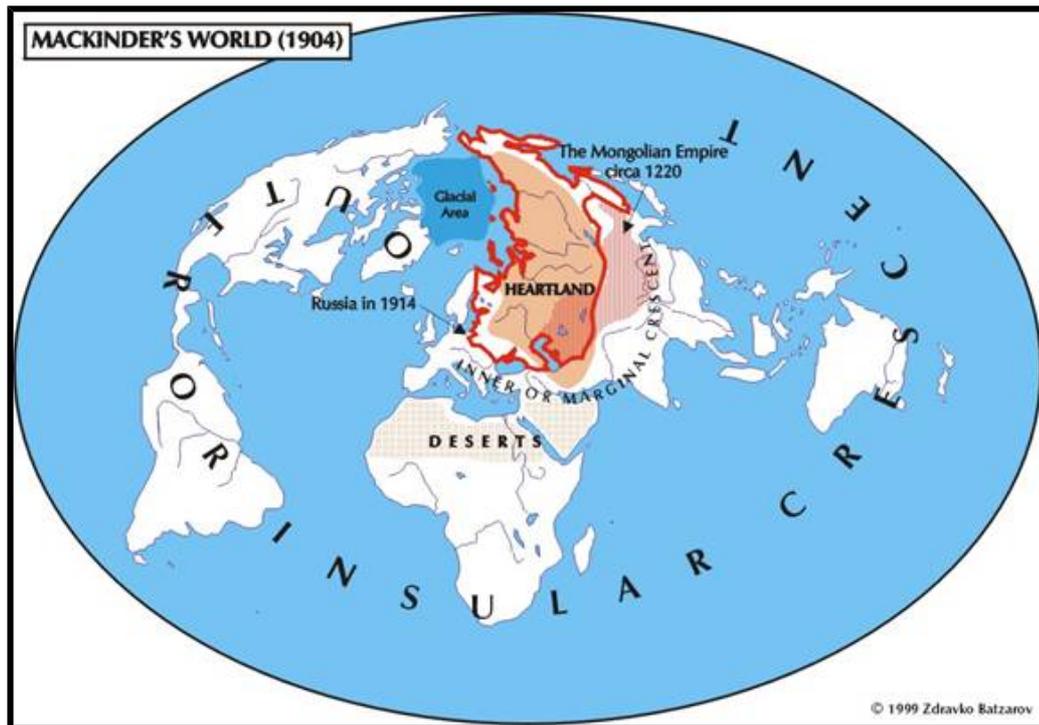


FIGURA 7 – Teoria do poder terrestre

Fonte: PAGINA PERSONALE DI GERMANO DOTTORI, [CA. 2000].



FIGURA 8 – Teoria das pan-regiões

Fonte: MAFRA, 2006, p. 117, adaptação nossa.

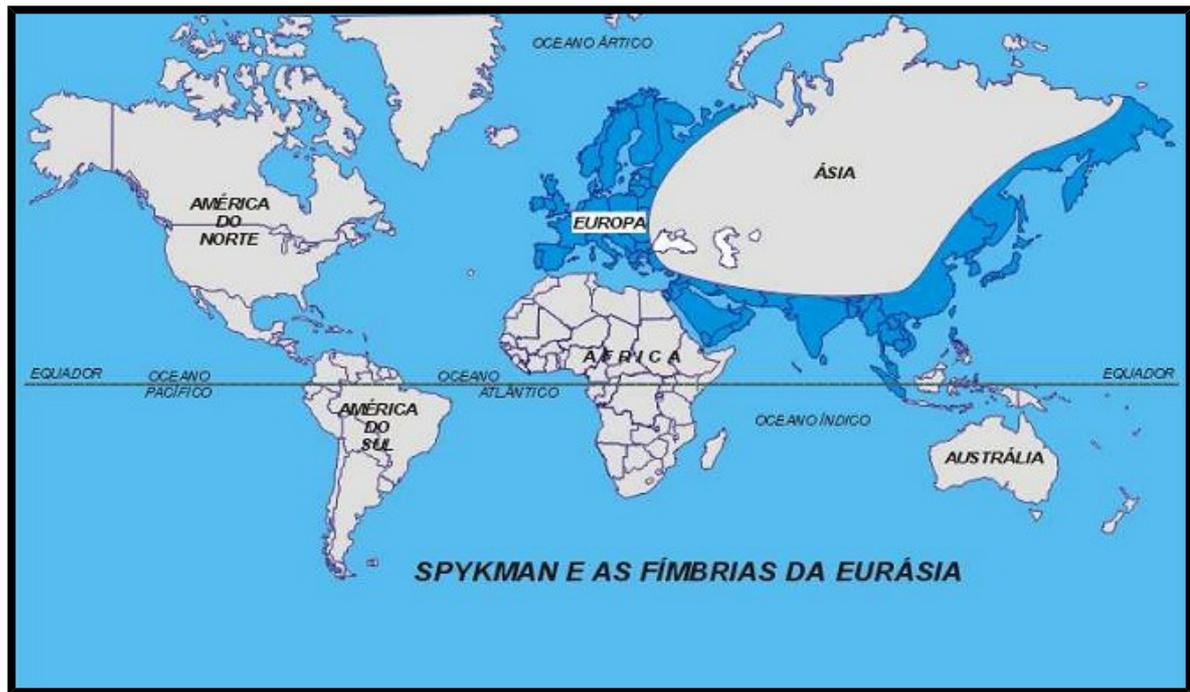


FIGURA 9 – Teoria das fimbrias

Fonte: PEDROSA, 2007.

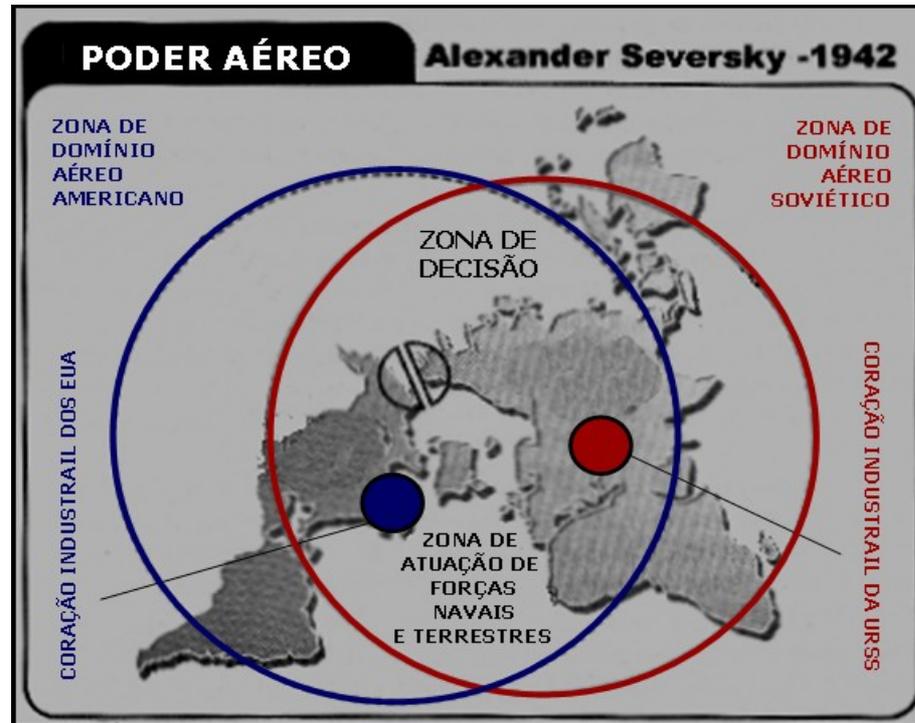


FIGURA 10 – Teoria do poder aéreo

Fonte: MAFRA, 2006, p. 137, adaptação nossa.

**IRAQUE, 2003: ENCONTRO DA GEOPOLÍTICA CLÁSSICA
COM A GEOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA.**



















ANEXO B – MAPAS E FIGURAS

[\(clique sobre o item desejado\)](#)

FIGURAS: 01 02 03 04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15
16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29

MAPAS: IRAQUE OLEODUTOS DO IRAQUE

GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS:

RATZEL E A TEORIA DO ESPAÇO VITAL

MACKINDER E A TEORIA DO PODER TERRESTRE

MAHAN E A TEORIA DO PODER MARÍTIMO

KJELLEN E A TEORIA ORGANICISTA DO ESTADO

HAUSHOFER E A TEORIA DAS PAN-REGIÕES

SPYKMAN E A TEORIA DAS FÍMBRIAS

DOUHET E A TEORIA DO PODER AÉREO

GEOPOLÍTICAS CONTEMPORÂNEAS:

FUKUYAMA E O FIM DA HISTÓRIA

HUNTINGTON E O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES

BRZEZINSKI E O TABULEIRO DE XADREZ

[referências](#)

[sair do programa](#)



ANEXO B – MAPAS E FIGURAS

(clique sobre o item desejado)

FIGURAS: 01 02 03 04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15
16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29

MAPAS: IRAQUE OLEODUTOS DO IRAQUE

GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS:

RATZEL E A TEORIA DO ESPAÇO VITAL

MACKINDER E A TEORIA DO PODER TERRESTRE

MAHAN E A TEORIA DO PODER MARÍTIMO

KJELLEN E A TEORIA ORGANICISTA DO ESTADO

HAUSHOFER E A TEORIA DAS PAN-REGIÕES

SPYKMAN E A TEORIA DAS FÍMBRIAS

DOUHET E A TEORIA DO PODER AÉREO

GEOPOLÍTICAS CONTEMPORÂNEAS:

FUKUYAMA E O FIM DA HISTÓRIA

HUNTINGTON E O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES

BRZEZINSKI E O TABULEIRO DE XADREZ

referências

sair do programa



ANEXO B – MAPAS E FIGURAS

(clique sobre o item desejado)

FIGURAS: 01 02 03 04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15
16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29

MAPAS: IRAQUE OLEODUTOS DO IRAQUE

GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS:

RATZEL E A TEORIA DO ESPAÇO VITAL

MACKINDER E A TEORIA DO PODER TERRESTRE

MAHAN E A TEORIA DO PODER MARÍTIMO

KJELLEN E A TEORIA ORGANICISTA DO ESTADO

HAUSHOFER E A TEORIA DAS PAN-REGIÕES

SPYKMAN E A TEORIA DAS FÍMBRIAS

DOUHET E A TEORIA DO PODER AÉREO

GEOPOLÍTICAS CONTEMPORÂNEAS:

FUKUYAMA E O FIM DA HISTÓRIA

HUNTINGTON E O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES

BRZEZINSKI E O TABULEIRO DE XADREZ

referências

sair do programa

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ
- BASRA
- HADITHA
- KIRKUK

**VER OUTRO MAPA
DO IRAQUE**



FIGURA 1 – Mapa do Iraque
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2007.

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ**
- BASRA**
- HADITHA**
- KIRKUK**

**BASRA EM
OUTRO MAPA**

**VER OUTRO MAPA
DO IRAQUE**



FIGURA 1 – Mapa do Iraque

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2007.

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ**
- BASRA**
- HADITHA**
- KIRKUK**

**BAGDÁ EM
OUTRO MAPA**

**VER OUTRO MAPA
DO IRAQUE**



FIGURA 1 – Mapa do Iraque

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2007.

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ
- BASRA
- HADITHA
- KIRKUK**

**KIRKUK EM
OUTRO MAPA**

**VER OUTRO MAPA
DO IRAQUE**

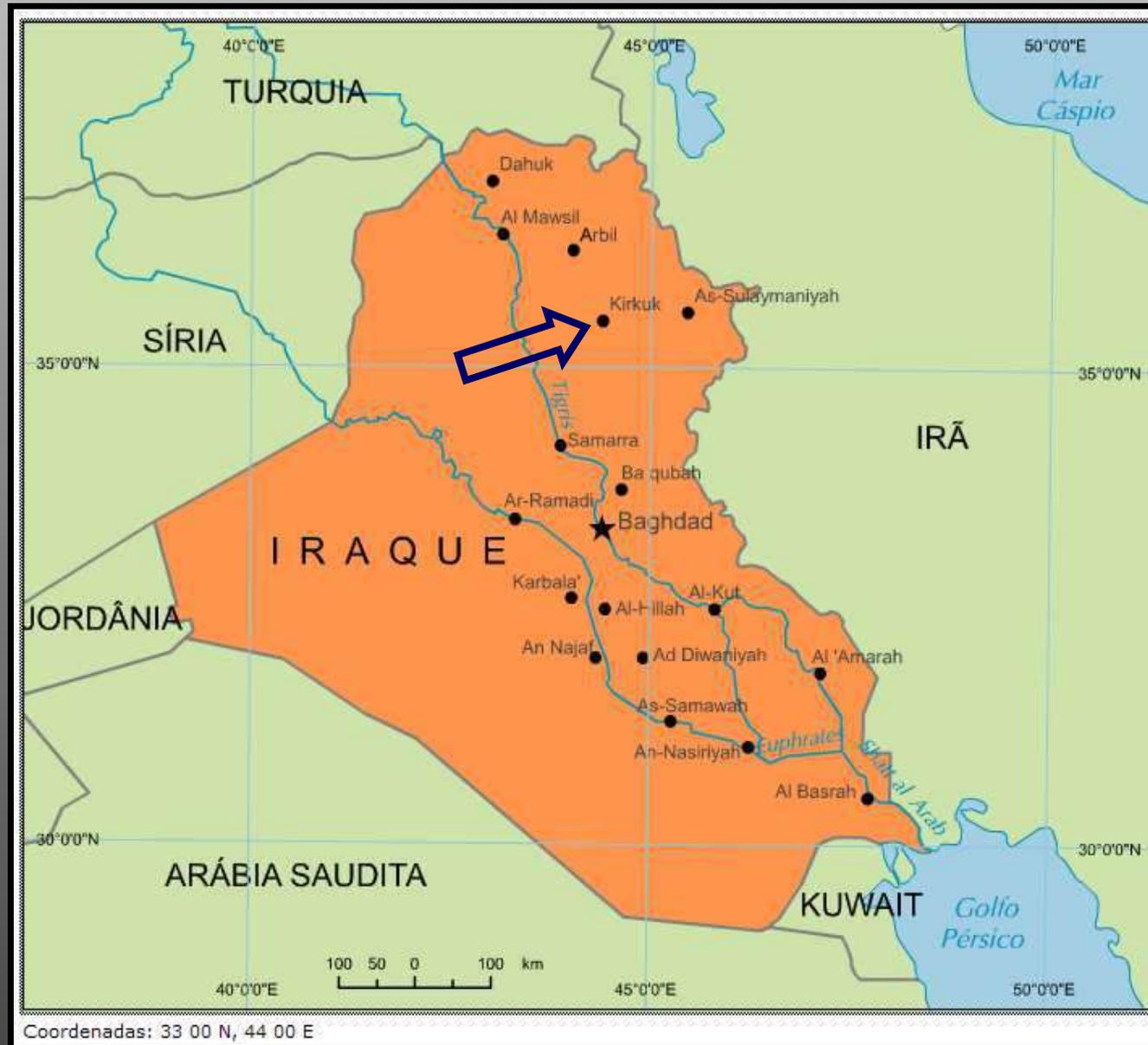
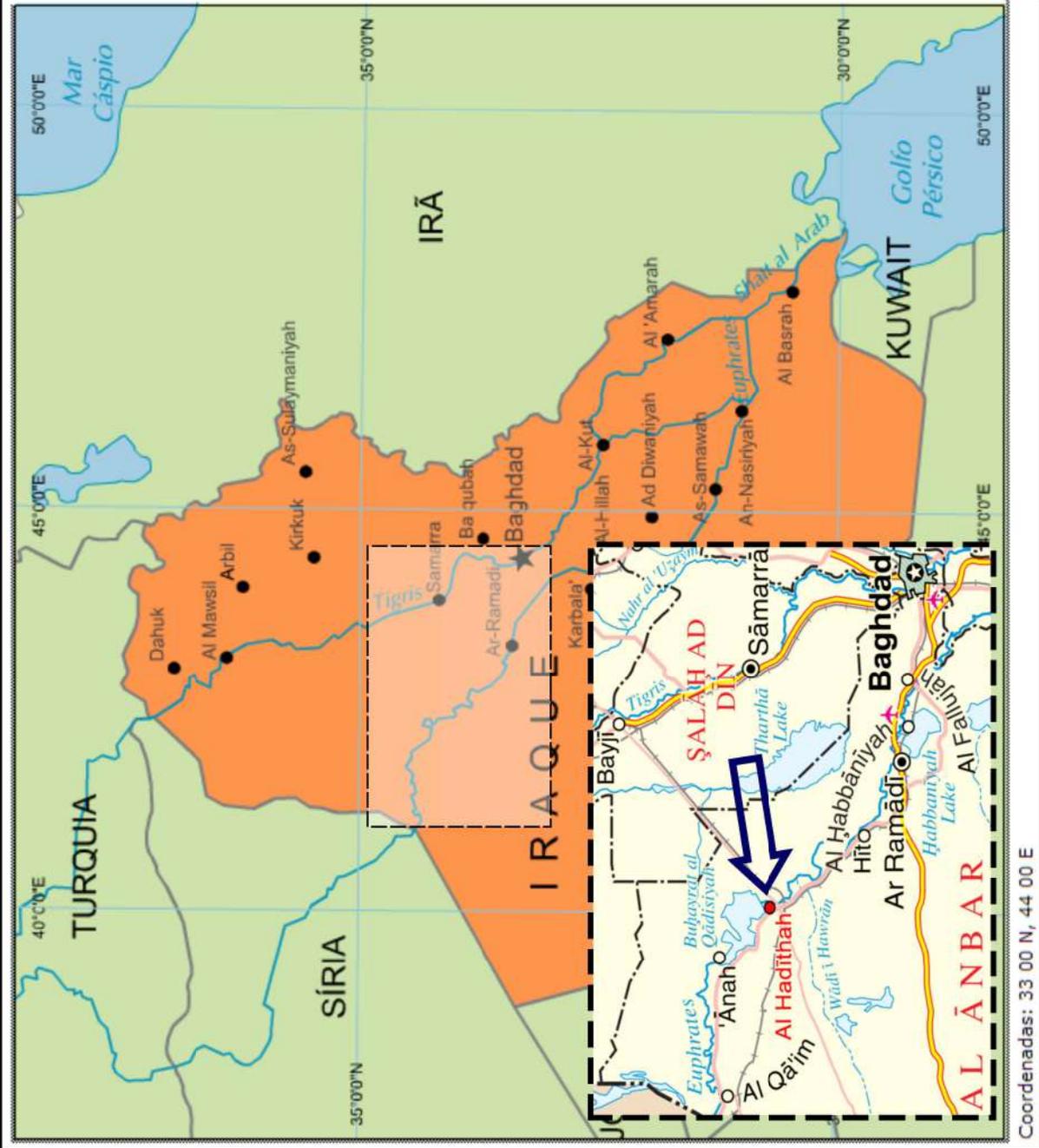


FIGURA 1 – Mapa do Iraque

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2007.



Coordenadas: 33 00 N, 44 00 E

FIGURA 1 – Mapa do Iraque
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2007.

ANEXO B
MENU
PRINCIPAL

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ**
- BASRA**
- HADITHA**
- KIRKUK**

HADITHA EM
OUTRO MAPA

VER OUTRO MAPA
DO IRAQUE

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ
- BASRA
- HADITHA
- KIRKUK



FIGURA 2 – Mapa do Iraque
Fonte: KRÁLOVSTVI MAP, [ca. 2000].

**VER OUTRO MAPA
DO IRAQUE**

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ**
- BASRA**
- HADITHA**
- KIRKUK**

**BAGDÁ NO
MAPA DE
OLEODUTOS**

**VER OUTRO MAPA
DO IRAQUE**



FIGURA 2 – Mapa do Iraque
Fonte: KRÁLOVSTVI MAP, [ca. 2000].

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ
- BASRA
- HADITHA
- KIRKUK

**BASRA NO
MAPA DE
OLEODUTOS**

**VER OUTRO MAPA
DO IRAQUE**



FIGURA 2 – Mapa do Iraque
Fonte: KRÁLOVSTVI MAP, [ca. 2000].

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ
- BASRA
- HADITHA
- KIRKUK**

**KIRKUK NO
MAPA DE
OLEODUTOS**

**VER OUTRO MAPA
DO IRAQUE**



FIGURA 2 – Mapa do Iraque
Fonte: KRÁLOVSTVI MAP, [ca. 2000].

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ
- BASRA
- HADITHA**
- KIRKUK

**HADITHA NO
MAPA DE
OLEODUTOS**

**VER OUTRO MAPA
DO IRAQUE**



FIGURA 2 – Mapa do Iraque
Fonte: KRÁLOVSTVI MAP, [ca. 2000].

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ
- BASRA
- HADITHA
- KIRKUK**

**KIRKUK NO
MAPA DE
OLEODUTOS**

**VER OUTRO MAPA
DO IRAQUE**



FIGURA 2 – Mapa do Iraque
Fonte: KRÁLOVSTVI MAP, [ca. 2000].

ANEXO B

MENU
PRINCIPAL

FIGURAS

01 02 03
04 05 06
07 08 09
10 11 12
13 14 15
16 17 18
19 20 21
22 23 24
25 26 27
28 29



FIGURA 3 – Povos do Oriente Médio
Fonte: REVISTA PANGEA MUNDO, 2007.



ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ
- BASRA
- HADITHA
- KIRKUK

**OUTRO MAPA
DE OLEODUTOS**



FIGURA 4 – Mapa do Iraque, oleodutos
Fonte: ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT, [2003?].

ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ**
- BASRA**
- HADITHA**
- KIRKUK**

BAGDÁ EM OUTRO MAPA

OUTRO MAPA DE OLEODUTOS



FIGURA 4 – Mapa do Iraque, oleodutos
Fonte: ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT, [2003?].

ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ
- BASRA
- HADITHA
- KIRKUK

BASRA EM OUTRO MAPA

OUTRO MAPA DE OLEODUTOS



FIGURA 4 – Mapa do Iraque, oleodutos
Fonte: ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT, [2003?].

ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ
- BASRA
- HADITHA
- KIRKUK

HADITHA EM OUTRO MAPA

OUTRO MAPA DE OLEODUTOS



FIGURA 4 – Mapa do Iraque, oleodutos
Fonte: ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT, [2003?].

ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

LOCALIZAR

- BAGDÁ
- BASRA
- HADITHA
- KIRKUK

KIRKUK EM OUTRO MAPA

OUTRO MAPA DE OLEODUTOS



FIGURA 4 – Mapa do Iraque, oleodutos
Fonte: ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT, [2003?].

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

sobre
HUNTINGTON

**MAPA
RELACIONADO**

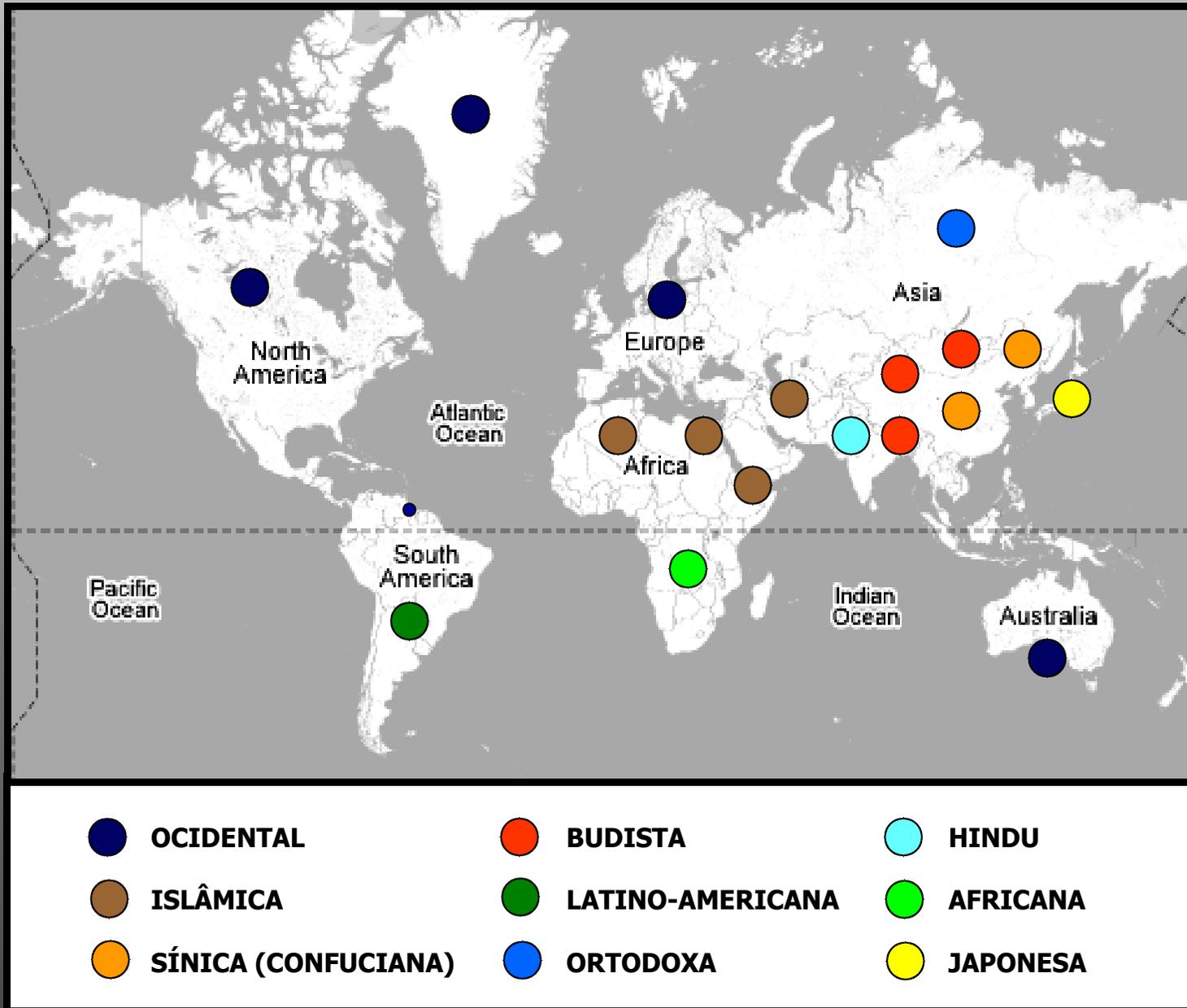


FIGURA 5 – Mapa: choque de civilizações, pós-1990

Fonte: MAFRA, 2006, p. 185.

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27

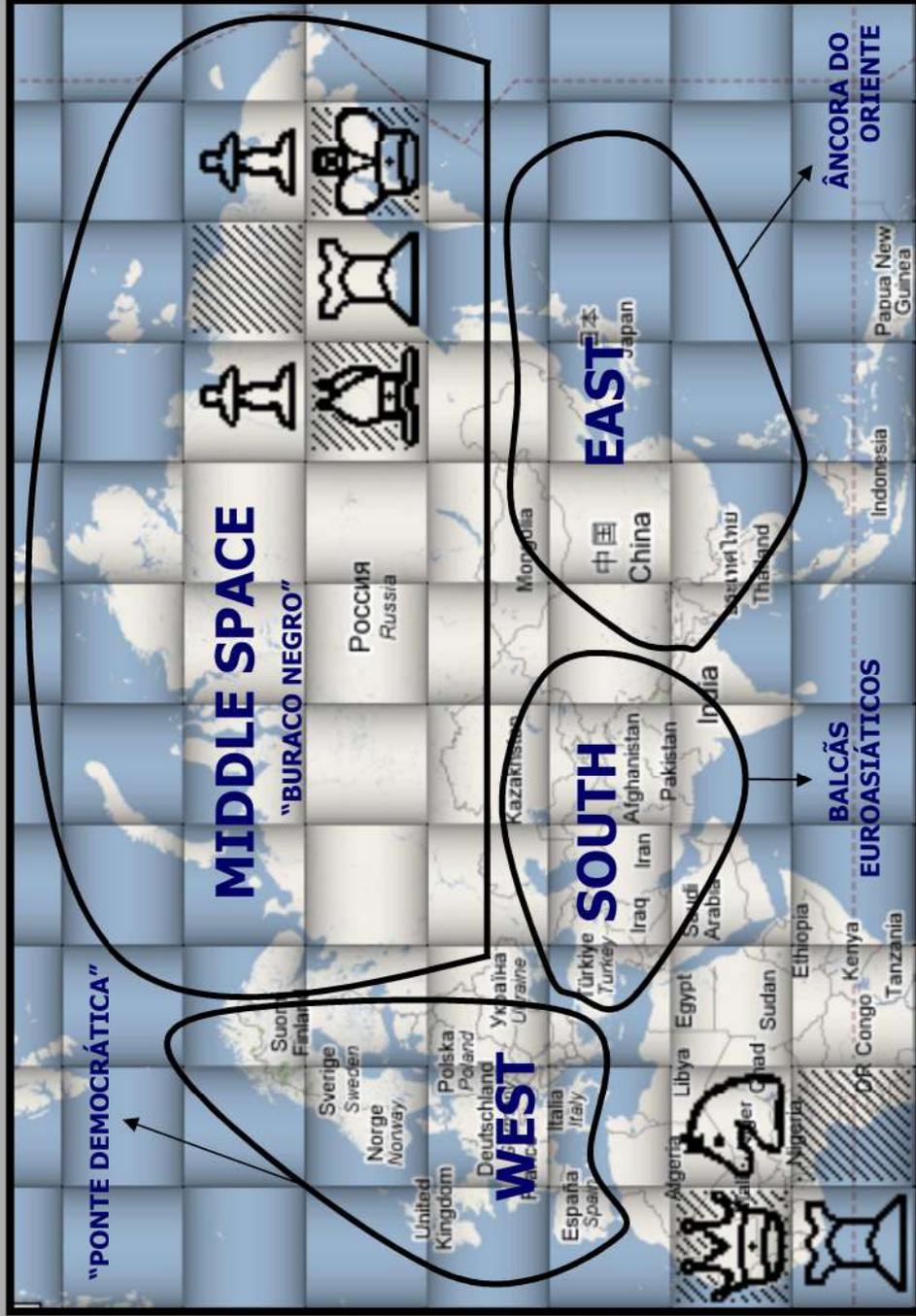


FIGURA 6 – O tabuleiro de xadrez de Brzezinski
Fonte: BRZEZINSKI, 1997, p. 34.

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

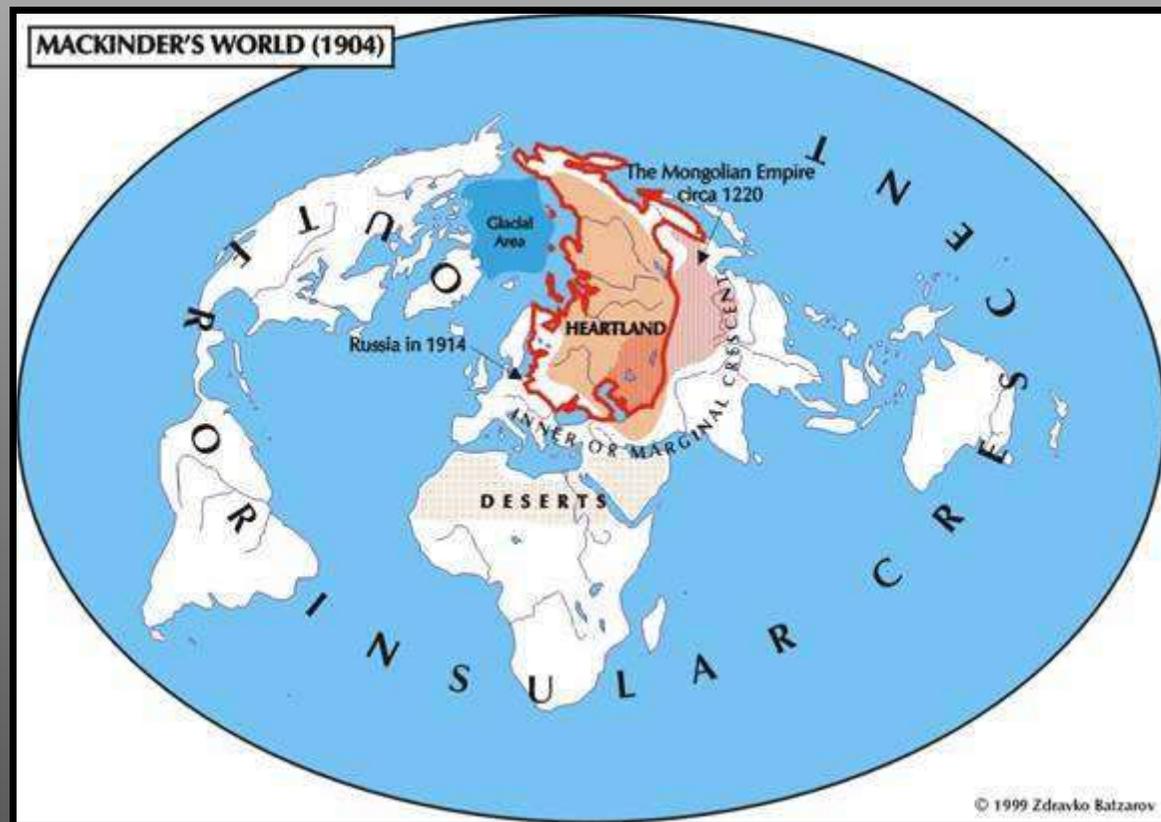


FIGURA 7 – Mapa: teoria do poder terrestre
Fonte: PAGINA PERSONALE DI GERMANO DOTTORI, [CA. 2000].

sobre
MACKINDER

**MAPA
RELACIONADO**

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

sobre
HAUSHOFER



FIGURA 8 – Mapa: teoria das pan-regiões
Fonte: MAFRA, 2006, p. 117.

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

01 02 03

04 05 06

07 08 09

10 11 12

13 14 15

16 17 18

19 20 21

22 23 24

25 26 27

28 29

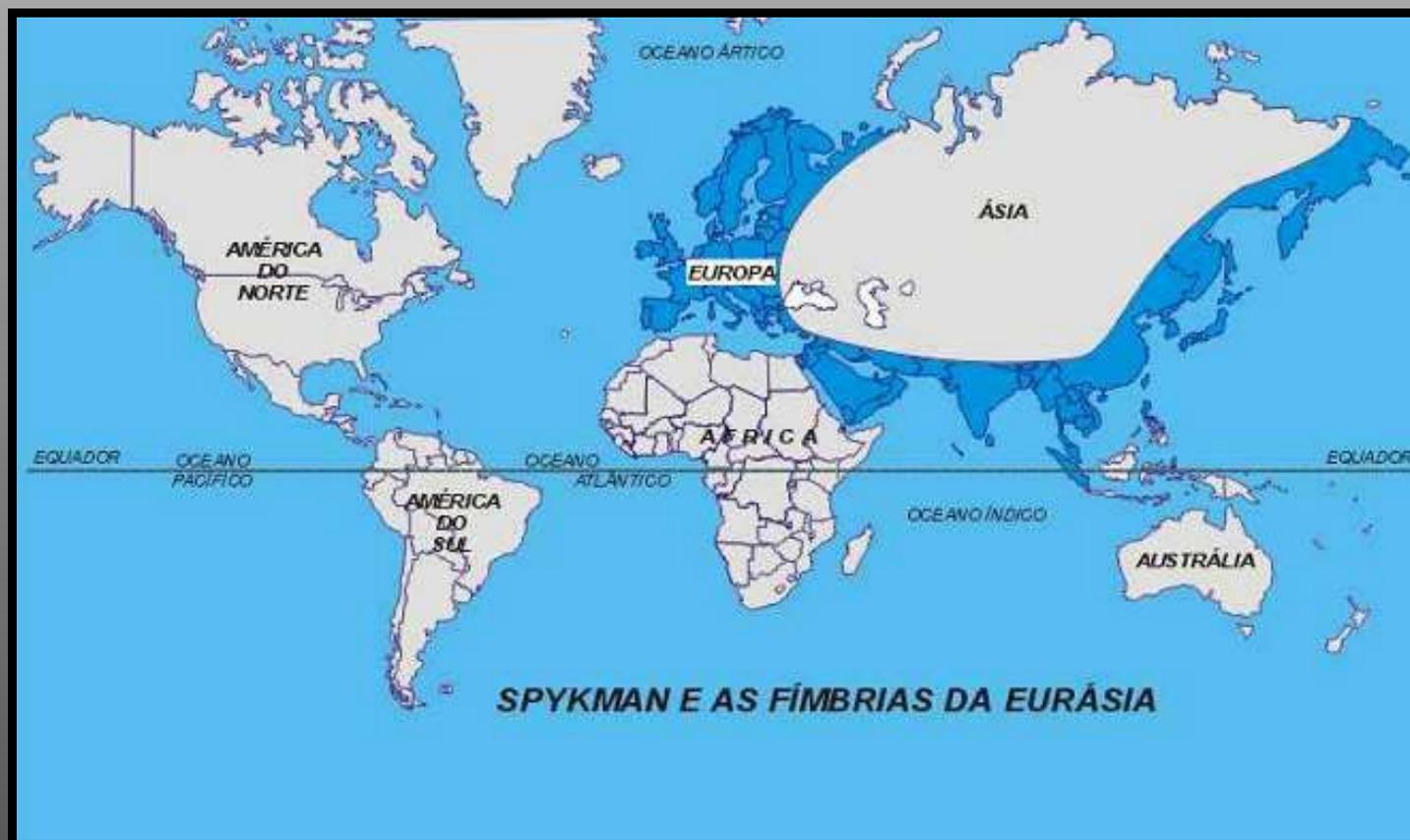


FIGURA 9 – Mapa: teoria das fímbrias
Fonte: PEDROSA, 2007.

sobre
SPYKMAN

MAPA
RELACIONADO

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

sobre
DOUHET

sobre
SEVERSKY

MAPA
RELACIONADO

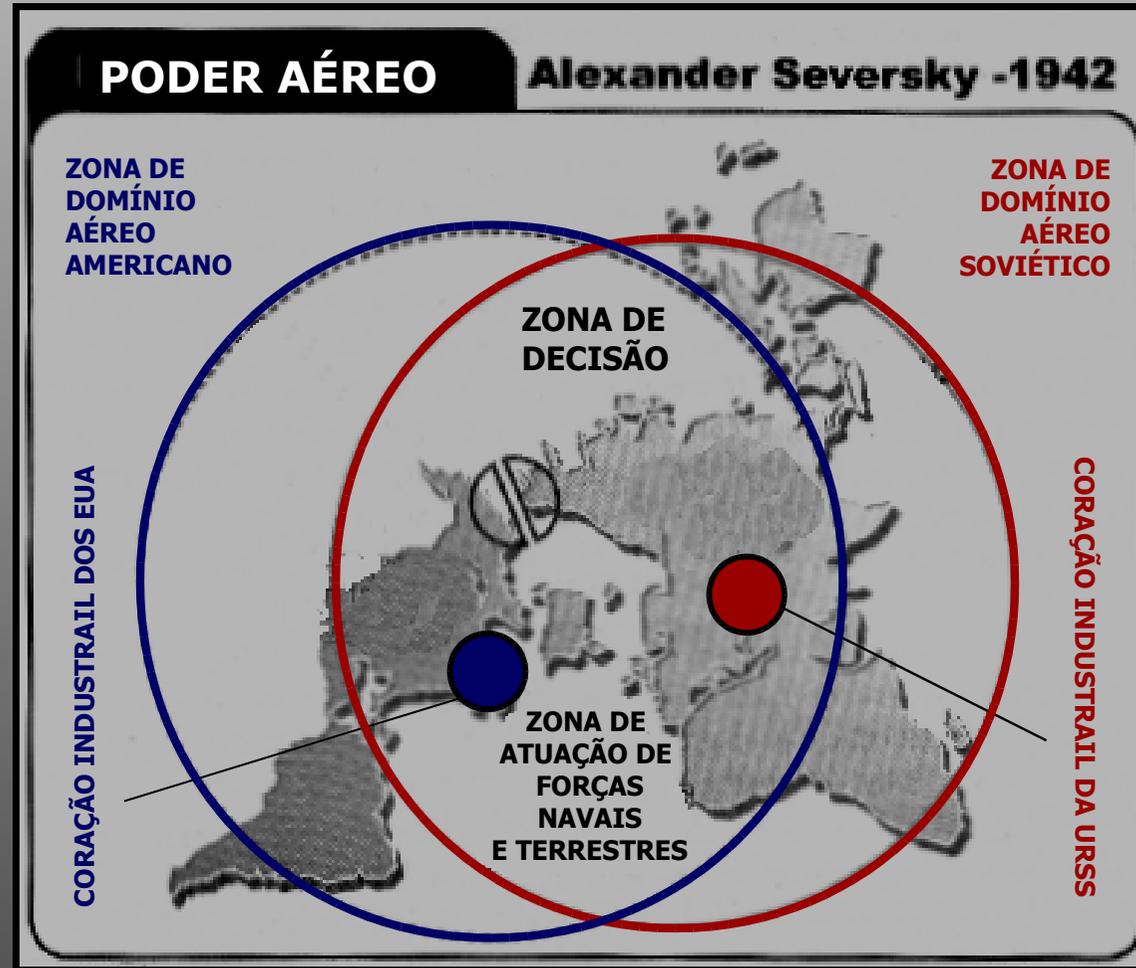


FIGURA 10 – Mapa: teoria do poder aéreo
Fonte: MAFRA, 2006, p. 137.

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29



**OUTRO MAPA
DE OLEODUTOS**

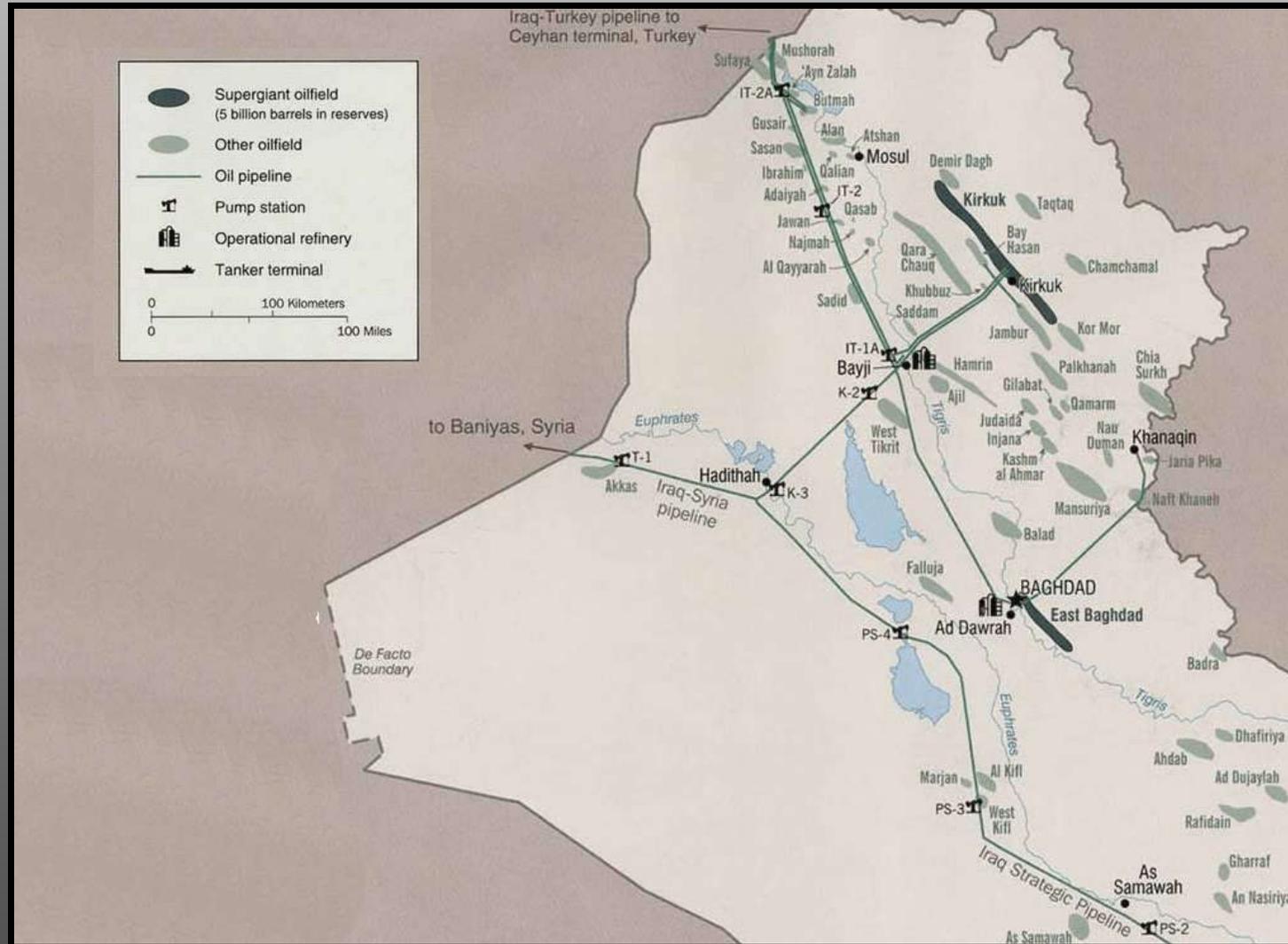


FIGURA 11 – Mapa do Iraque, oleodutos
Fonte: ZIONOFASCISM, 2007.

ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

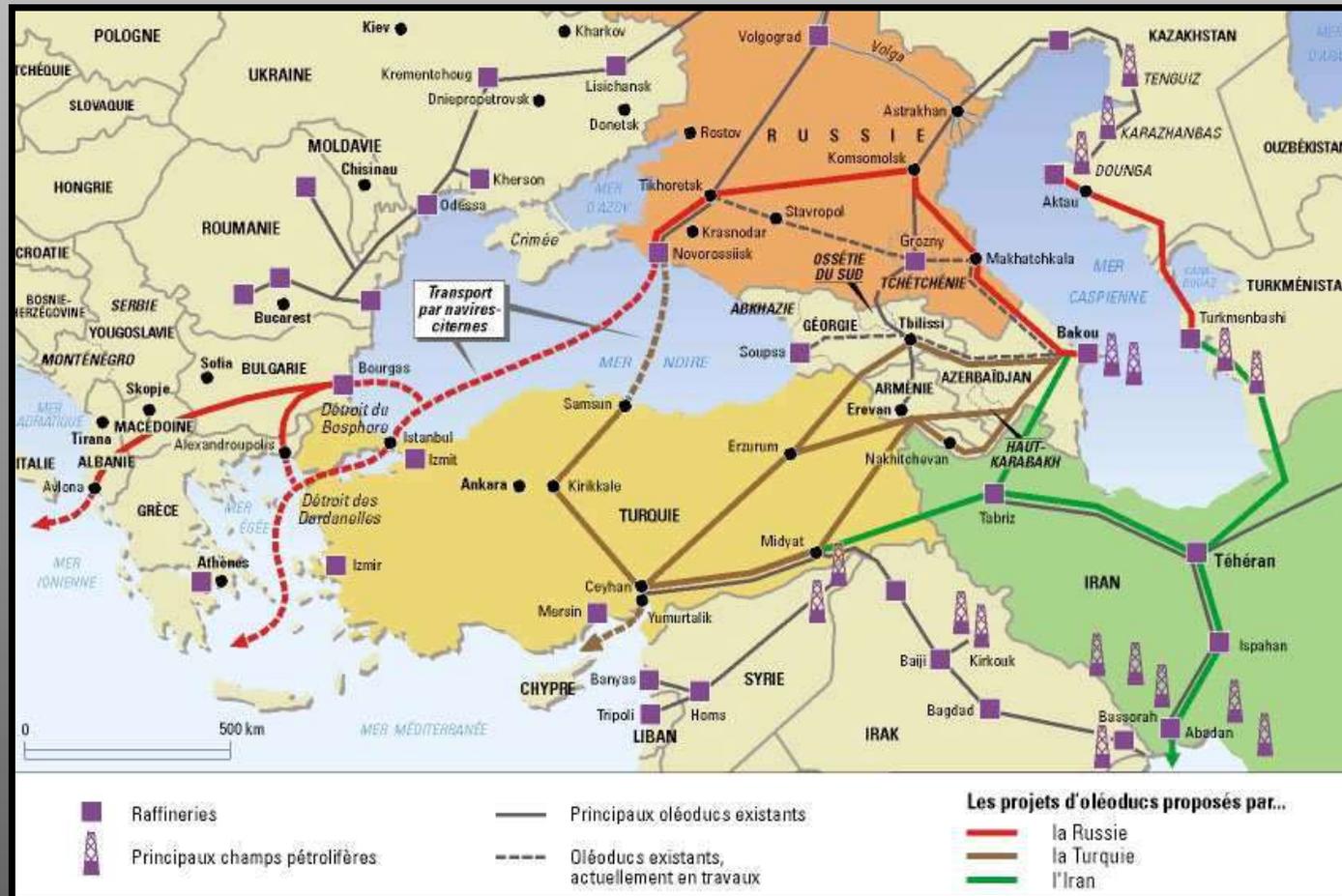


FIGURA 12 – Mapa do Iraque, oleodutos
Fonte: THE GREAT GAME, [ca. 2000].



OUTRO MAPA DE OLEODUTOS

ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

01 02 03
04 05 06
07 08 09
10 11 12
13 14 15
16 17 18
19 20 21
22 23 24
25 26 27
28 29

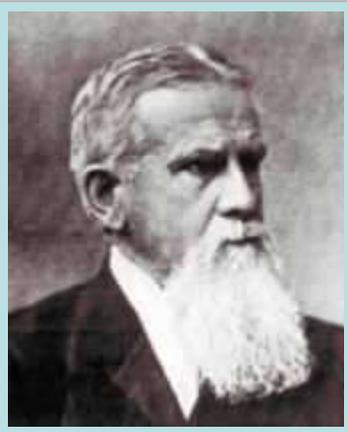


FIGURA 13 – Fotografia de Ratzel
Fonte: EVA, 2005.

Friedrich **Ratzel** (1844-1904), cientista alemão e professor de geografia política, foi o prógono da geopolítica. Ele foi o primeiro a considerar, de forma sistemática, o espaço e a posição em seu estudo comparativo dos Estados.

“Semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço, as lutas dos povos são quase sempre pelo mesmo objetivo. Na história moderna, a recompensa da vitória foi, sempre, um proveito territorial”.



ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

01 02 03
04 05 06
07 08 09
10 11 12
13 14 15
16 17 18
19 20 21
22 23 24
25 26 27
28 29

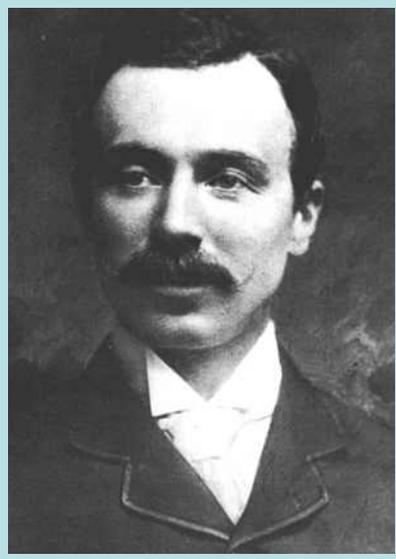


FIGURA 14 – Fotografia de Mackinder
Fonte: EXECUTIVE WILDRNESS PROGRAMMES, [ca. 2000].

Na configuração de cenários geopolíticos, Halford **Mackinder** (1861-1947), destacado geógrafo e estrategista britânico, foi o mais proeminente.

Sua teoria política do pivô geográfico da história, mais conhecida como Teoria do Poder Terrestre, dividia o mundo em três grandes áreas:

- (1) a Ilha Mundial (Europa, Ásia e África), abrangendo a maior parte do poder da terra;
- (2) as Ilhas do Exterior (Américas e Austrália); e
- (3) a massa líquida (oceanos).



continua

sobre
MACKINDER

MAPA
RELACIONADO

ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

01 02 03

04 05 06

07 08 09

10 11 12

13 14 15

16 17 18

19 20 21

22 23 24

25 26 27

28 29



FIGURA 15 – Fotografia de Mackinder
Fonte: PALMA, [ca. 2000].

O eminente mestre inglês identificou ainda mais três regiões:
(1) uma área pivô, o *Heartland*, de grande valor estratégico, correspondendo à região eurásiana (abrigando a Europa Oriental, Rússia, Cazaquistão, Irã e Paquistão, entre outros);
(2) o Crescente Interior ou Marginal, compondo uma meia lua em torno da área pivô, compreendendo a Alemanha, a Áustria, a Turquia, Índia e a China; e
(3) o Crescente Exterior ou Insular, abrangendo Grã-Bretanha, sul da África, Austrália, EUA, Canadá e Japão.



voltar

MAPA
RELACIONADO

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

sobre
MACKINDER

MAPA
RELACIONADO

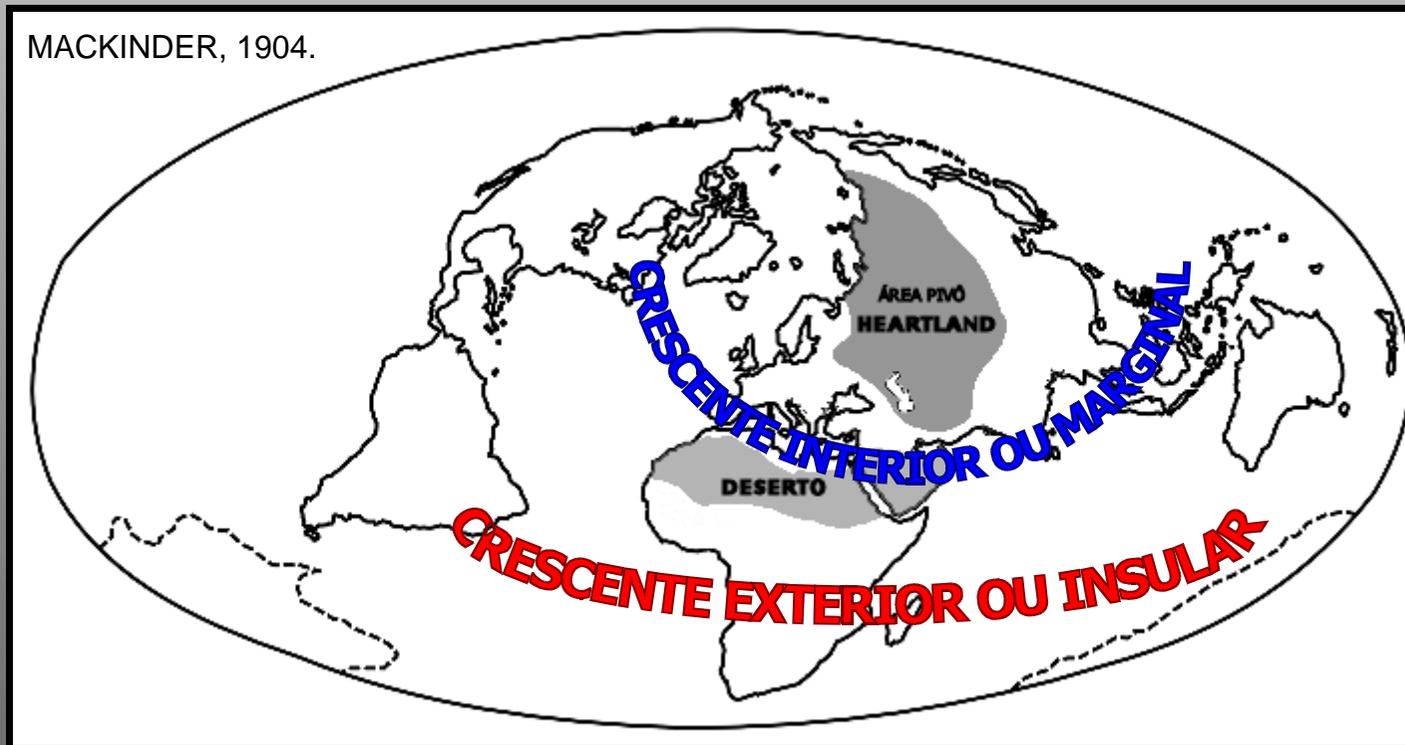


FIGURA 16 – Mapa: teoria do poder terrestre
Fonte: DEEPSpace4, [ca. 2000].

“Enquanto os nossos estadistas estão em conversação com o inimigo derrotado”, Mackinder alertou o governo britânico, durante a Conferência de Paz de Versalhes, sobre a ameaça desempenhada pela Alemanha, “algum querubim alado deveria sussurrar-lhes de tempos em tempos: Quem dominar a Europa Oriental, controlará o coração continental. Quem dominar o coração continental, controlará a ilha mundial. Quem controlar a ilha mundial, controlará o mundo”.

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

01 02 03

04 05 06

07 08 09

10 11 12

13 14 15

16 17 18

19 20 21

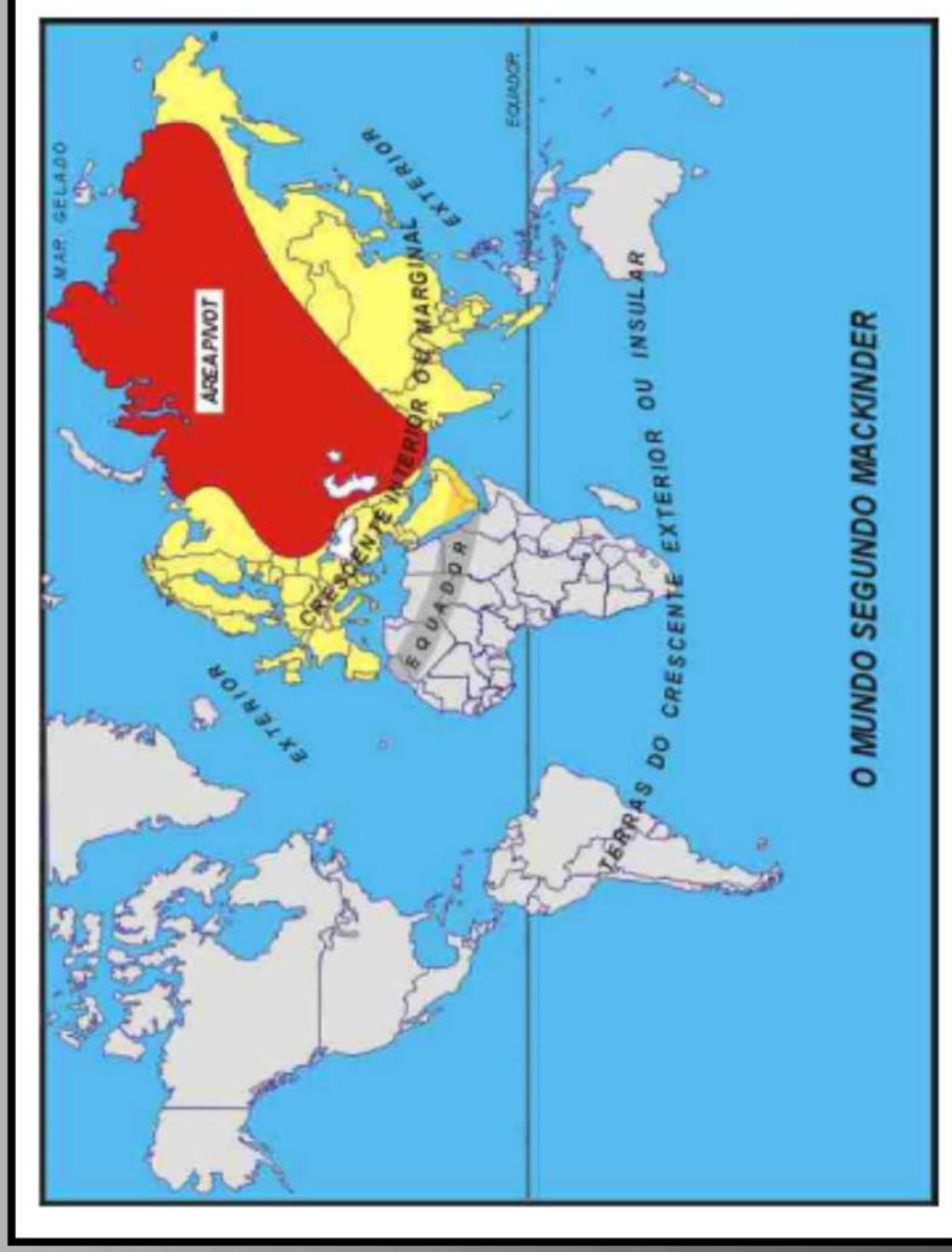
22 23 24

25 26 27

28 29

**sobre
MACKINDER**

**MAPA
RELACIONADO**



**FIGURA 17 – Mapa: teoria do poder terrestre
Fonte: PEDROSA, 2007.**

ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

01 02 03

04 05 06

07 08 09

10 11 12

13 14 15

16 17 18

19 20 21

22 23 24

25 26 27

28 29

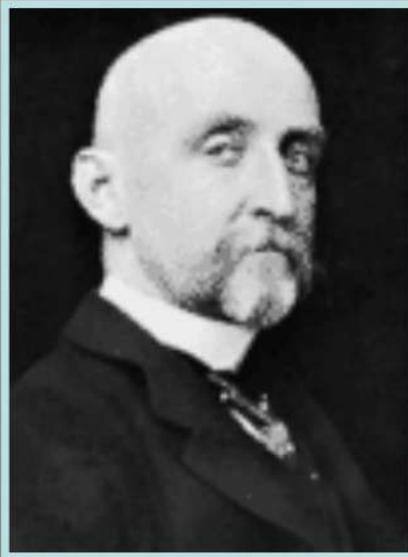


FIGURA18 – Fotografia de Mahan
Fonte: Encyclopædia Britannica, 2007.

O almirante norte-americano Alfred Thayer **Mahan** (1849-1914), historiador naval e segundo diretor do United States Naval War College, apresentou seus conceitos na Teoria do Poder Marítimo. Analisando o progresso do poder marítimo de grandes potências e as batalhas da Inglaterra contra a França e Holanda, concluiu que o controle de áreas marítimas tinha papel decisivo em todas as guerras desde o século XVII

“Aquele que comanda o mar, comanda todas as coisas”.



ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

01 02 03
04 05 06
07 08 09
10 11 12
13 14 15
16 17 18
19 20 21
22 23 24
25 26 27
28 29



FIGURA 19 – Kjellen
Fonte: PALMA, [ca. 2000].

Juan Rudolph **Kjellen** (1864-1922) foi quem cunhou o termo geopolítica em 1899. Ao admitir a renovação da ciência política em seus trabalhos e inserir o nacionalismo como um de seus modos de manifestação, vislumbrou quatro elementos como elaboradores do Estado: território, economia, sociedade e governo. A geopolítica teria como objeto de estudo o vínculo entre território e organização política. Dividiu, portanto, a geopolítica em topolítica (política motivada pela situação geográfica), morfopolítica (política do espaço ocupado pelo Estado) e fisiopolítica (influência do que o território abrange pelas riquezas naturais).

“Os Estados falam e trabalham, fazem uniões ou lutam nos campos de batalha, invejam-se, odeiam-se ou simpatizam entre si, atraem-se, repelem-se, ajudam-se ou combatem-se, da mesma maneira como os restantes seres de uma comunidade.”



ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

01 02 03
04 05 06
07 08 09
10 11 12
13 14 15
16 17 18
19 20 21
22 23 24
25 26 27
28 29

A geopolítica alemã surgiu como uma reação ao Tratado de Versalhes, ou seja, à derrota alemã na Primeira Guerra Mundial. Além disso, a coesão social obtida pelo príncipe Otto von Bismarck tinha sido rompida. A então República de Weimar enfrentava a guerra de classes, bem com, ameaças dos comunistas, da aristocracia conservadora e dos racistas nacionalistas. O desemprego era grande, e a inflação excessiva.

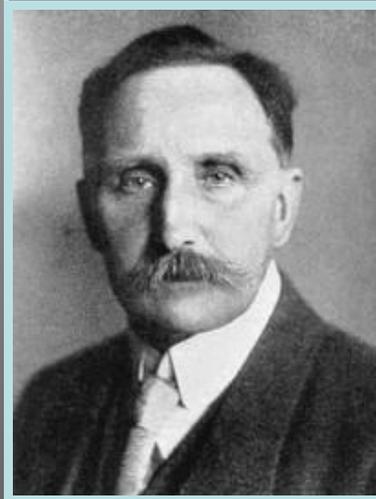


FIGURA 20 – Fotografia de Haushofer
Fonte: PALMA, [ca. 2000].

Nesse contexto, general alemão Karl Ernst Nikolas **Haushofer** (1869-1946) fundou a Associação de Estudo de Geopolítica, transformada, após a ascensão de Adolf Hitler, em Instituto de Geopolítica de Munique. Desmanchando Versalhes, restaurou os territórios perdidos e reconstruiu a Alemanha que se tornou uma potência mundial, apoiada em pretensas leis científicas e princípios geopolíticos que serviram ao nazismo alemão.

As pan-regiões, idealizadas por ele, seriam áreas que permitiriam a realização do ideal de autarquia. De acordo com o seu arquétipo, discriminou quatro pan-regiões: (1) a Pan-América, liderada pelos Estados Unidos, (2) a Pan-Euráfrica, liderada pela Alemanha, (3) a Pan-Rússia, liderada pela União Soviética e (4) a Pan-Ásia, liderada pelo Japão (FIG. 8).

MAPA
RELACIONADO



ANEXO B

MENU
PRINCIPAL

FIGURAS

01 02 03
04 05 06
07 08 09
10 11 12
13 14 15
16 17 18
19 20 21
22 23 24
25 26 27
28 29

MAPA
RELACIONADO

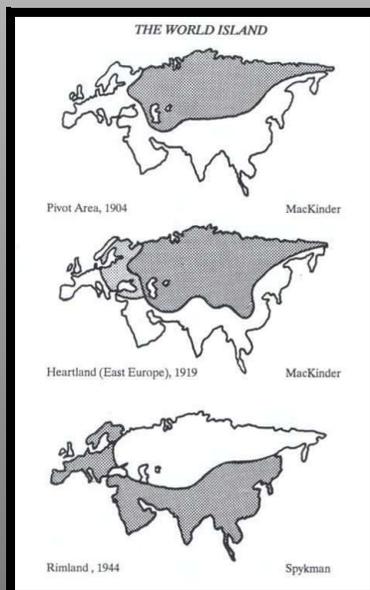


FIGURA 21 – De Mackinder a Spykman
CLIQUE PARA AMPLIAR

Em 1942, o professor holandês naturalizado norte-americano Nicholas John **Spykman** (1893-1943), apresentou sua teoria, considerando que a base geográfica de um Estado exercia relevante influência em sua política externa. Para ele, as seguintes características influiriam, de forma direta, no planejamento estratégico e político: a extensão territorial, a densidade populacional, a organização econômica, os recursos naturais, a localização geográfica (em relação aos centros de poder, às zonas de conflito e às principais rotas oceânicas) e a inter-relação com outros Estados.

Spykman contrapôs ao princípio mackinderiano de expansão do *Heartland*, o princípio da contenção do *Rimland* (região das fímbrias), o qual abrangia os mares marginais e mediterrâneos que afastava o continente eurasiático dos oceanos. Compunha, desta forma, o acesso marítimo que integrava a *Ilha Mundo* em termos de poder marítimo. Por apresentar uma frente marítima e outra continental, o *Rimland* teria a possibilidade de realizar ações tanto ofensivas, como defensivas, por terra ou pelo mar. A política de segurança na Eurásia deveria adotar, portanto, o seguinte dogma: "Quem controlar os espaços periféricos (*Rimland*), dominará a Eurásia; quem dominar a Eurásia, controlará os destinos do mundo".

Observação: não foram encontradas fotografias ou imagens do professor Spykman.

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

sobre
SPYKMAN

MAPA
RELACIONADO

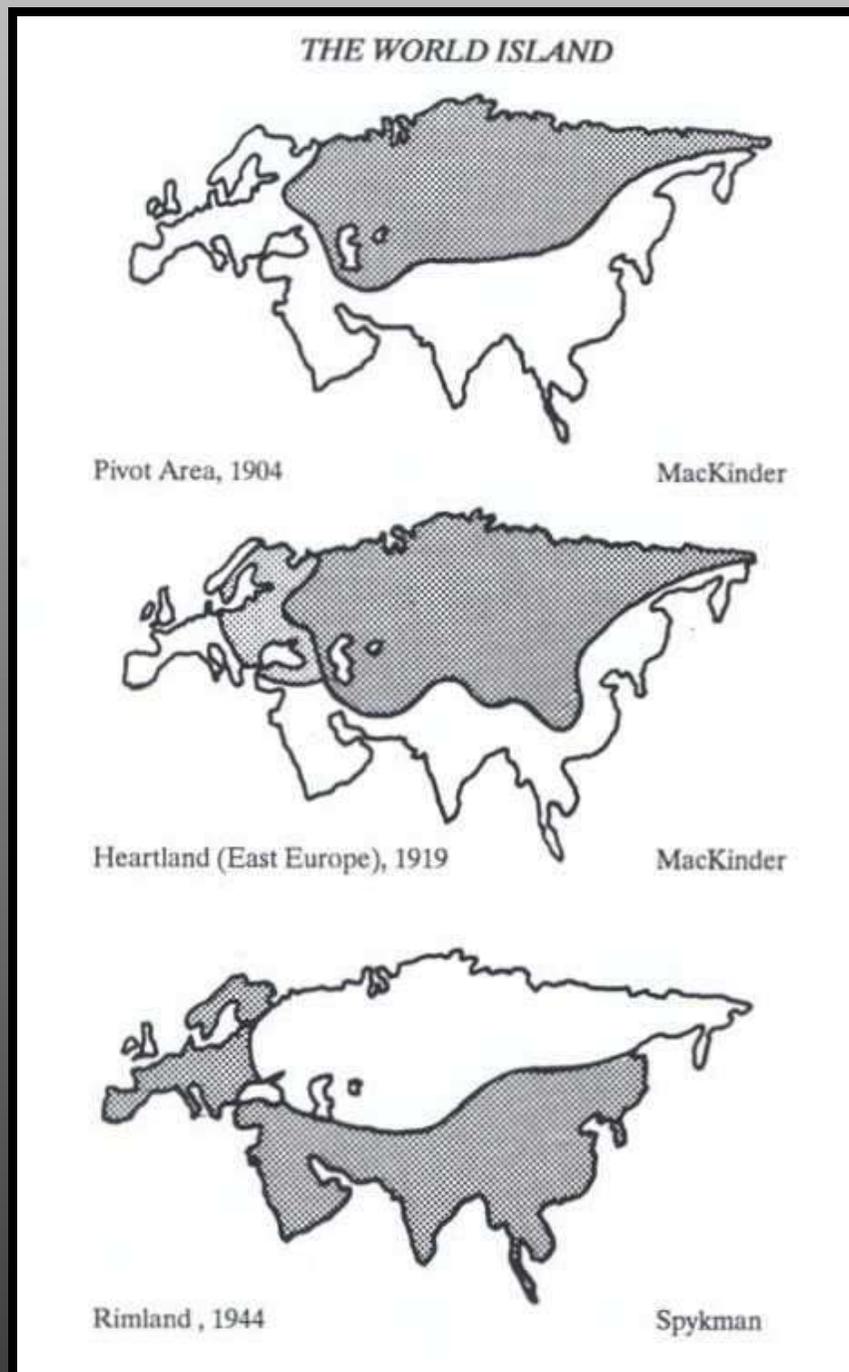


FIGURA 21 – De Mackinder a Spykman
Fonte: OHIO STATE UNIVERSITY AT NEWAR HOMEPAGE, [ca. 2000].

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

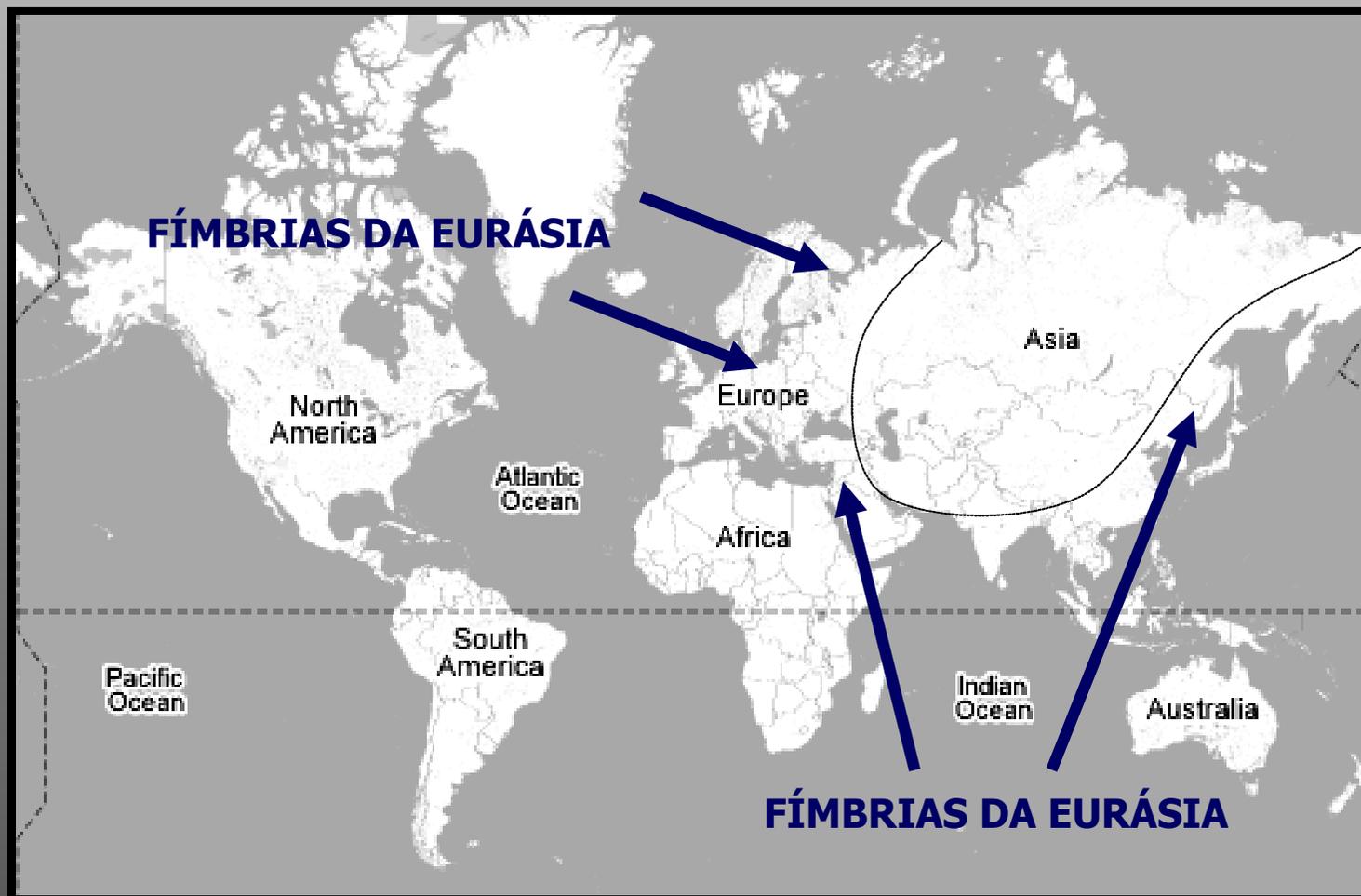


FIGURA 22 – Mapa: teoria das fímbrias
Fonte: MAFRA, 2006, p. 140.

sobre
SPYKMAN

MAPA
RELACIONADO

ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

01 02 03
04 05 06
07 08 09
10 11 12
13 14 15
16 17 18
19 20 21
22 23 24
25 26 27
28 29



FIGURA 23 – Fotografia de Douhet
Fonte: FORZEARMATE.ORG, 2006.

Utilizando como argumento o fator emocional em suas avaliações geopolíticas, o general italiano Giulio **Douhet** (1869-1930) apresentou o bombardeio intenso dos centros vitais do inimigo e a ofensiva aérea como ações relevantes para abaixar o moral da população inimiga e, conseqüentemente, sua vontade de prosseguir lutando. Defendia que apenas a arma aérea poderia decidir a guerra no futuro. “A arma aérea, a arma suprema, podia ela só irromper sobre os inimigos e obter a decisão, atacando em massa os centros vitais do adversário”.

Para **Douhet**, o Exército e a Marinha não deveriam considerar a Aeronáutica somente como um meio auxiliar, mas verdadeiramente como uma terceira força armada. Com a sua teoria, surgiu o conceito de domínio do espaço aéreo, no qual a conquista do domínio do ar é um requisito indispensável para realizar, com vantagem, as operações de guerra no terreno e no mar.



sobre
SEVERSKY

ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

01 02 03

04 05 06

07 08 09

10 11 12

13 14 15

16 17 18

19 20 21

22 23 24

25 26 27

28 29

Alexander **Seversky** (1894-1974), piloto naval russo, naturalizado norte-americano, deu continuidade aos estudos de Douhet e arquitetou uma força aérea independente das forças terrestres e navais, com aviões de grande raio de ação e bases de apoio nas costas próximas às principais rotas oceânicas.



FIGURA 24 – Fotografia de Seversky
Fonte: SKY CORNER, [ca. 2000].

Sobre uma carta geográfica, de projeção azimutal eqüidistante e centrada no Pólo Norte, Seversky dividiu o globo terrestre em duas grandes áreas de domínio aéreo: uma dos Estados Unidos e outra da União Soviética. A área de sobreposição dos dois domínios, que envolvia quase todo o hemisfério norte, foi denominada "área de decisão". Segundo Seversky, para sua segurança, os Estados Unidos deveriam manter o predomínio nessa área.

sobre
DOUHET

MAPA
RELACIONADO

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27
- 28 29

sobre
DOUHET

sobre
SEVERSKY

MAPA
RELACIONADO

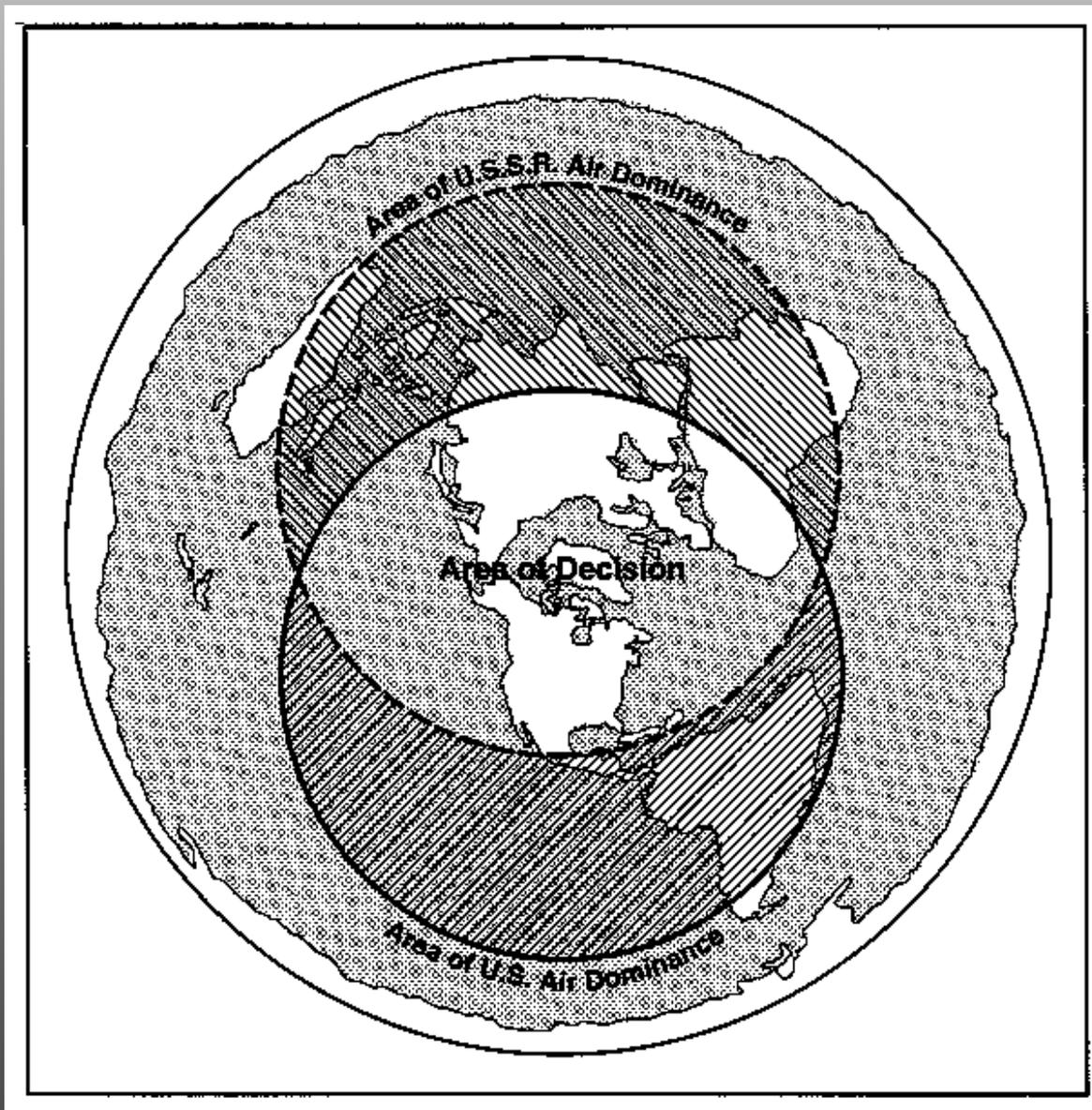


FIGURA 25 – Mapa: teoria do poder aéreo
Fonte: NATIONAL DEFENSE UNIVERSITY, [ca. 2000].

ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

01 02 03
04 05 06
07 08 09
10 11 12
13 14 15
16 17 18
19 20 21
22 23 24
25 26 27
28 29

Cronologicamente, o primeiro modelo geopolítico sobre a nova ordem mundial foi elaborado em 1989 pelo cientista político americano, de origem japonesa, Francis Fukuyama (1952-), ao publicar o ensaio "O fim da História?" na revista *National Interest*.

Anteriormente apresentada por Hezel e Marx, a questão sobre o fim da história é retomada em um contexto muito oportuno: a queda do Muro de Berlim. Fukuyama exaltou uma suposta vitória final da democracia do Ocidente e o natural término da rivalidade ideológica que, desde a Revolução Russa, condicionava a oposição entre as potências. Nesse enfoque, no pós-Guerra Fria restaria lugar somente para a competição econômica entre as empresas.

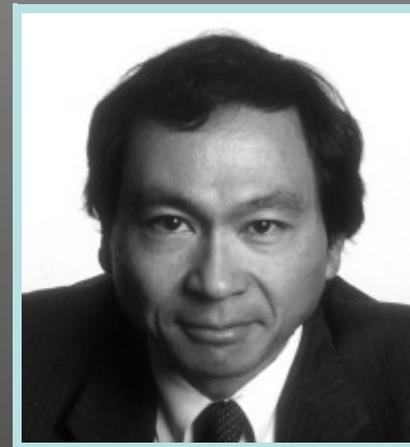


FIGURA 26 – Fotografia de Fukuyama
Fonte: LIPMEISTER.COM, [ca. 2000].



ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

01 02 03
04 05 06
07 08 09
10 11 12
13 14 15
16 17 18
19 20 21
22 23 24
25 26 27
28 29

MAPA
RELACIONADO 1

MAPA
RELACIONADO 2

Em 1993, Samuel Phillips **Huntington** (1927-), diretor do Instituto de Estudos Estratégicos de Harvard e professor de Relações Internacionais, abordando o tema de distribuição de poder, estabeleceu uma nova apreciação sobre a geopolítica. Seus postulados foram apresentados no artigo “Choque das civilizações?”, publicado na revista *Foreign Affairs*.

Em linhas gerais, a teoria de Huntington explica que os conflitos presenciados no mundo de hoje não são necessariamente ideológicos ou econômicos, mas sim de origem e de ordem cultural. O autor apresenta um componente de aproximação ou afastamento das nações — o cultural — que, tradicionalmente, não era considerado pelos analistas de relações internacionais. “No mundo pós-Guerra Fria, a cultura é, ao mesmo tempo, uma força unificadora e divisiva.”, afirma.



FIGURA 27 – Fotografia de Huntington
Fonte: BANK MILLENNIUM, [ca. 2000].

ANEXO B

**MENU
PRINCIPAL**

FIGURAS

- 01 02 03
- 04 05 06
- 07 08 09
- 10 11 12
- 13 14 15
- 16 17 18
- 19 20 21
- 22 23 24
- 25 26 27

28 29

sobre
HUNTINGTON

**MAPA
RELACIONADO**

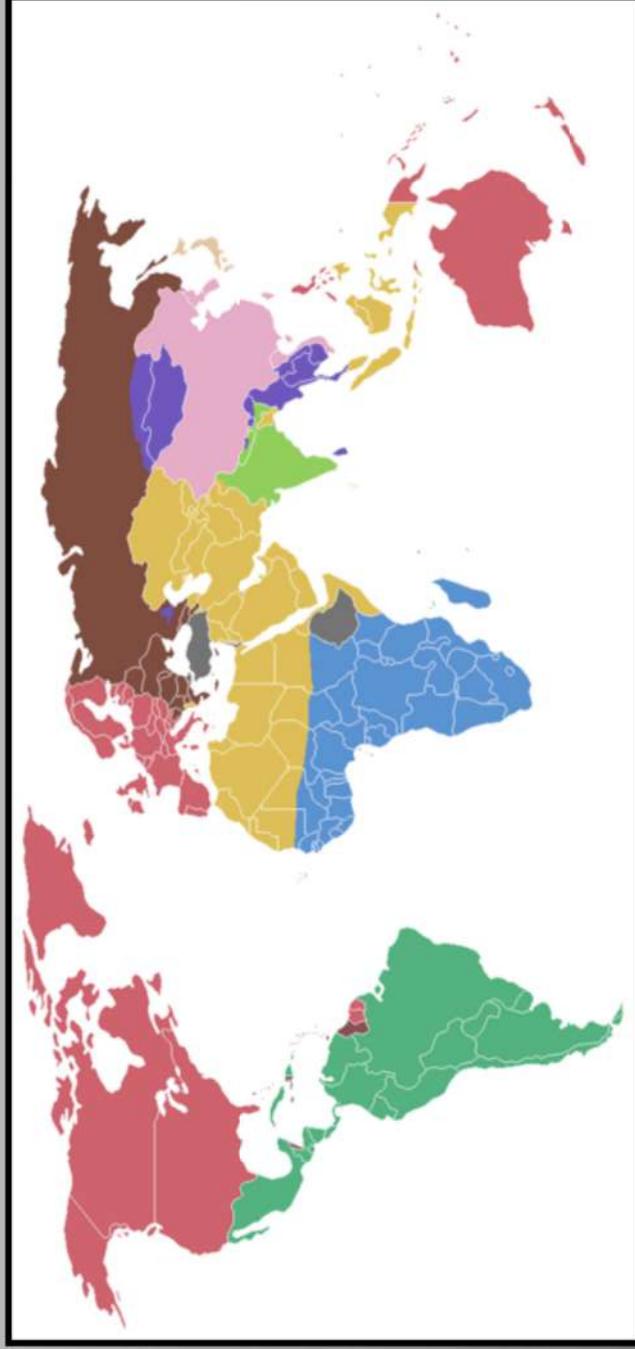


FIGURA 28 – Mapa: choque de civilizações, pós-1990
Fonte: MARK ELROD 'S LAME – O WEBLOG, 2007.



ANEXO B

MENU PRINCIPAL

FIGURAS

01 02 03
04 05 06
07 08 09
10 11 12
13 14 15
16 17 18
19 20 21
22 23 24
25 26 27
28 29



FIGURA 29 – Fotografia de Brzezinski
Fonte: PALMA, [ca. 2000].

Em seu livro “O grande tabuleiro de xadrez”, publicado em 1997, o polonês naturalizado americano, Zbigniew Kazimierz **Brzezinski** (1928-), cientista político e ex-assessor de Segurança Nacional dos Estados Unidos (no governo Jimmy Carter), apresentou suas concepções geopolíticas para o mundo pós-Guerra Fria.

O tabuleiro — a Eurásia — foi dividido em quatro regiões e, para cada uma, estabelecida uma política específica a ser praticada pelos Estados Unidos. As regiões receberam os seguintes nomes: “Ponte Democrática”, “Buraco Negro”, “Âncora do Oriente” e “Balcãs da Eurásia”.

MAPA
RELACIONADO



REFERÊNCIAS

- BANK MILLENNIUM.** *Fotografia de Huntington.* Warszawa, Polónia, [ca. 2000]. Disponível em: <http://www.millenet.pl/o_banku/11548/?_a=12603>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- BRZEZINSKI,** Zbigniew. *The grand chessboard – American primacy and its geostrategic imperatives.* New York: Basic Books, 1997. 223 p.
- DEEPSPACE4.** *Mapa: teoria do poder terrestre.* [S.l.], [ca. 2000]. Disponível em: <www.deepspace4.com/pages/answers/swarming/images/mackindersworld.gif>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT.** *Mapa: principais oleodutos do Iraque,* Londres, [2003?]. Disponível em: <store.eiu.com/product/asset_images/CP_CPIQ_MAIN_20030701T_000000_003.gif>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA.** *Fotografia de Mahan.* Chicago: Encyclopædia Britannica, 2007.
- EVA,** Fabrício. *Fotografia de Ratzel.* Research on Anarchism, [S.l.], 2005. Disponível em: <raforum.info/article.php3?id_article=3040>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- EXECUTIVE WILDRNESS PROGRAMMES.** *Fotografia de Mackinder.* Cilyewn, reino Unido, [ca. 2000]. Disponível em: <www.webklassen.info/webklassen/tc/glossary.html>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- FORZEARMATE.ORG.** *Fotografia de Douhet.* Preganziol, Itália, 2006. Disponível em: <www.forzearmate.org/sideweb/2006/approfondimenti/scuola_militare_am_giulio_douhet_firenze_16032006.php>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.** *Mapa do Iraque.* Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>. Acesso em: 04 ago. 2007.
- KRÁLOVSTVI MAP.** *Mapa do Iraque.* Olomonc, República Tcheca, [ca. 2000]. Disponível em: <www.kralovstvimap.cz/php/index.php?page=catalogue-list&country_id=35>. Acesso em: 04 ago. 2007.
- LIPMEISTER.COM.** *Fotografia de Fukuyama.* [S.l.], [ca. 2000]. Disponível em: <images.google.com/imgres?imgurl=http://lispmeister.com/images/FukuyamaFrancis.jpg&imgrefurl=http://lispmeister.com/images/&h=214&w=200&sz=13&hl=pt-BR&start=38&um=1&tbnid=FgqYhZ5oy47YaM:&tbnh=106&tbnw=99&prev=/images%3Fq%3DFUKUYAMA%26start%3D20%26ndsp%3D20%26svnum%3D10%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26rls%3Dcom.microsoft:pt-br:IE-SearchBox%26rlz%3D1I7ADBR%26sa%3DN>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- MAFRA,** Roberto Machado de Oliveira. *Geopolítica: introdução ao estudo.* São Paulo: Sicurezza, 2006. 226 p.
- MARK ELROD ´S LAME – O WEBLOG.** *Mapa: choque de civilizações pós-1990.* searcy, Arkansas, Estados Unidos, 2007. Disponível em: <www.markaelrod.net/wp-content/uploads/2007/02/clash_of_civilizations.png>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- NATIONAL DEFENSE UNIVERSITY.** *Mapa: teoria do poder aéreo.* Washington, [ca. 2000]. Disponível em: <www.ndu.edu/inss/books/Books%20-%201998/Military%20Geography%20March%2098/mgmap43.gif>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- OHIO STATE UNIVERSITY AT NEWARK HOMEPAGE.** *De Mackinder a Spykman.* Newark, Ohio, Estados Unidos, [ca. 2000]. Disponível em: <www.newark.osu.edu/rklingensmith/ussr/>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- PAGINA PERSONALE DI GERMANO DOTTORI.** *Mapa: teoria do poder terrestre,* Roma, [CA. 2000]. Disponível em: <it.geocities.com/gdottori2004/image007.jpg>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- PALMA,** José. Introdução à estratégia. *Enciclopédia,* [S.l.], Portugal, [ca. 2000]. Disponível em: <www.encyclopedia.com.pt/readarticle.php?article_id=36>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- PEDROSA,** Fernando Velôzo Gomes. *Mapa: teoria das fimbrias.* Palestra sobre geopolítica realizada na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2007. Arquivo do autor.
- REVISTA PANGEA MUNDO.** *Mapa: povos do Oriente Médio.* Mensagem de pangea@uol.com.br recebida por claudio@azevedo.com em 31 maio 2007.
- SKY CORNER.** *Fotografia de Sveresky.* [S.l.], Rússia, [ca. 2000]. , [ca. 2000]. Disponível em: <www.airwar.ru/history/constr/foreign/constr/seversky.html>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- THE GREAT GAME.** *Mapa do Iraque, oleodutos.* [Lisboa], [ca.2000]. Disponível em: <greatgame.no.sapo.pt/mapas/PIPELINE.jpg>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- ZIONOFASCISM.** *Mapa do Iraque, oleodutos.*2007. Disponível em: <zionofascism.wordpress.com/2007/02/18/54/>. Acesso em: 05 ago. 2007.



C-PEM 2007